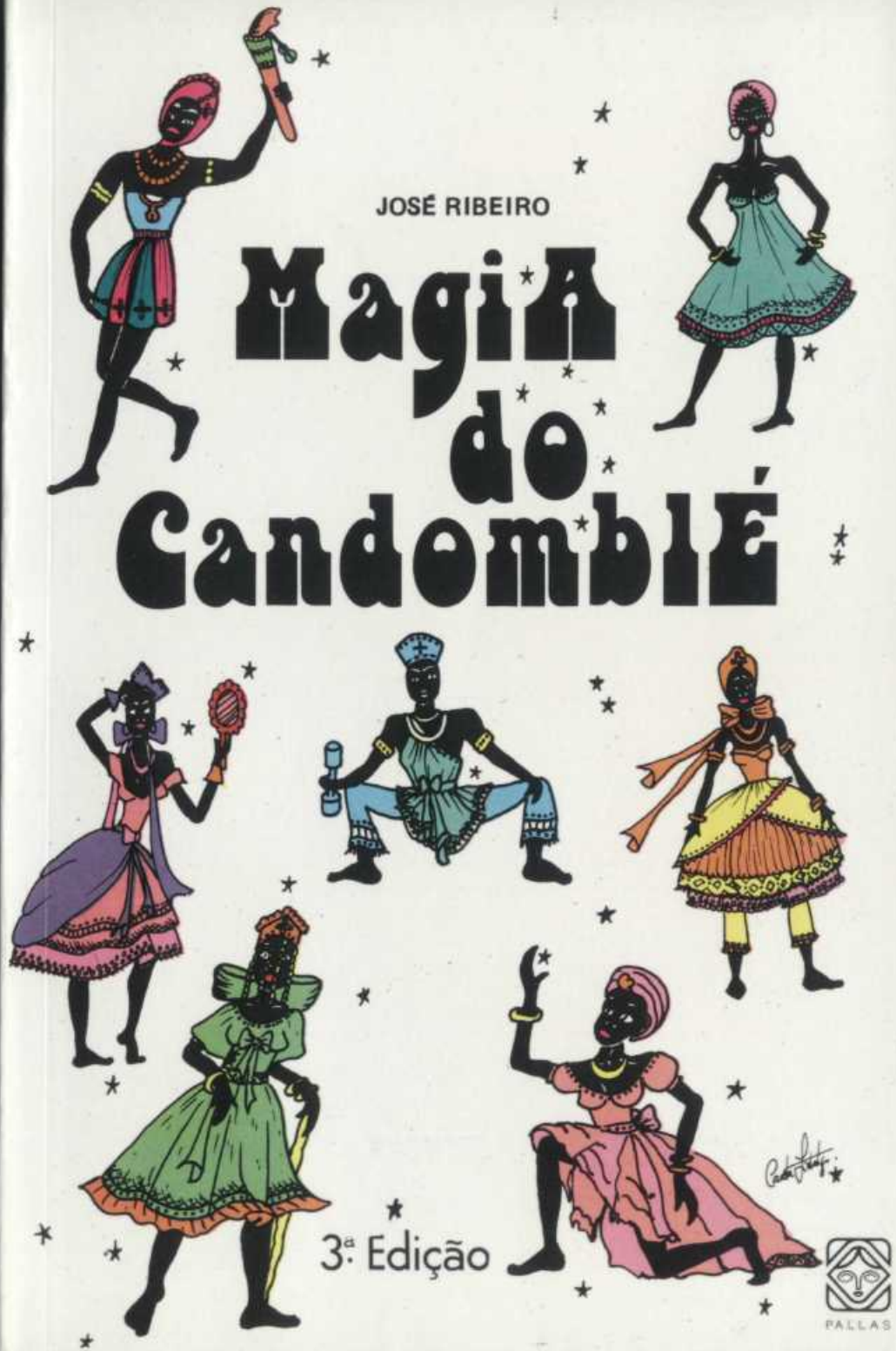
JOSÉ RIBEIRO

Magia do Candomblé



3ª Edição

PALLAS

Magia do Candomblé

Enriquecendo a enorme coleção afro-brasileira, eis que surge mais esta obra "Magia do Candomblé", assegurada na sua contextura pela assinatura irretorquível do Prof. José Ribeiro, sem contestação o mais lido e procurado de todos os escritores do ramo.

Na discorrência de seus capítulos, "Magia do Candomblé" se nos apresenta com passagens concludentes, mostrando, inclusive, na conceituação do autor, episódios altamente ilustrativos e endereçados ao conhecimento dos praticantes e professantes dos cultos afro-brasileiros. E, não fugindo à tônica da temática abordada, a obra relaciona em suas inserções e a cada página ministrações entendíveis e sólidas, capazes de dirimir dúvidas, até então, pairadas sobre matéria da mais inteira complexidade.

Em mais este trabalho, o autor, nome internacionalmente reconhecido e aclamado como a maior autoridade em Candomblé, introduz tópicos os mais importantes, fornecendo ensinamentos indispensáveis às diferentes realizações intrínsecas aos mistérios e fundamentos dos cultos. O seu surgimento no mercado prendeu-se à necessidade em dar aos estudiosos e, até mesmo, aos babalorixás menos acuidados, uma pilastra de arrimo na preparação e execução de trabalhos da maior importância.

A Magia do Candomblé

ISBN 85-347-0050-8

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

Ribeiro, José, 1930-
R369m A Magia do candomblé / José Ribeiro. — Rio de Janeiro : Pallas,198 .

Biografia do autor.

1. Candomblé — Brasil I. Título

85-0731 CDD — 299.60981

A QUADRAGÉSIMA OBRA DE

José Ribeiro

A Magia do Candomblé

3ª Edição



Rio de Janeiro
1994

Copyright © 1985 by
José Ribeiro

Ilustrações cedidas
pelo autor

Capa: Carla

Composição: Cid Barros

Montagem: Luiz Sérgio

HOMENAGENS

À minha Mãe *Iansã Egun-Nitá,* com a gratidão eterna, na certeza de sua proteção.

★ ☆ ★ ☆

Ao meu *Pai Oxóssi,* no reconhecimento, curvo-me, pleno de respeito e agradecido.

★ ☆ ★ ☆

Ao seu *Tranca-Ruas das Almas,* a inabalável gratidão pelos benefícios alcançados.

★ ☆ ★ ☆

Ao seu *Chico-Diabo,* na sua sabedoria e conhecimentos, e orgulho de tê-lo por entidade.

★ ☆ ★ ☆

Ao seu *Boiadeiro Navizala,* todo o meu respeito e gratidão.

★ ☆ ★ ☆

Ao seu *Cachoeirinha,* a extensão de meu firme reconhecimento.

★ ☆ ★ ☆

Aos Senhores *Mestres da Jurema:* Mestre Carlos, Mestre Malunguinho, Mestre Zezinho do Acais, Mestre Tertuliano, Mestre Zé Pelintra, Mestra Maria do Acais, Mestra Luziara, Mestra Almerinda Africana, meu reconhecimento eterno.

PÓSTUMAS

À memória de minha saudosa e inesquecível mãe carnal *Aquilina Francisca da Conceição* (Mãe Kilu), meu amor eterno, rogando a glória da paz do Reino de Oxalá.

★ ☆ ★ ☆

À minha Mãe-de-Santo *Dálcia Maria do Nascimento* (Mãe Dálcia do Gantois), que Oxalá a tenha em seu reino.

★ ☆ ★ ☆

Ao saudoso irmão e Babalorixá *Carlos Leal Rodrigues*, a nossa imorredoura lembrança.

★ ☆ ★ ☆

Aos meus filhos-de-santo Antônio Rogério Dias (Aunjo-Alê), Edmar Xavier de Oliveira (Oyá-Becy), Maria da Silva Costa (Obakilegy), Maria da Penha (Mazalarê), Maria da Penha de Paula (Omim-Taladê), José Al Valentim (Oyá-Zumbalé), Maria Regina (Obatundê), a nossa saudade eterna.

★ ☆ ★ ☆

Ao inesquecível amigo Waldomiro do Carmo (Miro), a lembrança permanente dos que ficaram.

A todos os babalorixás e ialorixás, o descanso eterno na paz de Oxalá.

ÀS AUTORIDADES DO CULTO

Táta-ti-Inhice Olegário Luiz Medeiros (Odé-Aualê); Babalorixá Jorge de Iemanjá; Babalorixá Djalma de Lalu; Babalorixá Aderman Francisco da Cruz; Babalorixá Humberto de Magalhães (Beto do Diabo); Babalorixá Miguel Tangerina; Babalorixá Arruacemo; Babalorixá Odilon de Oxóssi; Babalorixá Edu B. da Silva "Pai Edu" (Vice-Rei do Candomblé no Brasil); Babalorixá Anedito Fernandes dos Santos (Príncipe do Candomblé no Brasil); Babalorixá José Paiva de Oliveira; Babalorixá Guilherme D'Ogum; Babalorixá Benjamim Figueiredo; Babalorixá Pedro Miranda; Babalorixá José Benedito Maciel; Babalorixá Geraldo de Iansã; Babalorixá Armando de Ogum; Babalorixá Manoel de Exu; Babalorixá Jorge de Oxóssi; Babalorixá Sérgio Freitas; Babalorixá Carlos Romeiro da Silva (Rodasil); Babalorixá Bira da Oxum; Babalorixá Fernando Costa; Babalorixá Josemar D'Ogum; Ialorixá Lourdes de Iansã (Princesa do Candomblé no Brasil); Ialorixá Arlete Moita (Embaixatriz da Umbanda); Ialorixá Magdalena; Ialorixá "Preta" de Iansã; Ialorixá Belinha de Oxóssi; Ialorixá "Mãe Olga" de Oxalá; Ialorixá Jubiladé da Oxum; Ialorixá Mazza-Kessy da Oxum; Ialorixá Oyacemi de Iansã; Ialorixá Alaguinã de Oxalá; Ialorixá Irine Chaves Fortes (Katulembá), o meu abraço fraterno e firme amizade.

AOS MINISTROS DE XANGÔ

Dr. Cézar Lúcio da Cruz, Jornalista Rubem Brandão de Souza, Jorge Neves Bastos (Jorge Goulart), Jornalista Celso Rosa (Decelso), Babalorixá João Batista de Souza, Arnaldo Scheneider, Babalorixá e Jornalista Octacílio Ferreira Duque Estrada, Dr. Dirceu Rodrigues Mendes, Dr. José Chebedim, Dr. Claudionor de Aguiar, Abeilard Goulart de Souza e Dr. Sylvio Skinner Lopes, a minha satisfação e o reconhecimento por tê-los como insígnes personalidades do "Palácio de Iansã".

AOS OGÃS DA CASA

Antonio Viturino de Aguiar (Veneno), Arino Francisco da Cruz (Palito), Amabel Rodrigues Couto (Bel), Hélio Rosendo Soares (Feijão Comprido), Humberto Silva, Cláudio Ribeiro de Souza (Claudinho), Eduardo Gomes (Samito), Carlinhos Marabô, Ubirajara de Oliveira (Bira), Ivo Batista (Pepé do Calo), Alexandre Bispo (Corró), Beto da Kinambogy, Gilberto (Beto Garrafinha), Mauro Sérgio (Maurinho), Carlinhos (Destilaria), Rodrigues (PM), e Alexandre Cézar Ribeiro de Souza, todo o meu reconhecimento pelos valiosos serviços prestados.

ÀS EKÉDES DA CASA

Luzia Medeiros, Cleny Rodrigues, Beatriz dos Santos, Sevenilda Batista da Silva e Luciana Gomes, todo o meu carinho e agradecimento.

AOS CONFRADES E AMIGOS

Astróloga, Dra. Nena Martinez, Nora Ney, Vereadora Bambina Bucci, Deputado Átila Nunes, José Beniste, Boanerges Lavra, Hermenegildo Cavalcante, Cavalcante Bandeira, Dr. João Xavier, Dr. Rossini Lopes da Fonte, Deputado Sebastião Menezes, Dr. Flores da Cunha, Jornalista Carlos Vinhais, Jornalista Ruy Calheiros Bonfim, Jornalista Léo Montenegro, Cel. Victor Cândido Maia Castro, Dr. Natalício Tenório Cavalcante, Dr. José Costa Filho, Dr. José Guedes, Dr. Leôncio de Aguiar Vasconcelos, Meritíssimo Juiz de Direito, Dr. Hugo Barcelos, Dr. Coriolano Nery, Dr. Moacyr Rodrigues do Carmo, Prefeito Hidéckel de Freitas Lima, Dr. J. S. Chagas Varela, Dr. W. W. da Matta e Silva, Jornalista Ricardo Serran, Jornalista Carlos Imperial, Jornalista Eurycles Aragão, Jornalista Jo-

sé Guedes Moura, Jornalista Jorge de Oliveira, Jornalista Ismael Rangel, Jornalista Jorge Mascarenhas, Radialista Edson Santana, Jornalista J. A. Barbosa, Jornalista Lília Rbeiro, Jornalista José Fidélis, Apresentador e Diretor Wilton Franco, Jornalista e Radialista Silvio Medeiros do Vale, Etnólogo Dr. Sebastião Rodrigues Alves, Sociólogo Amaral Fontoura, Sociólogo A. Rabaças, Folclorista Renato de Almeida, Professor Afrânio de Oliveira, Professora Júlia Coelho Kuiak, Professora Célia Tupogi, Compositor Nélson Cavaquinho, Editor Franccesco Molinari, Editor Natali Molinari, Editor Ernesto Emmanuele Mandarino, Editor Mangione, Sr. Kurt Scheer, Casal José Antonio Rosa, Ekéde Angela Lopes Rosa (Ialoyá), jovens Fabíola, Alessandra, Cristiane e Viviane Lopes Rosa (todos de Belo Horizonte), o tributo da minha firme amizade e admiração.

FILHOS-DE-SANTO

Elisa B. Marinho	(Egun-Nitá)	Iansã
Geraldo	(Olojú-Onirê)	Ogum
Vera Lúcia	(Sindoyá)	Iansã
Clotilde Ferreira Alves	(Omindeuá)	Oxum
Carlos Alberto Ladaga	(Delanguange)	Oxóssi
Ruth Gomes	(Mônа-Ymê)	Iansã
Avany Queiroz	(Batulassange)	Oxóssi
Antonio Gomes Ramos	(Aladel)	Oxalá
América Maria de Souza	(Gitalambô)	Oxóssi
Nair Prado de Almeida	(Omindandê)	Oxum
Irene Chaves Fortes	(Katulembá)	Omulu
Anelina Ferreira	(Yatinã)	Iemanjá
Jovelina S. L. Peixoto	(Namburê)	Nanã
Jair dos Santos Lima	(Mikeuála)	Oxóssi
Therezinha da Cruz	(Mananguê)	Omulu
Maria E. Z. dos Santos	(Taugenã)	Ogum
Álvaro Félix de Mello	(Mucassy)	Oxóssi
Neversina Silva	(Kinambogy)	Xangô
Casemira M. Moreira	(Oyá-Sirê)	Iansã
Basília E. dos Santos	(Omin-Silê)	Oxum
Genésia P. de Azevedo	(Nansulê)	Nanã
Clotilde Castro Ayres	(Oyacemy)	Iansã
Maria J. G. da Silva	(Ominlandê)	Oxum
Antonio S. Martins	(Italogy)	Xangô
Antônio G. dos Santos	(Afungelê)	Iansã
Wanda Almeida Lima	(Oyá-Guirê)	Iansã
Lúcia Gouveia	(Italobá)	Xangô
Maria Gonçalves	(Leuácy)	Oxum
Maria J. da Silva	(Mônа-Uassy)	Iansã
Jorge Faraco	(Motulecy)	Oxóssi
Marilene Gomes da Silva	(Ibanegy)	Omulu
Maria M. Moreira	(Oyanivanju)	Iansã
Ivone Leão L. da Silva	(Mazalel)	Oxum
Nair Sabino	(Kavunkilin)	Obaluiaê
Edmir Dias	(Obalacuzuê)	Xangô
Helena de A. Bastos	(Oyakitemy)	Iansã
Carlos A. Bastos	(Odéluange)	Oxóssi
Carla de A. S. Coutinho	(Odécinã)	Oxóssi
Vera L. da S. Pereira	(Mônaturê)	Iansã
Rosângela O. de Souza	(Azuanecy)	Omulu
Ana L. I. de Jesus	(Mônakinã)	Iansã
Nadir da Silva	(Alaguinã)	Oxalá
Erondina F. da Silva	(Kavunkinã)	Obaluaiê
Joana D'Arc da Silva	(Mazaleuá)	Oxum
Vera Lúcia Sabino	(Gangalemin)	Ossanhe
Maria Luiza Lopes de Assis	(Bamburê)	Iansã
Margarida de Azevedo Mariano	(Kavungecy)	Obaluaiê
Ana Maria Bezerra dos Santos	(Mucambalé)	Iansã
Tania Maria de Oliveira	(Oyanegy)	Iansã
Mariza do Amor Divino	(Indeloyá)	Iansã
Zenir Cordeiro Gomes	(Deleamaze)	Oxum
Deusuita de Carvalho L. e Silva	(Sambamuquiamaze)	Oxum
Ruth Mendes	(Azuáni-Kessy)	Omulu

Antonio Frederico	(Kafuloango)	Omulu
Lúcia Alves dos Santos	(Oyá-Ganju)	Iansã
Léo F. da Silva	(Babá-Ibô)	Oxalá
Robson F. da Silva	(Ibará-Gun-Kinã)	Ogum-Xoroquê
Joana Eugênia Henrique	(Taúnarê)	Ogum
Luiz Roberto Satt da Cruz	(Ibará-Lonã)	Bombo-Gira
Iêda das Neves	(Tumbarecy)	Oxóssi
Abigail da Silva	(Azuani-Kojy)	Obaluaiê
Carlos Augusto Farias	(Kissambalé)	Iansã
Sebastião Ladislau da Silva	(Itanijé)	Xangô
Filismina Dias Duque	(Oyamineju)	Iansã
Evandro Norbim	(Ibá-Fuman)	Omulu Intôto
Maria Pinto de Magalhães	(Mônaziré)	Iansã
Suely Miranda Pinheiro	(Oyá-Rungé)	Iansã
Saura Vale da Silva	(Mutambalé)	Iansã
Jurema Marcelina da C. Martins	(Savulaê)	Obaluaiê
Jane Lima da Silva	(Môna-Kissange)	Iansã
Solange Martins	(Oyá-Nijé)	Iansã
Edilene de Fátima Barros	(Omim-Leuá)	Oxum
Solange dos Santos	(Kitalemim)	Oxum
Micheline Françoise	(Lundareuá)	Iemanjá
Kátia	(Mazalanguê)	Oxum
Bernardete	(Mônavuru)	Iansã
Lúcia	(Alafanim)	Oxalá
Magnólia	(Maza-Kessy)	Oxum
Hilda	(Omim-Cessy)	Oxum
Luiz Carlos Pinto	(Savú-Lefum)	Omulu
Adalgisa Maria da Silva	(Maza-Luango)	Oxum

APRESENTAÇÃO

MEUS PREZADOS irmãos em Oxalá, mercê de Deus e dos Orixás, quero dar-lhes o meu Mukuiú, o meu Colofé, e o meu Mutumbá. Já se vão quase 30 anos que venho colaborando com a literatura afro-brasileira, procurando ser útil a todos os adeptos da seita. Agora, chegou o momento de depositar em vossas mãos uma relíquia. Considero assim uma relíquia, por achar que os fatos aqui abordados jamais foram divulgados. Nesta obra, abordo quase que todas as cerimônias ocultas do Candomblé.

A obra em questão foi feita com muito carinho com a ajuda dos Srs. Ivo e Ignácio, os quais, com muito cuidado, souberam datilografar a mesma.

A MAGIA DO CANDOMBLÉ é para mim qual uma chuva de raios luminosos caindo não só em vossas mãos, mas, patenteando, ainda, em vossos cérebros, sólida segurança para os trabalhos de nossa querida religião. A MAGIA DO CANDOMBLÉ constitui-se numa interminável fonte de saber, onde os que já conhecem A MAGIA DO CANDOMBLÉ irão ficar contentes, e os que não tiveram ainda a oportunidade de vê-la, irão sentir e tornar conhecimento dos seus mistérios.

A MAGIA DO CANDOMBLÉ reúne desde os rituais primitivos até os atuais. Os leitores observarão uma perfeita consonância entre as narrativas e ensinamentos nas suas ações tópicas, aparecendo, destarte, o indispensável emprego da mais substancial etnologia. Imprimi, ainda, fora os meus 38 anos de santo feito, pesquisas diversas, em torno dos seguintes escritores: Edson Carneiro, Luiz da Câmara Cascudo, Donald Pearson, Pierre Verger, Arthur Ramos, Nina Rodrigues e muitos outros, por sentir que se tratava de uma obra de importante seriedade, e, ao concluí-la, senti-me mais à vontade para depositá-la em vossas mãos, com mais confiança, segurança e fé.

É chegada a hora de trazer a luz da verdade aos seguidores da nossa seita, os mistérios do nosso Candomblé, sabendo o quanto vem se desenvolvendo o Candomblé no Brasil, e se espalhando pelo mundo afora, com penetração em todas as camadas sociais, dia a dia se impondo, e aumentando o número de adeptos, a ponto de já preocupando as outras religiões.

Senti que era chegada a hora de transmitir aos meus irmãos o que aprendi durante estes 40 anos de lutas. Além do mais, tendo observado o quanto de deturpação vem sofrendo nossa religião, já por si mesclada, e desejoso de preservar o ritual na sua íntegra o mais possível, garantindo a continuidade de seus fundamentos básicos, foi que tomei a liberdade de elaborar a presente obra: A MAGIA DO CANDOMBLÉ.

É meu desejo sincero que a muitos seja útil e proveitosa. Se assim me expresso é para que todos saibam que tenho direito de escrever sobre o assunto, pois não se trata de um leigo, mas sim, de um sacerdote do culto, que muito lutou pela religião trazida da África, pelos seus antepassados. Com a certeza que o mundo Celestial, com seus Orixás, Mestres, Caboclos e Pretos Velhos, não é tão inatingível ou distante como muitos pensam, é que sinto-me à vontade para lhes falar sobre eles.

A MAGIA DO CANDOMBLÉ. Assim sendo, preparem-se, pois que, com o advento desta obra, os leitores irão participar, mentalmente, das grandes cerimônias ocultas e penetrar nos segredos e mistérios do nosso Candomblé.

Cordialmente,
AGÔ-NU-KUÊ

Prof. José Ribeiro de Souza
Rei do Candomblé no Brasil e Cardeal-
Primaz da Igreja Espiritualista do Brasil

PREFÁCIO

É PRAXE em edição o Prefácio, que é quase sempre de encomenda, dizer das qualidades do escritor, valores que o mesmo possui e até mérito literário. É o lugar comum. Procuro através deste Prefácio fugir do lugar comum. Os livros de José Ribeiro, seqüer precisam de apresentação, é ele certamente o Pai-de-Santo mais popular do Brasil. Este é o seu quadragésimo livro, que apresenta uma perspectiva nova em termos de leitura sistematizada sobre os Cultos Afro-Brasileiros.

A história de publicação constante no Brasil de literatura Afro-Brasileira começa com ele, a partir de 1950, esmiuçando aspectos ainda ocultos do Candomblé e capítulos como Menga, Exés, Bambará, Babô, Ambaquista, Makonde, Candomblé da Casa Branca e Missa dos Malês, são verdadeiros achados que enriquecerão os estudiosos dos Cultos Afro-Brasileiros e também os praticantes.

É nossa esperança que outros Babalorixás e Yalorixás se lancem também em pesquisas por melhores obras que possam enriquecer a parca literatura.

Fico, portanto, com muito pouco e acrescentar sobre *MAGIA DO CANDOMBLÉ*. Com a certeza do sucesso de sempre.

Prof. Fernandes Portugal

CAPÍTULO I
ORIGENS

CANDOMBLÉ É o nome dado na Bahia às cerimônias africanas, representando para seus adeptos as tradições dos avós, de um país longínquo, quase fabuloso. Tradições mantidas tenazmente o que lhes deu a força de ficar sendo eles mesmos, apesar dos preconceitos e do desprezo em que eram tidas suas religiões e a obrigação de sujeitar-se à dos senhores. O Candomblé os faz membros de uma família espiritual para a qual eles são praticamente preparados. Esta forma de organização social lhes dava uma segurança e estabilidade que eles não encontraram sempre na nossa civilização. Poucos países há que os descendentes dos negros liberados da escravidão conservaram, como na Bahia, esta fidelidade a sua origem africana ainda que dando impressão de adotar as tradições da classe dominante. Com confiança na fé real que guardaram no poder de seus Orixás e de seus Voduns, que ficaram para eles, nas horas de amargura, como o mais seguro rochedo contra a angústia e as humilhações e, nos momentos de alegria, lhes traria o sentimento exaltante do gênio de sua própria raça.

Veremos além que, no curso das cerimônias, os corpos dos adeptos são visitados pelos deuses, guardando eles reflexos que os enobrecem e engrandecem. Por meio de purificações e domesticações humilhadas se tornam filhas e filhos dos deuses, respeitados e cortejados.

É bem difícil definir em poucas palavras o que é o culto rendido aos Orixás e Voduns.

Na África, o Orixá ou Vodum é força da natureza, algo de aspecto sobrenatural, um fenômeno poderoso que se estabeleceu, fixou-se para cuidar de um ser humano em um lugar determinado. Um pacto de aliança e de interdependência se dá entre esta força e este homem que se torna o primeiro *Alaxé* (para os Nagôs ou Iorubás) ou *Voduns* (para os Fons). Interdependência porque o *Ashá* (poder sagrado) do Orixá, para guardar sua força, tem necessidade de receber os sacrifícios e as ofertas feitas pelo Alaxé, a medida mesma onde se fazem os sacrifícios e as oferendas prescritas e o mantém em boa situação para que ele continue a fazê-las. Para significar sua escolha o Orixá (ou Vodum) dera em geral um sinal, um objeto testemunho, pedra de raio (hacha neolítica) se se trata do trovão, seixo do riacho (se se trata de uma divindade das águas) etc. A advjnhação pelo Ifá confirma esta indicação e faz saber se se trata de uma divindade, ligando-se a um templo já estabelecido ou se se deve erigir um outro. A fixação do Orixá consta de elementos muito numerosos: certas terras e folhas, diversos ossos de animais.

O Alaxé pronuncia fórmulas de invocação que são conhecidas por ele e pelos seus sucessores, afim de que nenhum outro possa participar no pacto feito com a divindade. O Orixá, mesmo depois de sua fixação, não é materializado nas pedras ou objetos que lhes são consagrados. Estes são simples suportes de seu Axé. O Orixá permanece imaterial, isto é, é força, mas força domesticada, familiar. O primeiro Alaxé estando com a força de que forma o complemento torna-se em geral um Orixá. *É o culto do ancestral divinizado que é estabeleci-*

do por seus descendentes. Serve de intermediário entre os vivos e a força. No curso das cerimônias, os louvores são pronunciados e as danças executadas também. Elas atualizam e louvam as paixões, as guerras, os altos feitos do ancestral místico. É pela execução mesmo desses atos rituais que poderão ser qualificadas as palavras do passe que os iniciados dão aos poderosos ancestrais superiores a prova de sua filiação e de sua vontade de manter a ligação. Em resposta a estes apelos, veremos adiante aqueles, em sinal de aceitação, tomam posse de seus descendentes. Esses louvores, *palavra de passe,* nos fazem tocar num ponto importante das religiões e da organização familiar do baixo e médio Dahomey. Trata-se do que os Yorubas chamam *Oriki.* Esses atos rituais, saudações, nomes, divisas, louvores especiais de uma família ou de uma divindade, são por vezes espécies de "canções de Gheto" e de árvores genealógicas onde são invocados fatos em relação com a família ou com a divindade. A recitação de um Oriki permite ao membro da família, abandonado e perdido de vista desde muitas gerações, de se fazer reconhecer e de dar a prova de seu parentesco. Esta é toda a história da família desde suas origens com todos os incidentes que a marcou. E ainda, pela recitação do Oriki de um Orixá, um adepto aprova sua dependência e se mostra digno de proteção.

No Brasil, os terreiros ou templos de influência Nagô são compostos de Pejis ou os altares das divindades, do barracão, grande sala para as cerimônias públicas, muitas vezes ornamentadas de estátuas e de imagens de santos católicos. Há, ainda, câmaras e quartos diversos onde vivem as pessoas agregadas ao terreiro quando devem cumprir suas obrigações para com os Orixás. A responsabilidade do culto é do zelador, ou zeladora, chamados ainda pai-de-santo ou de mãe-de-santo, ou ainda *Babalorixá* ou *Ialorixá.* Esta função é comumente exercida por uma mulher, particularmente nos terreiros de nação Keto. Os pais ou mães de santo são auxiliados pelos pais ou mães pequenas que são ocupados em caso de necessidade pelo *Alagbê,* responsável pelos tambores, o *Axôgum* encarregado dos sacrifícios e os *Ogans,* dignitários escolhidos entre os simpatizantes dos Orixás.

Há os filhos e filhas de santo (*Yalorixás ou Iawôs*) dedicados às divindades. Estes últimos são recrutados em diversas nações. Uma pessoa pode, no curso da cerimônia, ser tomada de um transe violento e cair desmaiada aos pés de uma divindade que dança. Uma outra pode ter um sonho singular, fazer a procura de um objeto estranho, sofrer uma doença inexplicável e se ver auxiliado para a adivinhação que um Orixá a escolheu como *iawô.* Estes filhos e filhas de santo, uma vez designados pela divindade, devem nascer para uma vida, a vida da seita. Aí fazem um período de retirada e de iniciação de um ano a 18 meses.

A iniciação não consiste forçosamente na revelação de um segredo, mas quase sempre na aprendizagem do comportamento, quase inconsciente e maquinal, dos deuses no curso das cerimônias. As obrigações para com as divindades requer sacrifícios de animais e ofertas de alimentos, em particular, no Peji.

Para as cerimônias públicas que se seguirão, o barracão é decorado de bandeiras de papel nas cores do Orixá festejado naquele dia. Durante a festa, os

tambores que compõem a orquestra, três de tamanho diferente, transmitem uma série de apelos ritmados aos diversos santos, porque cada um tem o seu ritmo particular.

Exu Elegbá, é chamados antes; é o mensageiro dos outros deuses e, como tem um caráter difícil, é preciso contentá-lo primeiro para evitar, que perturbe ou provoque dificuldade no curso da cerimônia.

As iawôs cantam e dançam em seguida para cada Orixá. Assim, cantam louvores, alusões aos caráteres dos deuses, apelos à sua proteção, e ainda fazem um ato de submissão. Os orixás respondem algumas vezes a estes apelos. Sendo imateriais elas não podem se manifestar senão através de seus iawôs que eles põem em transe e de que eles tomam posse, como se incorporado neles. Os iawôs tornam-se os Orixás.

Os deuses são recebidos com gritos e louvores, montados sobre os Iawôs eles vão se prostar diante da orquestra, a mãe-de-santo e os Ogans do terreiro são recebidos no Peji pelos encarregados de cuidá-los. Os Iawôs são ainda vestidos de roupagens que caracterizam os Orixás e recebem suas armas ou seus objetos simbólicos. Uma vez convenientemente revestidos, todos esses deuses voltam em grupo para o barracão. Eles formam um *Panthéon* muito completo e dançam uns após os outros diante da turba recolhida.

Os deuses que se manifestam no curso desta cerimônia são: *Ogum* — Divindade dos ferreiros, dos guerreiros, dos agricultores e, de todos os que trabalhando usam o ferro. Mas ele aparece de preferência como guerreiro. Dança armado de espada e incentiva a guerra e os combates. *Oxosse* — Divindade dos caçadores. Ele traz um arco e flechas e sua dança representa a caça. *Omulu* — Considerado como a divindade da varíola e das doenças contagiosas. É revestido de palha, à vista, coberto porque a lepra o desfigurou, leva na mão uma vara de palmeira decorada de fitas ou um gancho de ferro. Sua dança simboliza as doenças, os sofrimentos, os corpos deformados e trôpegos.



COSTUMES

VAMOS descrever alguns costumes dos negros naturais de *Oió*, capital de Iorubá.

O africano costuma enfeitar o corpo das crianças colocando no pescoço e na cintura, corais (contas de tamanhos diversos), notadamente o *Laquidibá* (espécie de contas pretas trabalhadas em chifre de búfalo). Os adultos porém trazem pendentes do pescoço um patuá, ou amuleto, pequena bolsa de couro contendo um objeto pertencente ao anjo da guarda, uma conta do santo, um búzio, um pedacinho de milhomes ou arruda, um dente de alho, raiz de dandá (dandá é uma raiz, que introduzida na boca abranda o mal humor da pessoas com quem se vai tratar algum negócio). Como preservativo de olhado ou malefício, fica subentendido que para isso era invocado ou "encantado" para determinar o preceito.

Na cidade de Lagos, no mês de janeiro, há uma diversão pomposa, em que se exibem indivíduos mascarados, denominada *Damurixá* (festa da rainha). Nela, apenas tomam parte os filiados do clube, que se encarregam da realização, não sendo facultativo a quem deseja se mascarar. Os soberanos e seus ministros participam do divertimento, recolhendo-se antes de terminar.

Os feitiçeiros Nagôs conhecem certos segredos de telepatia e hipnotismo, que têm intrigado a ciência moderna. Os seus curamentos perfeitos no tratamento da tuberculose, pneumonia e câncer. Os seus métodos são tão positivos que a Universidade de Johannesburg criou um departamento especial dedicado aos estudos dessa medicina primitiva e dos seus medicamentos e fenômenos sobrenaturais. Na verdade, os curandeiros africanos já sabiam dos reflexos do subconsciente, do pânico, dos complexos de culpa e dos efeitos resultantes das palpitações do coração e glândulas sudoríparas, muito antes que os neopsiquiatras notassem tais fatos. Durante séculos foram usados testes primitivos de averiguação de mentira, entre os Zulus. Formava-se um círculo ao redor do acusado e os tambores começavam a tocar. Quando o nervosismo atingisse ao máximo, o curandeiro anotava as transformações orgânicas que logo acusaria o culpado de mentira, ou não, pelas palpitações do coração e pelo cheiro de suor. Eis aí, para que todos saibam, que os nossos irmãos africanos não são tão rudes como muitos pensam, pois é de seus costumes, que a ciência moderna vem se preocupando.

Os selvagens *ituris* usam dente de leopardo como dinheiro. Cada dente tem um valor específico, sendo que as presas alcançam o valor mais alto. Não tendo bolsos e nem bancos, os *mabudas* levam os dentes em colares e no penteado, para que todos observem.

A estranha forma de pepino na cabeça dos *magbetus* é obtida apertando os ossos macios das crianças recém-nascidas, a fim de dar as cabeças a formação de acordo com a tradição da tribo.

Os peritos nas canoas são os *sage-mas,* já que eles as fabricam com capacidade de até 80 pessoas em pé. O patrão marca o ritmo das remadas batendo um tambor na proa.

Cabe também citar os irmãos dos *Nagôs,* pois quando precisam de alimentos, os nativos colocam uma forquilha de varas no chão e, à sua volta, 10 dançarinos executam um estranho ritual que dura toda a noite.

Os nativos *Nagôs* batem ininterruptamente os seus tambores durante dias a fio, sempre que se torna necessário reunir as tribos vizinhas ou propagar o sinal de "pé-de-guerra". Curiosos penteados caracterizam as mulheres dos chefes das tribos. Os cabelos são presos por meio de tiras de couro (correia), de modo a formar uma espécie de funil, que ornamenta a parte posterior da cabeça. Na cerimônia anual da dança do fogo, os nativos andam e dançam de pés nus sobre brasas sem sofrerem queimaduras.

Os africanos costumam esticar desmesuradamente os lábios, colocando neles um disco, cujo tamanho é aumentado a cada ano que passa.

SACRIFÍCIOS

Na religião africana, a maioria das obrigações são acompanhadas de matança de animais de várias espécies. O sacrifício é uma das mais importantes cerimônias dentro da lei africana, pela exigência de diferentes preceitos e requisitos atribuídos a quem oferece e de quem a realiza. Dentro da organização de terreiro, há sempre uma pessoa, além, é claro, do babalorixá ou ialorixá, especializada na sua execução: é o chamado *Axogum.*

Uma matança mal feita é sempre rejeitada, e, via de regra o Orixá a quem a mesma destina-se cobra-a em dobro, até mesmo em triplo. Daí, deduzir-se a enorme responsabilidade de seu executor. Para um perfeito desempenho da obrigação, compete ao sacerdote espiritual do terreiro observar o máximo cuidado no preparo do mão-de-faca, para a prática da difícil e perigosa missão. Somente poderá exercer a função de Axogum pessoa devidamente feita, onde, no período de seu aprendizado, tenha tido conhecimento básico de tão importante parte. Precisará ele conhecer a maneira correta de executar a matança para cada Orixá, bem como animais correspondentes, sexo e cor, e pontos apropriados. Observar, ainda, a variação de uma para outra nação. Muita gente pensa que pelo simples fato de ter assistido ao sacrifício de um animal está perfeitamente apta a fazê-lo. Quando acontece ser feito por inexperiente, o resultado é sempre desastroso, tanto para quem o realiza, quanto para quem está oferecendo. É necessário, portanto, que o preceito de mão-de-faca seja recebido dentro dos fundamentos do ritual adequado. Sem tê-los recebido, nunca se poderá realizar sacrifício de animais. Para uma configuração mais concludente, cabe a indagação: quem poderá dar o que não tenha recebido?

MAGIA

A MAGIA é apenas a "arte de reduzir ao serviço do indivíduo e do grupo social, por certas práticas ocultas e de aspecto mais ou menos religioso, as forças da natureza, ou de captar as influências do mundo invisível". O caráter egocêntrico da magia e a sua tendência para reduzir as forças da natureza à vontade e ao interesse exclusivo do homem, denunciam toda uma idéia de sobranceria e de egoísmo, incompatíveis com o conceito da religião. Além disso, é sobre sofismas que se baseiam os processos mágicos. Já que a magia é uma arte, a arte de captar as forças da natureza e do mundo invisível, e de as reduzir ao serviço do homem, ela pressupõe a crença num dinamismo, por vezes, no animatismo e até no animismo. O dinamismo atribue aos seres da natureza uma energia mais ou menos independente ou uma virtude; o animatismo confere-lhe uma personalidade e uma vontade, e o animismo, além de uma personalidade e uma vontade, uma alma ou um espírito. O animatismo conduz, sobretudo, a um naturismo, e o animismo a um feiticismo. Por isso, e com rigor, o naturismo e o feiticismo consideram-se capítulos da magia. O naturismo é a religião, enquanto tem por objeto fenômenos, corpos ou forças da natureza, tidos por animais e conscientes. O feiticismo é a materialização do animismo, tal como atrás o consideramos. É palavra derivada de feitiço, um objeto vulgar sem algum valor intrínseco, mas que o negro guarda, venera, adora, porque crê ser a morada de um espírito. O amuleto e o talismã entram no rol dos feitiços, entendidos estes, no seu sentido mais genérico, que é o de preencher o objeto que tem em si de um poder misterioso e inconsciente, trazido para dar sorte em certas desgraças. O Talismã é um pequeno objeto ornado em sinais cabalísticos e destinados a exercer uma ação determinada sobre as coisas ou acontecimentos, mudando-lhes a natureza ou seu curso. Nem sempre é trazido como amuleto. Coloca-se muitas vezes nas portas, nas casas, nos campos, nas senzalas e nos caminhos.

Para Sartre, o imaginário, toda magia é imaginação, e toda imaginação é magia. A ser assim, em todoas as nossas funções mentais, lá estaria de algum modo, a atitude mágica.

Bergson escreve que a crença mágica constitui "a exteriorização de um desejo que enche o coração". Há neste conceito de magia, portanto, em relação ao de Sartre, uma menor extensão.

Também, não devemos considerar a magia dos Bantus apenas como "a arte de reduzir ao serviço do indivíduo ou do grupo social, por certas práticas ocultas e de aspecto mais ou menos religioso, as forças da natureza ou de captar as influências do mundo invisível". Embora este conceito seja verdadeiro, em nossa opinião a magia é mais qualquer coisa. Todo ato mágico consiste na exteriorização de um desejo cuja origem, sem qualquer contradição, pode estar ou nas necessidades e conveniências coletivas ou nas preocupações individuais, as quais, pela sua razoabilidade mágica, ganharão foros coletivos dentro em breve. A concepção e a estrutura das sociedades nativas de origem, isto é, isentas do contato de civilizações alheias, mostram quão temerário é aceitar sem reservas as teorias sociológicas da natureza da magia, ou, ao contrário, teses

como as de Freud e semelhantes. O indivíduo surge bastante amalgamado no grupo, de modo que aquilo que for do indivíduo pertence ao grupo, e o que for do grupo pertence ao indivíduo. Não encontramos entre os quiocos qualquer tipo de ritual mágico, peculiar a um indivíduo ou a um determinado grupo de indivíduos, que, mesmo num dos seus mais íntimos pormenores, não tivesse a concordância e a aceitação de todos. Também entre eles as idéias dos indivíduos ou desaparecem mais cedo ou mais tarde, ou se transformam em crenças coletivas.

"Error comunis facit jus" (o erro geral torna-se lei).

As fontes de magia tanto podem estar numa auto-sugestão do indivíduo como numa alto-sugestão da sociedade, visto que a magia é mais qualquer coisa que a captação de forças da natureza e do mundo invisível.

MENGA

Nossa preocupação única, neste artigo, é de proclamar seu valor, sobretudo nos cultos da Umbanda e do Candomblé, religiões tão deturpadas, mas sublimes, e que encontram justificativas na Bíblia — o livro dos livros — para as suas solenidades. Umbanda e Candomblé são cultos que decepcionam críticos menos atentos, quando se dispõem a combater a ridicularizar aquilo que não conhecem, nem ampla nem conscientemente. O que principalmente interessa no culto é a *menga* (sangue). A menga contém uma essência, a vida, e por isso é condenado o seu uso como alimentação e não é permitido de modo algum ingeri-la. O sacrifício de animal, aves de dois pés, não tem a significação que lhe emprestam: interpretações maledicentes de que se destina a ser atirado nas encruzilhadas, através da prática ritualística específica, faz-se com ele o transporte de qualquer malefício e permuta-se o doente pelo animal, a fim de poder o paciente reconquistar a saúde. No ato do nascimento, recebe o ser o seu *Eledá* anjo da guarda), o princípio da vida, força elementar da natureza. Dela é o ser impregnado, no momento em que se verifica o ato do nascimento, pela oferta do seu Orixá. Nada mais elementar e consciente do que agradecer ativamente o bem ofertado. É ainda por intermédio e pelo extraordinário valor da menga (sangue), que o afro-brasileiro devolve à entidade e que ela lhe ortogou, concedeu. A exemplo da menga, procura-se insistentemente negar-se a influência das coisas. Mas, o menosprezo às regras que antigamente eram tabus não vem tranqüilizando o enfermo na obtenção de produtos farmacêuticos de combate aos diferentes males, quer pela inexistência de possibilidade aquisitiva, quer pela inoqüidade.

EXÉS

Os *exés* são os *Amacis,* preparados com as ervas dos Orixás, destinados a diversos fins. Há *amacis* para a feitura do Orixá, para tirar o Vumbe etc. São usados na lavagem da cabeça. Os preceitos e ervas abaixo citados embora representem o usado nos candomblés da Bahia, são organizados de acordo com o comumente usado no ritual praticado em quase a totalidade dos Xangôs do Recife, nos terreiros que praticam a Seita afro-brasileira. Para o preparo de um amaci procede-se da seguinte forma: 1º) o encarregado da colheita das ervas (*mão-de-ofá*), empregando todos os requisitos do ritual usado para isso, fará o apanhado das seguintes ervas: mangericão, malva cheirosa, alecrim do jardim, folhas de colônia, folha de arruda, folhas de laranjeira, mulungu, folhas de mangueira, folhas de lacre, espada de São Jorge, espada de Santa Bárbara, folhas de palmeiras, folhas de dendezeiro; 2º) para o preparo do amaci (o Exé), colocam-se todas as folhas dentro de um alguidar, despejam-se sobre elas águas dos Orixás, isto é, das moringas dos Orixás. Com as mãos, então, são as ervas maceradas e trituradas; 3º) deixa-se, então, "clareando" por 7 dias, tendo permanentemente uma vela acesa — dia e noite — pelo mesmo espaço. Nunca mais do que esse tempo; 4º) ao término dos 7 dias, poderá ser usada para fazer o *amaci,* sendo empregado na lavagem da cabeça da pessoa a que se destina; 5º)sempre que se tratar de pessoa já "feita", esse amaci é acompanhado de secrifício de animais, cujo sangue é colocada dentro do pote.

OTÁ

Nos cultos de Omolocô, Nagô e Cabinda, usa-se o *assentamento do Otá.* No culto de Congo, o *Otá* denomina-se *abiteké.* São bonecos feitos de argila e que representam os *bacuros,* com suas vestes características. Nos acima mencionados, o Otá é indispensável. São pedras vivas, especialmente escolhidas, conforme o Orixá. Depois de "assentados" e "consagrados", têm grande valor. A pedra de Xangô, como exemplo, embora sendo branca, transforma-se na cor encarnada, quando da aproximação da chuva, principalmente se relampeja. A pedra de Iansã, ou pedra do raio, é granito preto, em formato de machadinha, que, em certas épocas, enterra-se profundamente no solo, só retornando à superfície depois de 7 anos. A pedra de Oxum tem o nome de *Olho-d'água,* e é colhida em fonte corrente. Temos a pedra de Oxalá e dos demais Orixás, conforme o ritual. Há uma pedra de grande valor magnético, pertencente a Ogum, denominada por uns, de pedra de *Sevá,* e por outros, de *pedra-imã,* que se alimenta de limalhas de aço e ouro, procriando inclusive. Muito pesada e recoberta de limo arrepiado, a pedra de *sevá* é raríssima, devendo quem possuí-la, dispensar-lhe cuidados especiais, sob pena de desgosto e decepções. Quem conhece os preceitos, sabe do alto valor de um *Roncó* ou de um *Peji* que possua essas pedras. É enorme a dificuldade em consegui-las, do mesmo modo que acontece com a pedra de Iemanjá.

EBÓ

Tratando dos costumes africanos no Brasil, abordamos hoje um assunto ainda não compreendido. Despachar Ebó é dar cumprimento a uma promessa. O Ebó consiste de um vaso de barro, contendo retalhos de madrasto novo, pipocas, acarajés, aberéns, acaçás, galinha, farinha com azeite de dendê, obis, orobôs, dinheiro em prata ou cobre, e, em algumas ocasiões, um bode ou carneiro morto, trapos de fazendas vistosas, pedaços do vestuário da pessoa beneficiada — depois de passado pelo corpo — isto é, em se tratando de retirada de moléstia. A seguir, o Ebó é depositado numa encruzilhada ou em lugar onde duas ruas formam um ângulo. Quando se pretende afastar um inimigo, atira-se pipoca à rua.

Borrifa-se com água a porta principal de qualquer habitação, cumpre-se uma promessa a finalidade de alcançar bom êxito nos negócios. Para se desfazer de um mau vizinho ou impedir alguém de desventura, é bastante abandonar em lugar distante um embrulho com farinha e azeite e evocar, no momento, o nome da pessoa a quem se queira produzir qualquer dano. Igualmente, para atingir o mesmo efeito, costuma-se enterrar na porta de entrada, no quintal, ou mesmo no interior da casa, uma pequena bolsa de couro, contendo pé de sapo ou amuletos. Contudo, alertamos aos nossos leitores que não adianta a prática do mal, visto que haverá o choque do retorno. O mal que enviamos para os nossos inimigos para nós voltará. Oxalá de tudo tomará conta e dará solução.

DESPACHO

As ervas usadas para os banhos têm dois poderes mágicos: o positivo e negativo, conforme a hora em que são colhidas. Existem nelas os elementos não encontrados em nossos organismos. Assim, de acordo com o nosso *elemento,* devemos tomar aqueles banhos, obedecendo, todavia, a erva própria de cada Orixá, colhidas em época certa, levando-se em conta, ainda, a finalidade. No preparo desses banhos usam-se dois processos: queimar-se a erva ou cozinhá-la.

Já o banho de *abô* requer uma infusão de ervas, sendo usada para aliviar os sofrimentos, purificando o *cassueto.*

Todas as ervas, para que se obtenha o resultado desejado, devem ser colhidas dentro das fases lunares. Cada fase da lua exerce uma influência sobre as mesmas. Citaremos agora essas fases e suas utilidades, na colheita certas das ervas destinadas aos banhos: a) *Quarto minguante:* despacha-se o mal. As pessoas que desejarem curar seus males espirituais ou maléficos deverão tomar o banho das ervas específicas do seu *eledá,* dando ao despacho o destino certo; b) *Quarto crescente:* faz-se o banho para a retirada dos maus olhados, para atrair coisas boas; c) *Lua cheia:* banhos de afastamento dos males e a abertura dos caminhos; d) *Lua nova:* perigosa para lidar-se com ciências ocultas. Não se deve iniciar ou executar determinados trabalhos.

O cambono de despacho tem de saber o destino certo a ser dado aos males retirados do corpo de cada um, obedecendo sempre a parte negativa de cada Orixá. O Cassueto deve ter o corpo limpo, visto que é constante a atração deste para as más influências. Atualmente, não usam só cambonos de despacho. O Cambono de despacho deve usar três guias: a do seu eledá, a de Exu e a de Pomba-gira.

EVOCAÇÃO

Todas as ações vistas e desonroladas nos terreiros de afro têm sua explicação à luz da ciência. As forças, em que se equilibra o culto, foram descobertas pelos antigos sacerdotes africanos, que a puseram em prática através de longas experiências de comprovação, mas que não deixaram tal pesquisa registrada em qualquer forma de caracteres, a fim de que pudessem chegar aos nossos dias de maneira clara e sem motivos para controvérsias. Como na Kabala, ela foi transmitida de forma oral a elementos capacitados para este fim, e com a aprovação dos altos senhores do culto e, indispensavelmente, dos Orixás. Pode-se notar que esta maneira de se transmitir os segredos, verificou-se não só nos cultos afros. Lembramos que a tradição oculta dos Hebreus, Egípcios e Caldeus — para citarmos três grandes povos que se notabilizaram nos seus conhecimentos esotéricos — também chegaram aos nossos dias da mesma forma, sendo que poderíamos destacar, para exemplo, das figuras de Moisés, Hermes, Salomão e outros, homens escolhidos a dedo para não deixar que perdessem as tradições e o contato com a Unidade Divina.

Aliados à parte oral, os pesquisadores encontraram a verdade, através de uma outra forma muito importante: as palavras, sendo uma forma de se expressar uma idéia, não tem o mesmo significado com o decorrer dos tempos. A literatura africana é muito pobre nesse sentido e isso se deve ao fato de que, se por um lado os velhos babalaôs africanos não possuíam uma forma adequada para transmitir tais ensinamentos, por outro lado havemos de convir que a localização de suas cidades e seu modo de vida, eram muito rudimentares, onde só vieram conhecer algum progresso material quando da ocupação de suas terras pelos portugueses, franceses e ingleses.

CAPÍTULO II

SINCRETISMO AFRO-CATÓLICO

Tendo em vista a necessidade de ocultar as vistas dos senhores e dos padres católicos a continuidade do culto aos seus Orixás, no Brasil e em outras partes do mundo, os negros escravos foram adotando santos católicos que pudessem representar os Orixás africanos, rendendo-lhes culto. Assim, podemos observar que até hoje há a mesma ligação. E, de sincretismo existente, temos os seguintes exemplos: *EXU* – São Bartolomeu, na Bahia; *EXU DAS ALMAS* – Santo Antônio, no Rio de Janeiro; *OGUM* – São Jorge, no Rio e em Recife; *OGUM* – Santo Antônio, na Bahia; *ODÉ* – Santo Expedito, no Rio e na Bahia; *ODÉ* – Santo Antonio, no Recife; *OBALUAIÊ* – São Sebastião no Rio e em Recife; *OBALUAIÊ* – São Francisco, na Bahia; *OMULU* – São Lázaro, no Rio e em Recife; *OMULU* – São Roque e São Bento, no Rio e na Bahia; *NANÃ BURUKU* – Sant'Ana, no Rio, na Bahia e em Recife; *OXUM* – N. S. da Glória, no Rio; *OMULU* – N. S. do Carmo em Recife; *IEMANJÁ* – N. S. da Conceição, no Rio, em Recife e em vários Estados; *IEMANJÁ* – N. S. do Rosário, no Rio e na Bahia; *IEMANJÁ* – N. S. das Dores, no Rio; *XANGÔ* – São João Batista, no Rio e em Recife; *XANGÔ* – São Jerônimo, no Rio e na Bahia; *IANSÃ* – Santa Bárbara, no Rio, em Recife e na Bahia; *IANSÃ* – Santa Joana D'Arc, no Rio; *ORIXALÁ* – N. Senhor do Bonfim, no Rio, em Recife e na Bahia.

PAJELANÇA

A Pajelança é uma forma de religião praticada no Amazonas, Pará e Piauí. Sua prática consta de mistura heterogênea de rituais de várias outras religiões. Na Pajelança são encontrados rituais de Candomblé, Xangô, muito ligeiramente Catimbó, Espiritismo, Catolicismo e práticas de origem indígena.

Nas suas reuniões, o Pajé e as demais pessoas presentes às sessões bebem o *tafiá* (cachaça), enquanto o primeiro se prepara para atender as consultas. Após a invocação dos "encantados" que receitam, são almas de animais que encarnam no Pajé, este indica o remédio necessário. O Pajé usa sempre nas mãos um maracá e um feixe de pluma de ema. O único instrumento musical usado na pajelança é o *maracá*, o qual se torna em instrumento mágico quando na mão do pajé. Instrumento sagrado só por ele usado.

É curioso e oportuno consignar que a alma dos bichos incorporados no pajé costumam desejar dançar, brincar e divertir-se. Verificam-se, então, a apresentação de variadas e movimentadas danças. Seus gestos são mímicas, de acordo com os espíritos que as executam. A prática da pajelança inclui a feitiçaria africana e do catimbó, rituais indígenas, etc., e é geralmente muito freqüentada.

AXEXÊ

O *Axexê* é uma cerimônia fúnebre que dentro do candomblé tem a sua origem no culto Nagô. É uma cerimônia que tem início antes que se completem os sete dias após o enterro. É nessa ocasião que se varrem os passos do *egun* (espírito do morto), do *abassá* (terreiro), para que o mesmo não fique a perturbar aos demais que ali freqüentam. Essa obrigação é feita no centro do terreiro, sempre em volta do lugar onde encontra-se o *Ixé*, denominado de mastro central do terreiro, lugar onde encontram-se, ainda, enterrado os *exés, força espíritual da casa.* Convém frisarmos que o axexe não é tocado com atabaques, o que temos observado em diferentes *ilês*, isso acontecendo por falta de iniciação dentro do culto. O *axexê* é feito com cúias que, postas dentro de alguidares, com os respectivos preparos, reproduzem o devido som, acompanhados por potes tocados com abanos. Tudo preparado, os médiuns portando seus contra-Eguns amarrados aos braços, os Ogans, aos pulsos, todos os conteúdos necessários, tais como, as cúias, os potes, as farofas, as garrafas de mel, devem estar depositados nos lugares apropriados. Apagam-se todas as luzes elétricas, clareando-se o local apenas com luzes de vela. O babalorixá dá início à cerimônia, tirando os diversos pontos, enquanto os médiuns dançam de dois em dois, limpando-se com dinheiro em moedas e fazendo seus pedidos.

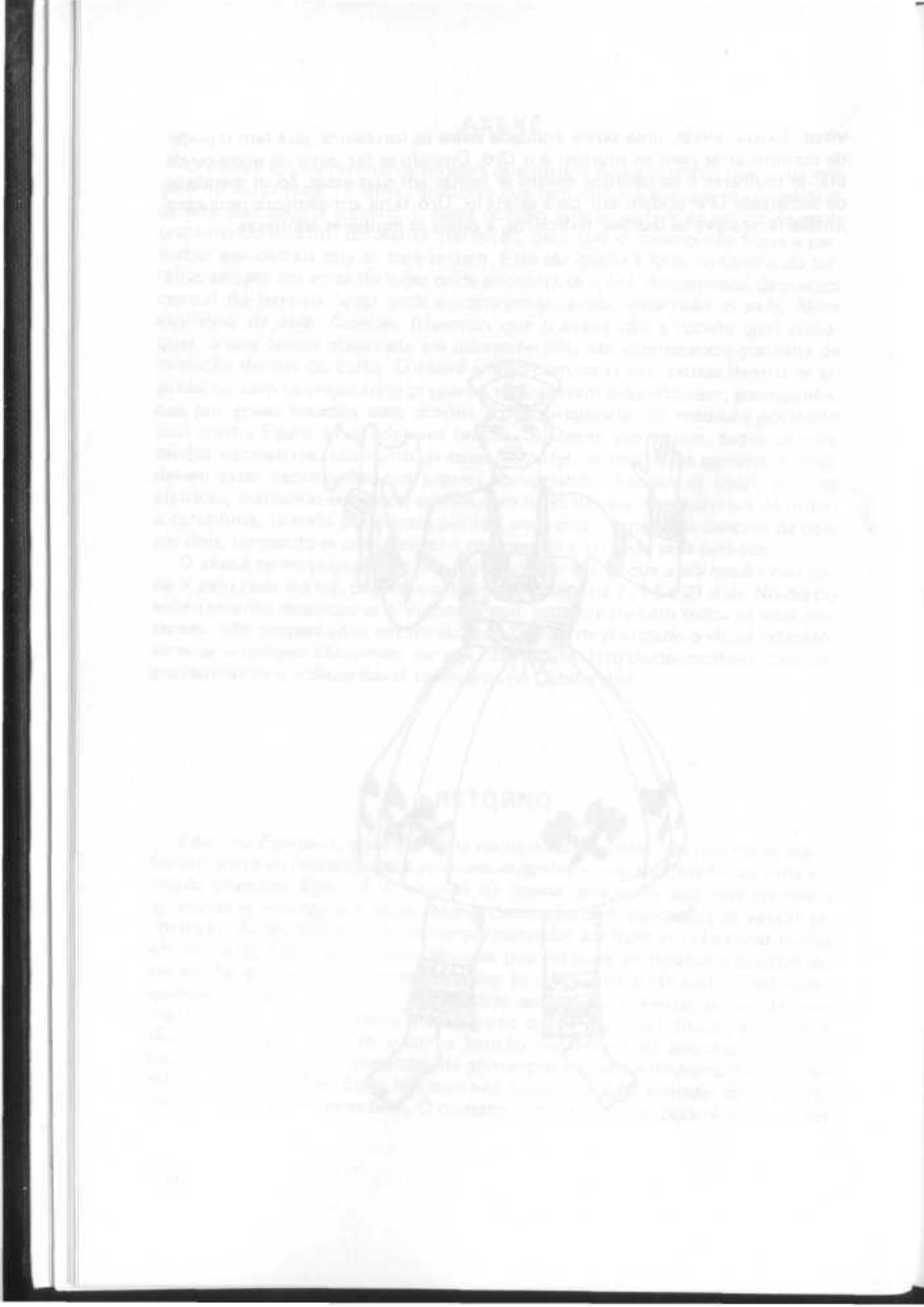
O axexê termina quando o dia estiver clareando, já que a *obrigação* não pode ir pelo raiar do sol, permanecendo pelo espaço de 7, 14 e 21 dias. No dia do encerramento despacha-se o Vumbe, *Egun*, juntamente com todos os seus pertences. São despachados em rio ou mar. Depois de praticado o ritual referido, serve-se o *mingau das almas*, ou seja, dos Eguns. Isto posto, termina mais importantíssima e indispensável cerimônia do Candomblé.

RETORNO

Egun ou *Egungun*, significa alma de pessoas falecidas. Os mortos se manifestam entre os Iorubanos aos seus descendentes – por intermédio de uma entidade chamada *Egun*. É o espírito do morto que volta ao plano terreno e apresenta-se envolto por belas tangas, decoradas com aplicações de veludo recortadas. As sociedades, estritamente reservadas aos homens, são constituídas em torno do *Egun* encarnado. São elas que invocam os mortos e cuidam deles na Terra. Egun é intermediário com as almas que estão além. Costumam aparecer no seio da família, alguns dias após o falecimento de um de seus membros, ou então, durante o transcurso das cerimônias relizadas em memórias do falecido. Ele vem trazer a benção dos ancestrais aos casamentos de seus descendentes. As oferendas de alimentos, bebidas e dinheiro lhes são feitas em suas aparições. Egun fala com voz rouca. Dança à vontade, de preferência ao som dos tambores *batá*. O contato com a sua roupa poderá ser fatal aos

vivos. Existe, ainda, uma outra entidade entre os Iorubanos, que tem o poder de comunicar-se com os mortos: é o *Oró*. Quando se faz ouvir de noite ou de dia, as mulheres e os neófitos devem-se fechar em suas casas. Só os membros da sociedade *Oró* podem sair para saudá-lo. Oró fazia antigamente uma obra justiceira: matava os ladrões, feiticeiros, e punia as mulheres adúlteras.





CAPITULO III
ELEGBARÁ

COMO ALGUNS Orixás ou divindades africanas, no caso de Obaluaiê, também Exu pode ser *Elegbará* ou *Legbá*, segundo o sotaque africano ou dialeto. Já na África, Exu exigia, não por agrado, mas como obrigação, sacrifícios humanos, conforme registra Câmara Cascudo. Tal fato levou certos escribas do culto a qualificarem o ato de absurdo. Mas, observam o que registra o Gênese 22.1 **"acrescentou Deus, toma teu Filho, teu único filho, Isaac, a quem amas, e vai-te a terra de Moriá; oferece-o ali em holocausto, sobre um dos montes".** *Exu Elegbará* ou *Elegbá* é o mensageiro dos outros Orixás. Ele é guardião dos templos, das pessoas, das casas, das cidades. Exu Elegbá obtém seus resultados criando com astúcia mal entendidos. E se alguém, por desconhecimento, lhe oferece alguma coisa que ele não gosta, rejeita-a, e se notar que alguém lhe oferece um presente com desconfiança ou má vontade, pode estar certo, ele o devolve e não mais atende a pessoa em questão.

Quando seu Elegbá se manifesta entre os Iorubanos e os Nagôs, na África, leva na mão um bastão ou pendentes. Tal bastão teria a virtude preciosa para um mensageiro de transportar de distâncias de quilômetros qualquer objeto. Ele tem capacidade nas adivinhações, porque é dele, segundo certas lendas, que o Ifá recebeu o dom. Na Nigéria, na região de Ejebu, dizem que foi mandado ao mundo, na ilha de Ifé, pelo Olojá, proprietário do mercado. Teria sido o primeiro Rei de Keto (Alaketo) e seria o ancestral do primeiro Rei dos Egbás.

No Dahomey, dizem ainda, que ele foi o homem se tornou Vodum, em Ijeto, no país de Ayo, quando passou dias na ilha de Ifé (Nigéria). Foi de lá que seu culto expandiu-se até ao Dahomey. Para os Fons se chama *Legbá* e faz a mesma função que o Exu Elegbá dos iorubanos. Daí vem um caráter mais fálico. Os montes de terra que o representem são sempre rodeadas e volumosas touceiras de árvores. Isto não se faz dele, como muitos viajantes afirmam, nem o deus da fecundidade, nem o da copulação. É a marca do seu caráter truculento, violento e sem vergonha, e seu desejo de chocar os bons costumes.

EXU E POMBAGIRA

Quando da criação do planeta, Zâmbi, Apongo e Zambira Iapongá convocaram para uma reunião em seu palácio, Exu e Pombagira, para que contassem as boas novas do novo planeta. Instados, Exu e Pombagira não se fizeram de rogados e contaram que era necessário que os espíritos vagando na Terra, sem forma e sem conhecerem, como simples espirais, deveriam espiar os seus débitos materializados, já que não passavam de meros espirais, sem se conhecerem e sem saberem o resultado dos seus castigos. Inteligentemente, Exu e Pombagira sugeriram que cada um dos espíritos da natureza, isto é, os Orixás que sabemos são estacionários, tivessem um pouco mais de paciência e fornecessem os elementos químicos e os alimentos para esses espíritos, ficando Exu

e Pombagira com a responsabilidade de arrebanharem em outros planetas espíritos também castigados e os conduzirem a Terra para se juntarem aos que aqui já se encontravam. Após muita delonga resolveu a Cadeia de Zâmbi aceitar as sugestões de Exu e Pombagira, ficando, no entanto, cada Orixá presente com a preocupação da devolução dos elementos químicos e dos alimentos, pois, como é entendido por todos nós, donde se tira e não se põe, esgotam-se as reservas, tendo sido sugerido por Omulu uma nova reunião para posterior deliberação. Houve uma nova reunião e, depois de muito se falar acerca do plano de Exu e Pombagira, ficou assentado o consentimento que isso seria feito, faltando saber, no entanto, como poderiam resgatar os elementos químicos e os alimentos. Olodum que a tudo assistia calado, resolveu se pronunciar e o fez de maneira inteligente dizendo a todos os presentes que não mais se preocupassem, pois ele devolveria os alimentos e as essências químicas.

O PADÊ DE EXU

O *Padê,* cerimônia dos terreiros de origem Nagô-Angola, Keto ou Gege, é feito no início dos trabalhos, e denominada pela maioria de *despacho de Exu.* Despacho ou *Padê* de Exu é a cerimônia de homenagem que se renda ao *Homem da Rua,* que como criado dos Orixás, pode fazer o bem e o mal, indiferentemente, dependendo da vontade do invocante. Tem ainda a homenagem o sentido de lhe pedir licença para realizar a festa, que poderia ser perturbada, pelo fato de não ter sido homenageado. Exu, uma vez reverenciado pelo *Padê,* consegue a boa vontade dos Orixás, para o inteiro sucesso da festa. Como se pode depreender, é ele o mensageiro. Ao início da homenagem, os atabaques começam a tocar, enquanto as filhas-de-santo, em coro, entoam cânticos (curimbas ou cantigas) apropriadas para Exu. A seguir, uma das filhas, geralmente a mais velha, *Dagã* ou *Sidigã,* especialmente designada, dança em redor da comida sagrada. Tira-se um pouco de azeite, de farofa e de água, e vai-se jogar fora da entrada do barracão, para que o *Homem da Rua* possa recebê-los. Depois, as filhas cantam para todos os Orixás.

Em nosso barracão, em todas as cerimônias que realizamos, cuidamos em primeiro lugar do mensageiro dos Orixás. Poucos ainda entendem o significado exato de que seja o *despacho de Exu.* Não representa, como pode parecer, mandar-se embora, mas sim, oferecer-lhe agrado, homenageá-lo, para que ele, Exu, permita que os trabalhos decorram em ordem.

ORIXÁS

OGUM

Divindade dos ferreiros, dos guerreiros, dos agricultores e de todos os que trabalhando usam o ferro. Mas ele aparece de preferência como guerreiro. Dança armado de espada e incentiva a guerra e os combates.

OXÓSSI

Divindade dos caçadores. Ele leva um arco e flecha e sua dança representa a caça.

OMULU

Considerado como a divindade da varíola e das doenças contagiosas, é revestido de palha da costa, a vista coberta porque a lepra o desfigurou, leva na mão uma vara de palmeira, decorada de fitas ou um gancho de ferro. Sua dança simboliza as doenças, os sofrimentos os corpos deformados e trôpegos.

NANÃ BURUKU

Sua mãe e a mais velha das divindades das águas. Ela dança com dignidade como uma pessoa de idade avançada.

OXUMARÉ

O arco-íris. Ele dança mostrando alternadamente o céu e a terra, e traz em sua mão uma serpente de ferro. Estes três últimos Orixás são conhecidos por virem de regiões ditas *Gege Mahi.*

XANGÔ

Deus do trovão, ele dança como Majestade, porque é o ancestral místico dos Reis Iorubás, tendo na mão um *Oxé* (dupla machadinha estilizada). Ele faz igualmente o gesto do Deus em cólera, tirando pedras de seu saco e as lançando contra o solo.

YANSÃ OU OYÁ

Mulher de Xangô, divindade do vento e das tempestades. Ela dança com os braços estendidos como se estivesse desencadeando os elementos e dominando as almas dos mortos (Eguns), que ela é a única que pode afrontar o poder dos Orixás.

YEMANJÁ

Divindade das águas salgadas, ela leva um leque e braceletes de metal prateado. Ela dança interpretando o movimento das águas agitadas. É considerada a mãe de todos os Orixás.

OXUM

Divindade das águas doces. Dança com um leque de cobre na mão, com atitudes de uma mulher coquete que vai se banhar no rio, se pinta, se requebra, se olha no espelho, coloca braceletes e colares que ela sacode com satisfação.

OXALÁ outro nome de OBATALÁ

Deus da procriação, toma duas formas: a primeira sob o nome de *Oxaguian,* guerreiro vestido de branco, a outra com o nome de *Oxalufan,* que dança curvado em dois como um velho estrebuchante sob uma espécie de cajado. Todos estes Deuses não se manifestam sempre em cada reunião. Mas na prática é bem raro que o Orixá, ao qual uma cerimônia é dedicada, não responda ao chamado de seus filhos e que não venha dançar diante deles para lhes agradecer suas ofertas e seus sacrifícios. Nos templos de influência Gege-Nagô, ou quando essas duas nações se encontram reunidas, as coisas se passam de forma que nos indica esta só diferença: que aos Orixás dos Nagôs se juntam os Voduns dos Geges.

VODUNS

Os apelos dos Voduns se fazem em ritmos diferentes e são cantados em uma língua que se aproxima do Fon do Dahomey. Dão-se-lhes nomes que são conhecidos nas regiões habitadas pelos descendentes dos Adjás. Eis alguns nomes de Voduns e dos Orixás a eles correspondentes:

Voduns	Orixás
Legbá	Exu
Gou	Ogum
Aghé	Oxóssi
Sakpata ou Azoani	Omulu
Sobô ou Badé	Xangô
Aziri	Oxum
Olissasa ou Lissa	Oxalá

Na África, não existe em qualquer templo uma concentração dos deuses tão completa como aqui entre nós. Cada templo é consagrado a uma única divindade principal, acompanhada de divindades secundárias. Cada uma dessas divindades secundárias cultua a divindade principal do seu próprio templo, e aquela que era a primeira no primeiro caso, passa por sua vez ao segundo lugar. Não há hierarquia fixa. Varia segundo os lugares. O Orixá, ou Vodun local, prepondera no seu país de origem. Cada um desses países é um ponto de convergência. As divindades vindas de outros lugares se juntam aquelas que estão estabelecidas e se harmonizam com elas.

Os Voduns na região de Abomey se reúnem em grupos numerosos e disciplinados. São de origens diversas mas geralmente ligados aos mesmos elementos e são reunidos sob uma palavra que não é propriamente Vodun, mas a desta família e dos Deuses: tal é *Heviose* e *Sakpata*. Algumas vezes, resulta em verdadeiras lutas de procedência entre os Voduns da família Real e os dos grandes cultos públicos, chamados do céu, do trovão e da terra. Sakpata, cuja ação violenta é o título de Rei da terra e faz sombra à família Real de Abomey, indo muitas vezes para o exílio. Era interdito aos membros da família Real participar dos cultos dos Voduns públicos e não podiam tomar parte pessoalmente, senão nos cultos dos mortos divinizados de sua família (*Nessouhouês* e *Tchossus*).

Os padres animistas estão numa situação muito particular. São respeitados e creditados em razão de sua ligação com os Deuses poderosos, mas sua situação social não é muito elevada. Os chefes de coletividades familiares ou as pessoas de qualidade não ocupam nunca essas funções pessoalmente. Os padres são escolhidos entre os membros de sua família ou entre os descendentes de seus antigos escravos. A convenção acima sobrevive ainda na Bahia, onde as pessoas de uma certa posição, que simpatizam com as divindades Africanas, são *Ogãs* protetores dos grandes terreiros da cidade, mas não participam, pessoalmente, no culto. Se eles possuem um Peji pessoalmente instalado na sua casa, é uma Mãe ou Filha de Santo que é delegada para celebrar as cerimônias. É certo que ela venha a receber o *Santo* e não o dono da casa (do Peji).

Na África, como no Brasil, as cerimônias de adoração dos Deuses consistem essencialmente em ofertas, sacrifícios e louvores seguidos de cantos e de danças destinadas a provocar sua aparição no corpo dos Filhos em transe. O fundo de todos estes cultos é o mesmo, mas os rituais são fortemente influenciados pela organização social dos países onde os deuses são instalados. Em Abomey, uma cerimônia para Hevioso reflete o caráter hierárquico dado aos países pelos reis sucessivos e sob a forma de parada militar. Estas mesmas cerimônias têm, em *Hevié,* uma forma muito mais espontânea. Os deuses não são mais reprimidos por um protocolo estreito e dançam com a liberdade que lhes convém a seu caráter impetuoso. Não se deve confundir, entretanto, esta devoção aos Orixás e Voduns, com o culto dos ancestrais que na África, se dirige, somente, à parte da família que não remonte para lá o fundador da Cidade ou da Casa, isto é, para a dinastia dos proprietários de lugar habitado. Entretanto, os ancestrais das famílias reais, interessando, igualmente, aos países, seus cultos tornam-se Nacionais e tomam o lugar dos Orixás ou dos Voduns. *Xangô* é estreitamente ligado com os Reis de Yorubas e Oyò; *Ogum* com os de Irá, *Odudua* com os Reis Ifé, e aqueles dos países Yoruba-Nagô, por terem sido os fundadores de todas as dinastias. Vimos que a hierarquia dos deuses sem fixação, seus caracteres e suas funções, influenciadas pelas suas posiçõees relativas, variam igualmente, segundo os lugares. *Odudua* de Ifé é um Orixá mas-

culino, casado com *Olokum*, mais ao Sul é feminina casada com *Obatalá*. Em Porto Novo se confunde *Obatalá*. Alguns dizem que ambos não formam senão um único andrógino em Ifé. *Obatalá* está casado com *Yemokou*. *Oranyan* é filho de dois pais: *Ogum* e *Odudua*, em Iré e em Ifé; mais em Oyô, é pai de *Ogum*. *Omulu Shaapanan* é filho de *Yemanjá*, na região vizinha à Nigéria. É filho de Nanã-Buruquê *em Akeubouta e em Keto, de divindade da terra passou* a ser divindade das águas. *Nanã-Buruquê* torna-se *Boukou* em Atapamé, onde ela toma um caráter de divindade criadora de todas as coisas. Em Dessa ela é mulher de dupla de Deuses criadores, *Lissa* e *Maou*. *Maou*, considerado como o Deus supremo para os Fons e Euês, é também para eles elemento feminino da dupla chamada *Obatalá* ou *Orixalá*, e *Iemoio* ou *Liemoio* em Ifé, de onde veio. Todas estas contradições não são senão aparentes, e é possível, e em se lembrando dos lugares de origem, restabelecer uma imagem mais fiel do caráter dos deuses. Os Orikis dos Orixás e os Mlanmlans dos Voduns são os fios condutores que permitem remontar à saída dos Avatares dos Deuses, no curso de suas migrações e reencontrar as causas de sua evolução. O conhecimento desses documentos orais (fórmulas de ligação) e a observação dos rituais das cerimônias (comportamentos de participação com os poderes superiores), são os elementos principais que permitiriam se fazer uma idéia mais justa das cosmogenias dessas Nações. Deus Criador, Supremo e Único. Um Deus muito altamente colocado, *Olorum* ou *Olumaré* dos Yorubas ou Segbé. *Lissa* ou *Dadá; Segbô* entre os Fons; se altamente é colocado é que não pode ser atendido diretamente e cujos Orixás e Voduns são os representantes e intermediários junto aos homens. Não é honrado nem blasfemado. Fica indiferente a tudo que se passa neste mundo inferior e inútil se pedir. Pai Criador? Este é fundador sobre uma oposição céu-água ou céu-terra. Constatamos em todo caso a admirável vitalidade que conservam os deuses da África, que continuam para seus fiéis uma afirmação de poder exaltante e o refrigério para o inferno de suas angústias.

XANGÔ

Xangô é o Deus do trovão, dos Yorubanos. É viril e galhardo, violento e justiceiro. Castiga os mentirosos, os ladrões e os malfeitores. A morte pelo raio é de fato infamante, uma casa tocada pelo relâmpago é uma casa marcada pela cólera de Xangô. O proprietário deverá pagar grossas quantias aos sacerdotes deste Orixá, e fazer oferta para apaziguar o Deus. Além disso, os Padres de Xangô vêm buscar esclarecimentos nos locais em que tombou o raio; eles procuram encontrar pedras ou machadinhas, *Edum Ara*, lançados por Xangô, e que ficaram na terra, lá onde o solo foi tocado, nos escombros das casas destruídas ou nas copas das árvores abatidas pelo raio. Esses *Edum Ara* (machados neolíticos) são depostos no altar de Xangô, feito um morteiro de madeira esculpido, alusão à ação das pedras do raio, brutas e mortíferas feras como balas lançadas de um morteiro. Os *Edum Ara* são, ainda, uma emanação de Xangô e contém seu axé. O sangue dos animais que lhes são sacrificados é posto sobre estas pedras para manter delas a força e vitalidade.

O carneiro, cujos golpes de cabeça tem a celeridade do raio, é o animal cujo sacrifício lhe convém melhor. O emblema de Xangô é a dupla machadinha estilizada, que suas Yalorixás levam na mão quando estão em transe. O Oxé representa muitas vezes um personagem levando o fogo na cabeça; este fogo é ao mesmo tempo a dupla machadinha. É um aspecto da cerimônia chamada *Ajerê*, onde na África, os noviços de Xangô, devem levar sobre a cabeça uma jarra furada com vários buracos, na qual brilha como fogo vivo. Eles devem estar inteiramente tranqüilos e não seram incomodados. Esta prova mostra o transe não simulado e é completada por uma outra dita *Acará*, onde se faz avaliar o fogo sob a forma de mechas inflamadas. Estas mesmas provas existem na Bahia, em terreiros da origem Keto.

Xangô dança na África ao som do tambor *Bata*. No Brasil, várias formas de tombor são usadas, no entanto, os ritmos são os mesmos, *Alejá* e *Toniboré*, muito vivos, guerreiros e quebrados. No curso das danças, Xangô, brande seu Oxé com carinho, mais tarde o ritmo se acelera; Ele faz o gesto de tirar de um saco imaginário pedras de raio e de as lançar por terra. O caráter de sua dança faz pensar por outro lado, libertino e galante. Um entalhe, chamado *Xerê*, feito de cobre ou de cabeça, que lhe é especialmente reservado é agitado para saudar ou acompanhar seus Orikis. Três desses instrumentos figuram ao pé de um altar de Xangô, na África, e um dentre eles, próximo de um altar, no Brasil. A presença dessas machadinhas simbólicas, sobre esses dois documentos, assim como as fotos das Yaôs, no Brasil, mostram bem a que ponto essas tradições têm sido conservadas no Brasil e na América do Sul. Alguns desses Oxés são tidos como trazidos da África para o Brasil. Muitas espécimes de madeira e de cobre existem em Lagos, na Nigéria. Foram transportados no último século pelos descendentes dos escravos libertados do Brasil. Os Reis Yorubanos reivindicam Xangô como ancestral. Foi o quarto rei legendário de Oyó. Tinha, dizem, o poder de fazer cair o raio à vontade. Ele possui, igualmente, os talismãs que lhe permitia emitir fogo e chamas pela boca e pelas narinas. Terrificando, assim, seus adversários, conquistara numerosas terras e anexaxa territórios vizinhos ao seu Reino. Seu fim foi misterioso. Segundo certas versões, seu caráter violento lhe valera inimigos na sua sociedade habitual. Para se desembaraçar dos principais inimigos, dois de seus Generais (Timi e Gbonka), ele os lançaria um contra o outro em combate singular, e enviaria o vencedor à expedição guerreira de avanço e ataque. Estes incidentes provocaram um descontentamento geral. Xangô se exilou e se enforcou numa árvore. Entretanto, seus partidários ficaram a sofrer os vexames de seus adversários. Para salvaguardar a memória de seu Rei e se proteger a si mesmos, eles foram, também, recorrer aos talimãs. Fez-se cair o raio que destruiu as casas dos inimigos e de Xangô; e transformou-se, pouco a pouco, em respeiteso terror os sentimentos agressivos. Outras versões dizem que Xangô ensaiou imprudentemente a eficácia de seus talismãs; fez cair o raio sobre seu próprio palácio, destruindo-o totalmente, causando, assim, a morte de suas mulheres e de seus filhos. De raiva, ele teria arrasado o solo a seus pés e se teria infurnado pela

terra, com um ruído terrível. Transformou-se em Orixá. Três de suas mulheres, igualmente, uma, Oyá, tornou-se o Rio Niger e as duas outras, Oxum e Obá, os rios que têm o mesmo nome. Xangô é um dos Orixás mais respeitados, entre os Yorubanos e os Nagôs. Seu culto é largamente difundido além Atlântico.

Por seus adeptos, que a ele se consagram. Seus fiéis levam os mesmos colares vermelhos e brancos. Na Bahia, porém, ele é sincretizado como São Jerônimo. A quarta-feira é o dia da semana que lhe é consagrado, e quando no corpo de um ou de uma de suas Yalorixás é saudado pelos gritos de *KAÔ, CABÊ EM SI LÊ.*

OYÁ OU YANSÃ

Oyá uma das mulheres de Xangô, é a divindade do Rio Niger, do vento e das tempestades. É um Orixá de temperamento ardente e impetuoso. As lendas lembram que Xangô a enviou ao país Bariba para procurar taliasmãs, que lhe permitissem lançar fogo e chamas pela boca e nariz. Oyá, contra as instruções de Xangô, usou desses talismãs e teve também ela, uma respiração de fogo, para grande desprazer de Xangô, que desejava conservar para si só, esta faculdade. No Brasil, Oyá é chamada Iansã. Suas vestes simbólicas comportam uma coroa cujas franjas de pérolas lhes dissimulam a vista. Reservada aos Reis Yorubanos e Nagôs, leva um sabre e tange um quixo de cavalo na mão em sinal de dignidade. Suas danças são guerreiras, imita em seus movimentos as tempestades e os ventos desencadeados; dança com os braços estendidos e as mãos para a frente, para afastar os Eguns ou almas dos mortos, porque ela tem a particularidade de ser o único Orixá suscetível de lhes fazer curvar a cabeça e de os dominar. Seus adeptos levam colares vermelho-grená; ela é sincretizada na Bahia como Santa Bárbara, e o seu dia consagrado é a quinta-feira, e quando se manifesta é saudado com gritos de EPA-HEI.

HEVIOSO

Para os Fons do Dahomey, as divindades do trovão, ou mais exatamente, os Voduns, cuja ação feiticeira provoca a morte e a destruição pelo raio, levam o nome geral de *Hevioso*, cujas características são quase as mesmas de Xangô (salvo no que concerne à identificação com o antigo Rei de Oyó). *Hevioso* é representado por pedras de raio: é simbolizado por um machado simples representando o carneiro, seu animal sagrado, cuspindo fogo. O parentesco das duas divindades é claramente mostrado no dia de certas cerimônias à Ouidah, quando o mesmo padre aparece sobre o telhado do templo de Hevioso brandindo sucessivamente um *Oxé* de Xangô e um *Sossiovi* de Hevioso. Hevioso é constituido por uma família de Voduns muito numerosa, cuja origem ou origens exatas não são todas determinadas: Ajá? Aizo? Seto? A questão resta elucidar. Em Abomey e Ouidah esta família é principalmente representada por *Sobô*, que fulmina os ladrões, os malfeitores e os feiticeiros no tempo seco e abate voluntariamente as árvores. *Aden*, que se manifesta somente depois que o céu está obscurecido e que os clarões numerosos o precederam, uma chuva fina o acompanha. *Aklombé*, que racha a testa das vítimas. *Jacata*, que é acompanhado de chuvas torrenciais; seu nome é *Jakutá* (Lançador de Pedras), um dos apelidos de Xangô. *Bessou* e *Kounté*, que com *Aden* são Voduns femininos. *Badé*, que recorta furiosamente os corpos. Outrora os corpos destruídos pelos Deuses não podiam ser enterrados; eles eram lançados ao solo e expostos como exemplos em uma lousa do templo. Seus bens se tornavam propriedade dos sacerdotes de Hevioso. Para razões mais históricas que místicas, estes Voduns do trovão são acompanhados pelos do Mar, e nos Heulas, daqueles azares das migrações estreitamente aliados. Os principais desses são: *Hou* ou *Agbé*, o mar sempre em movimento. *Abonagar*, seu esposo, guerreiro vingativo. Na *Ete*, a chuva, segundo mulher de *Ahouagan*. *Popodum*, o *Caiman*. *Aveketé*, de caráter malicioso, indiscreto e escabroso. Em Abomey as danças do grupo Hevioso são extraordinárias. Elas merecem uma curta descrição: curiosos desfiles de sacerdotes, contornando com igualdade a praça que rodeia o templo e marchando ao ritmo dos tambores com um bamboleio arrogante e desajeitado. A cada volta, um pouco antes de passar em frente ao Vodum principal do templo, sentado sobre um pára-sol de honra eles têm a frente da fila com uma pateada fogosa e saltitante, depois com uma igualdade perfeita, prosseguem, fazendo passos e uma série de mergulhos do corpo, para diante, seguidos de volteios, acompanhados de movimentos bruscos das nádegas e das espáduas lançadas para trás. Chegados ao fim da jornada, piruetas são executadas com pés ligeiros e um voar das pequenas saias (Valava) de que são revestidos. O todo exprime a soberba, o poder dos Deuses e sua energia transbordante. Algumas vezes, nos momentos de paroxismo, um deles se destaca, brandindo a machadinha com uma mão e sua campainha na outra; atravessa a praça soltando gritos guturais e vai saudar a orquestra e os dignatários presentes. Na região de Heviê, lugar de origem possível de Hevioso, cujo nome deve ser corruptela de Heviesse (o fogo de Heviê), os Padres Vodunos são cobertos com uma espécie de capotes alongados, Tavoduns, terminados à frente por um enorme buquê de penas vermelhas de cauda dos papagaios. Os Tavoduns contêm elementos da força de Deus. Os Deuses Voduns levam o nome de *Ahouanbe* e *Ekpe Lokô*. Estes são os Deuses secundários do templo de Hevioso. Estes diversos Voduns aparecem além Atlântico, na Bahia (nos terreiros de nação Gêge Moundumbi) e em São Luiz do Maranhão, na Casa das Minas. Eles são igualmente muito conhecidos nas Antilhas, no Haiti.

ORANIAN

Oranian foi o sétimo filho de *Okanmbi*, filho de Odudua, primeiro Rei lendário dos Yorubanos; foi o segundo Rei e o pai do terceiro, *Ajaka*, também chamado *Dada*, e o quarto Xangô. Oranian, que tinha um temperamento guer-

reiro, estabeleceu a soberania dos Reis Yorubanos sobre os países vizinhos, todos tendo também *Odudua* por ancestral comum. Certas tradições dizem que quando *Okanmbi* morreu os seis filhos herdeiros repartiram entre si todos os seus bens móveis e seu tesouro, assim distribuídos: *Olou,* a coroa; *Orangum,* Rei de Ila, as mulheres; *Oloupoupo,* as pérolas, e nada mais restou que a terra para *Oranian,* que se encontrava em exposição guerreira no momento da partilha. Ele se mostrou satisfeito de ganho, porque como mestre da terra, ele recebia de seus irmãos tributos e presentes.

Esta supremacia de *Oranian* sobre seus irmãos nos chegou em forma poética, na lenda seguinte: No começo a terra não existia. . . No alto estava o céu. Em baixo estava a água. E não havia nenhum ser animando o céu, nem animava a água. Ora, o Todo Poderoso *Olodumaré,* o Mestre e o Pai de todas as coisas, criou em seguida sete príncipes coroados. Para alimento e entretenimento desses príncipes ele criou sete cabaças muito grandes e cheias de Akassá, sete sacos, nos quais haviam coquinhos, pérolas e estofos, e uma galinha e vinte e uma barras de ferro. Criou também num espaço negro, um pacote volumoso que não se via na natureza. Criou, enfim, uma longa cadeia de ferro, à qual juntou provisões, tesouros e os Sete Príncipes. Depois deixou cair tudo do céu. Além do limite do nada não havia senão a água. Olodumaré do alto de sua moradia divina, lançara uma noz de palma que cairia na água. Logo uma gigantesca palmeira se elevou até aos príncipes, oferecendo-lhes abrigo vasto e seguro em meio ao esgueirar dos seus galhos. Os príncipes ali se refugiaram e se instalaram com sua bagagem, abandonando a cadeia que subiu para o Todo Poderoso. Eram todos príncipes coroados e por conseguinte queriam todos comandar; resolveram então se separar. Os nomes dos príncipes eram: *Olou,* que se tornou Rei dos Ebás; *Orangum,* que se tornou Rei de Ila; *Oni* que se tornou Rei de Ifé; *Onsabé,* que se tornou Rei de Sabé; *Ajéro,* que se tornou Rei de Igere; *Alaketu,* que se tornou Rei do Keto. E o último criado, o mais jovem, *Oranian,* que se tornou Rei de Oyô, de todo o Yoruba, isto é, de toda a terra, com supremacia sobre todos os outros Reis. Antes de se separar para seu destino, os sete príncipes decidiram repartir entre si a soma dos tesouros e das previsões que o Todo Poderoso lhes havia dado. Os seis herdeiros tomaram os coqueiros, as pérolas, os estofos e tudo o que julgaram precioso ou bom de se comer. Deixaram ao moço, o pacote de estofo negro e vinte e uma barras de ferro. Os seis príncipes partiram à aventura nas galhadas da palmeira. Quando *Oranian* ficou sozinho, sentiu desejo de ver o que se achava no pacote envolto de veludo negro. Abriu e viu uma porção de uma matéria negra que não conhecia. . . Ele pegou o estofo. A matéria negra caiu na água. . . não se perdeu nada. Ela amontoou-se formando um montículo que submergia. A galinha voou para ir pousar ali. Desde que ela se foi, se pôs a escavar com as patas e o bico a matéria negra que se dispersou sob seu esforço. E o montículo se espalhou e tomou o lugar da água. E foi assim que nasceu a terra, conforme vontade do Todo Poderoso. *Oranian* ficou feliz. Agarrou seu pequeno embrulho com as vinte e uma barras de ferro que lhe pertenciam, e apoderou-se do seu domínio produzindo pela matéria negra. E tomou posse da terra. Os outros seis príncipes desceram por seu turno da palmeira e quiseram tomá-la

a *Oranian,* como já haviam tomado na palmeira, sua parte de cocos, pérolas, *estofos e alimentos. Mas Oranian* tinha armas. Suas vinte e uma barras de ferro, segundo a vontade do Todo Poderoso Olodumaré, se transformaram em lanças, punhais, flechas e em hachas, e da mão direita, uma espada longa que ele brandia, trinchava com o fio agudíssimo tudo que se aproximava. Então lhes disse: "Esta terra é só minha. Lá no alto, quando me roubastes, não me deixastes senão esta terra e este ferro. A terra cresceu e com o ferro me defendo. Eu vou matar a todos vós". E caminhou para eles com a espada em riste. Os seis príncipes gritaram por misericórdia. Prostraram-se de mãos juntas, suplicando aos pés de *Oranian.* Pediram-lhe ceder uma parte de sua terra para que eles pudessem viver, para que pudessem continuar príncipes. *Oranian* lhes concedeu perdão de vida e lhes deu a terra. Exigiu-lhes somente uma condição: os príncipes e seus descendentes morariam sempre sob seu domínio, dele e de seus descendentes. Cada ano, deveriam vir fazer homenagem e pagar o tributo na sua cidade capital, a fim de mostrar e provar que tinham recebido o perdão de sua vida e sua parte de terra. Eis como Oranian se tornou Rei de Oyó e soberano de todos os países Yorubanos, isto é, de toda a terra.

A tradição quer que ele tenha partido de Ifé à testa de uma expedição pelo Leste, para vingar seu grande antepassado *Lamourudu.* Não pôde completar seu projeto com um bom fim. Sua rota barrada por uma interminável coluna de formigas negras; mudou de itinerário. Num lugar chamado Igangan surgiu uma disputa entre seus irmãos a respeito de um pote de cerveja e *Ogodo,* o mais idoso de todos que o tinha acompanhado, deixou a expedição. *Oranian* tentou prosseguir através do país Tapa, mas o habitantes lhe barraram o caminho. Após outras desventuras, seu primeiro *Akinjolé,* filho de *Ogirinian,* o mais jovem filho de *Odudua,* o deixou também e foi fundar Ejigbó, instalando ali *Oxaguian,* o Orixá de seu pai. *Oranian* renunciou a seus projetos e foi fundar a cidade de Oyó, que se tornou a capital dos Reis Yorubanos, e a ilha Ifé ficou como Capital Religiosa. Deixou seu filho *Ajaka* com o rei, Alafim, de Oyó, e continuou a guerrear. Tornou-se o segundo Rei de Benin. Abdicou e deixou no trono seu filho *Eweka* cujos descendentes ainda reinam. Voltando a ilha Ifé, em perseguição a um de seus irmãos, *Obalufan,* que tinha tomado o trono, forçou-o a fugir para Ido. *Oranian* tornou-se *Oni de Ifé,* tendo um filho Rei de Oyó e um outro, Rei de Benin. Vê-se ainda na ilha de Ifé uma grande pedra erguida, conhecida como *Opo Oranian,* mas é difícil saber-se a significação exata. O sabre de *Oranian,* chamado sabre da justiça, é guardado, parece, em Ifé e os Reis de Oyó devem tê-lo na mão durante as cerimônias de intronização para assegurar uma autoridade futura.

Oranian foi concebido nas condições muito particulares. Uma lenda diz que *Ogum,* filho de *Odudua,* gostava de fazer a guerra. Tornou-se mais tarde o Orixá dos guerreiros e dos ferreiros. Conquistou cidade de Ogulum, destruindo-a, saqueando-a, e conseguindo um espólio importante. Uma prisioneira chamada *Lakanje* o conquistou. Ele teve com ela relações amorosas. Mas, quando *Odudua* a viu, ficou apaixonado e declarou que a faria uma de suas mulheres e que ele esperava que ninguém a tivesse possuído. *Ogum* aborrecido nada ousou fazer. Nove meses mais tarde *Oranian* vinha ao mundo. Seu corpo

ficou dividido verticalmente em duas partes de cores: branca à direita, porque *Odudua* era muito claro de pele, e negro do lado esquerdo, porque *Ogum* tinha a tinta mais carregada. *Odudua gritou:* Ah! tu tiveste relações com *Lakanje*! A lenda diz que Ogum, confuso e aborrecido, não soube o que responder e ficou calado. É dentro desse aspecto dado a Oranian, que os corpos dos servidores de Oni de Ifé, são pintados meio negros, meio brancos, na ocasião de uma oferenda de cão feita a *Ogum*. Neste dia, no lugar, diz Oke Mogum, onde *Ogum* se metamorfoseou em uma pedra eirigida, o Oni de Ifé. O descendente e sucessor de *Odudua* sobre a trono, cruza seu sabre em sinal de aliança com *Ocnogum*, o sacerdote de *Ogum*. Esta ligação entre Ogum e Oranian aparece já na lenda da criação da terra, citada acima. Ogum é simbolizado ali por uma corrente de ferro (é ele quem sempre vai à frente e abre caminho), e pelas vinte e uma barras de ferro, nas quais são gravadas as armas de *Oranian*.

OGUM

Ogum é para os Yorubanos e Nagôs o Orixá dos ferreiros, dos cultivadores e de todos os que trabalham e utilizam o ferro: cabeleireiros, açougueiros, caçadores, pescadores, etc. Ogum é um, mas tem sete nomes porque o algarismo lhe é associado. Ele gosta de comer cães, cogumelos, feijão branco, certos pratos à base de legumes preparados no óleo e bebe vinho de palma. É representado por instrumentos de ferro forjado, com os números sete, quatorze, dezessete ou vinte e um, enfileirados sobre um bastão de ferro. Leva voluntariamente uma vestimenta em franjas de folhas de palmeira desfiadas, chamada *Maruwô* pelos Yorubanos e *Azan* pelos Fons; a presença destas franjas em baixo de uma parte ou da entrada de um caminho basta para evocar *Ogum* e espantar as más influências; postadas mais perto do solo elas impedem a passagem; passar por cima significa se expor à cólera do Orixá. *Ogum*, filho de *Odudua*, era um guerreiro notável, sanguinário e insaciável. Alcançava sempre uma presa considerável em suas expedições. Conquistou a cidade de Iré, matou-lhe o Rei, colocou em seu lugar seu filho primogênito que tomou o título de *Onirê*; partiu para outras batalhas, fez conquistas e retornou à Ilha Ifé, de onde tinha vindo. Muito tempo depois, decidiu voltar a Iré. Por desgraça, chegou durante uma cerimônia, no curso da qual, os assistentes não deviam falar sob pretexto algum, e não podiam se expressar senão em gestos. *Ogum* tinha fome e sede; vendo jarros que continham vinho de palma e ignorava que estivessem preparados; ninguém lhe falou nem respondeu às suas palavras; ele não reconhecia os lugares porque há muito tempo não vinha a Iré. Tomado de cólera ante o silêncio geral, que tomava por ofensa, começou a quebrar a golpes de sabre as jarras que ele cria cheias, mas nada encontrou nelas. Depois, levado pela ação, se pôs a cortar cabeças até o momento em que seu filho Oniré apareceu e lhe ofereceu os alimentos que ele gostava ou figuravam cães e caracóis, tudo isso acompanhado de jarras de vinho de palma. Durante o tempo em que matava sua fome e sede, os povos de Ifé cantavam-lhe louvores. *Ogum*, acalmado, refreia sua violência e declara: "quaisquer que sejam a bravura e o valor de um homem, é preciso um dia encontrar um canto onde repousar". Abaixou seu sabre no solo e furou a terra; todavia, antes de desaparecer, ele disse algumas palavras; mas estas não podem ser repetidas, porque quando pronunciadas no curso de uma batalha, dizem, *Ogum* aparece rapidamente e vem em socorro daquele que as pronunciou. Até este dia, os vendedores de vinho de palma têm o cuidado de entornar no solo as jarras preparadas, a fim de evitar toda vingança e dificuldade com *Ogum*, se ele vier a passar por ali.

No Brasil, *Ogum* precede às outras divindades; é saudado por primeiro após *Exu Elegbá*; abre o caminho em todas as circunstâncias. No curso dos sacrifícios para os outros Orixás ele recebe louvores e ofertas, porque, sem faca forjada para ele, o sacrifício não será possível. Durante as danças que faz montado sobre seus Iawôs, imita a guerra, brande um sabre e toma uma expressão feroz. Seus adeptos levam colares de cor azul-escuro; é sincretizado como Santo Antonio, na Bahia, e São Jorge, no Rio de Janeiro; seu dia consagrado é terça-feira; quando se manifesta é saudado com gritos de *Ogum hê*.

Duas das cerimônias observadas no país Nagô ou Dahomey, na região fronteira com a Nigéria são apresentadas nesta obra. A primeira se faz muito freqüentemente, uma vez que a semana Yoruba não comporta mais que quatro dias, cada um deles estando consagrado a um ou muitos Orixás, este dia tem lugar o *Ossé*, a semana ou o domingo de Orixá, onde as ofertas de alimentos lhe são feitas. Uma vez em duas destas cerimônias: *Ossenla* o grande domingo, alternado com um *Ossé Kekeré* o pequeno domingo. É útil se situar tudo entre o quadro e o meio em que se realizam essas cerimônias. A cidade de Ishedé comporta 2.000 habitantes, dos quais uma quarentena deles são muçulmanos, vinte e cinco católicos e vinte protestantes; os outros são animistas, com exceção de dois dentre eles, consagrados à *Xangô* e um outro a *Ogum Igbó*.

Ogun Igbó é originário de Iré; é feita alusão no seu Oriki; é igualmente a origem longínqua dos habitantes da cidade que são todos mais ou menos da mesma família; eles permanecem muito tempo no *Holidjé*, região limítrofe que separa o *Pobé de Ketou*, não longe de lá, e vieram se estabelecer na cidade atual no século passado.

Ishedé é um excelente exemplo do que eram as cidades Yorubanas e Nagôs, antes da chegada dos europeus. O *Alexé*, guarda do axé de *Ogum Igbó*, possuía um título de chefe tradicional, submisso a um conselho de anciões, quase todos Babalaôs; são todos *Ixoros* de Orixás, intérpretes e executores das vontades dos Orixás. Nos dias consagrados a *Ogum*, nota-se quatro ou cinco deles sentados em permanência sob a galeria inferior da casa habitada pelo Axé (Alaxé), consultando Ifá e observando as coisas da cidade. A autoridade é fundada em poder do Orixá, ancestral longínquo divinizado. Teremos da descrição da segunda cerimônia que a escolha de um novo Alaxé é feita pela divindade mesma. O Alaxé é qualificado de Kabiesi pelas pessoas que vestem para ele e se prostam de ventre contra o solo para saudá-lo; apelação e saudação reservada aos reis. E como representante de Deus Ogum, é assim respeitado. As decisões tomadas no conselho dos anciões de acordo com o Alaxé, são submissos à adivinhação. Elas se tornam por este motivo expressões da vontade

de *Ogum*. Por este motivo, praticamente todos os habitantes são agricultores e vivem dos produtos de sua colheita de milho, inhame, feijão, noz de palma, noz moscada. Trabalham todos até uma idade mínima avançada. Os filhos ajudam os pais e são submissos à autoridade materna. O próprio Alaxé trabalha na cultura de seus campos. Não há mais de três ou quatro habitantes de *Ishedé*, com mais de dez anos, que falam francês. Os meninos vão à escola de Werè, cidade vizinha, e sabem um pouco. Os menos jovens que o sabem e o falam, vão trabalhar na cidade vizinha do Dahomey. A administração é garantida por um jovem chefe da cidade designada pelo administrador, por seu conhecimento da língua francesa. Sua autoridade é nula nos costumes da cidade e seu trabalho consiste, principalmente, em servir de intérprete no momento da colheita de impostos. As cerimônias feitas nos dias de Ossenia, têm lugar no Templo de Ogum, situado numa grande clareira na floresta vizinha. O santuário em que são venerados os ferros de Ogum, que suportam seu Axé, é uma caverna redonda com teto cônico, precedido de galerias cujos tetos de palha são sustidos por quatro colunas de madeira esculpida. Diante do Templo existe um cepo de madeira coberto de piques, o *Ido Ossum* que é o lugar onde são plantados, durante as cerimônias, os *Ossume* de cada um dos dignatários, estes são báculos de ferro forjado representando os ancestrais mortos que exerceram essas funções outrora. Há ainda outros títulos para os Orixás e Odé o caçador, e um abrigo para os Egbenlás, soldados dos Orixás. Alguns troncos de árvores deitados no solo, nos pontos determinados, fazem ofício de bancos para diversos dignatários. Na madrugada ressoam muitos apelos batidos no tambor Akpossi. Às nove horas da manhã os sacerdotes e os dignatários chegam um a um acompanhados de meninos portadores de cuias contendo oferendas de alimento; saudam uns aos outros e vão se colocar nos lugares que lhes estão reservados. São eles: *Alaxé*, o guardião do axé de *Ogum Igbó; Saba*, o substituto de Alaxé; Okerá, o substituto de *Saba; Axogum*, carregador do Orixá Odé, o caçador; *Olupanan*, encarregado de Exu Elegbá; *Yaferó*, a mulher encarregada de acalmar *Ogum*, quando ele vem muito violento; *Alakpossi*, que bate o tambor Akpossi; *Os Egbeniás*, soldados dos orixás; os *Ixoros*, que interpretam a vontade do Orixá Arosheku, que leva em certas ocasiões os Axés de Orixá sobre a cabeça; as *Ialorixás*, mulheres dedicadas ao Orixá e que cantam para ele. Quando eles saem, todos os presentes vão saudar Exu Elegbá, prostados de barriga no solo e lhe fazem ofertas de alimento que são recebidos por Oluponam. Exu Elegbá reparte as ofertas que Oluponan trouxe, e uma parte do que recebe entre os diversos dignatários e em certos lugares sagrados: como Ido Ossum para os mortos e Onilé, o proprietário simbólico do lugar antes da ida de *Ogum Igbó*. Cada um dos dignatários volta ao seu lugar anterior e reparte, por sua vez, entre os outros, em nome do Orixá que ele representa ou da função que exerce, as ofertas de alimento. Estes costumes são mais que costumes de polidez: é uma espécie de comunhão da qual todos os assistentes e o Orixá participam. A orquestra se compõe de um Agogô, campainhas de ferro, de um Akpossi, pequeno tambor cujo corpo é em forma de vaso, de um Ogidam, tambor longo, e de um Kelé, pequeno tambor com pés. Os dois primeiros tambores formam uma dupla falante; eles emitem sons modulados pela

pressão mais ou menos acentuadas de uma das mãos dos tocadores sobre as peles, chamam os deuses e comentam sua ação. O terceiro, Kelé, tocado com uma cadência extremamente rápida, por longas baquetas de madeira, cria pelo seu som agudo uma atmosfera de tensão e de angústia difícil de exprimir; ela se torna em certos momentos quase insuportável, "ela nos prende as entranhas"; e o ouvinte tem a impressão que os sons penetram-no ao ventre como golpes de punhos e provocam, involuntariamente a crispação e cerramento dos dentes. Os períodos em que os tambores batem, são entrecortados por momentos de silêncio, no instante da adoração a *Ogum* pelos padres encarregados do culto no interior do templo. A assistência fica no exterior, prostrada ao solo e não ouve senão, de quando em vez, fracos golpes de sinos, Adjá, vindos do santuário: pontuações introduzidas pelo tambor Akpossi, fora do templo, acompanham com golpes fortes e sonoros. Pouco depois, os dignatários retornam aos seus lugares respectivos, a orquestra se põe em ação e chama, com um frenesi redobrado, a presença dos Deuses. Acontece, as vezes, que *Ogum* não atende a esse apelo na cerimônia, logo após o seu início; mas se faz, *Saba* solta um grito, seguido por *Okeré, Axogum, Oluponam* e *Yafero*, que entram todos os cinco em transe. As Yalorixás fazem ouvir aclamações e cantam louvores a Ogum com cantos graves e ferventes, que revelam um aspecto da música africana, ignorada do grande público. Os cinco padres, de boné pontudo na cabeça, em estado de transe, seguram os três primeiros Adjás e seus alfanges; Yafero, uma toalha, e Oluponam seu bastão. Agitados por sobressaltos, eles se levantam com gestos angulosos e sacudidos, reúnem-se diante do templo e dançam com uma igualdade perfeita ao som dos tambores, uma espécie de quadrilha. Eles vão lado a lado saldar os lugares consagrados da clareira e os assistentes; *Ogum Igbó* e seus auxiliares, são contemplados com as ofertas, e seus fiéis têm garantia de sua proteção.

O elo da interdependência subsiste, afirmada assim cada semana. A segunda cerimônia, mais excepcional, tem lugar em Ilodô. Os habitantes desta cidade distante dois quilômetros apenas de Ixedé, têm a mesma origem longínqua. O Orixá protetor de Iledô se chama *Ogum Edevi*. Ele se preocupa em procurar um novo Alaxé. Havia 1 ano que o velho estava morto e o culto suspenso. O templo abandonado, sem guarda, estava praticamente caído em ruínas, completamente invadido pela vegetação, se transformou em matagal. O Orixá ia designar o homem que assumiria o cargo. Os sacerdotes animistas de toda região estavam reunidos sobre a grande praça em frente a cidade. À noite, pelas dez horas, as ofertas de inhames, de óleo de palma acompanhados de sacrifícios de galinhas foram feitas a Exu Elegbá e aos antigos dignatários mortos, representados pelos Ossuns. A adivinhação por meio das nozes de Kila recebera respostas favoráveis; a cerimônia seria coroada de sucesso. A orquestra composta de Akpossi, Ogidam e Kelé. Os sacerdotes agitam seus Adjás, as Ialorixás cantam louvores a Ogum e aos Orixás. Toda a assembléia espera a desaparição da lua atrás do horizonte. Os Ixorós, aqueles admitidos na cabana do Orixá preparam um grande fogo. A lua se escondeu a 1 hora da manhã; Saba, auxiliar do Alaxé, exigiu que todas as luzes fossem extintas. Formulou votos: "nem doentes nem famintos, nem mortos, que tudo fosse bem e que ao co-

meçar o dia do Orixá, ressucitasse o Alaxé defunto". Estes votos foram acompanhados do ruído dos Adjás, entrechocando-se, bateria de tambores, louvores aos Orixás e cantos e danças dos Egbenlás. Na obscuridade completa um dignatário, Ogã, cantou e pediu ao *Aroni* para trazer fogo, Aroni é uma divindade espécie de duende que só tem uma perna, vive na floresta e possui todos os segredos de *Osanyin*, divindade das folhas. Uma chama apareceu ao longo na floresta ao lado das ruínas do templo de *Ogum Edevi*, ela progrediu por entre as árvores e se plantou à borda da floresta. Os Ixoros foram recebê-la e acenderam a fogueira. Os tambores batiam um ritmo extremamente rápido; os Egbenlás dançaram em roda em torno da pira. Numerosos padres dos Orixás entraram em transe; iam e vinham a passos largos entre o círculo formado em redor do fogo, e o grupo dos dignatários, sentado perto dos Ossuns. Os padres dos Orixás, extremamente excitados, tinham os olhos fora das órbitas, piscavam sem cessar, abriam a boca, agitavam a língua e soltavam gritos estridentes. As Ialorixás procuravam acalmá-los com cantos. Nas duas horas e meia seguintes, os Egbenlás, acompanhando os Ixoros ficaram em torno; eles traziam ervas secas e folhas, colhidas antes e alimentavam o fogo. As danças continuaram toda a noite. Os Ixoros lançavam de vez em quando no fogo pequenos pacotes enrolados em folhas, que provocavam grandes chamas creptantes e formulavam votos. Durante cinco horas e meia revolveram as cinzas e fizeram um pacote que foi lançado na outra fogueira ao lado do templo de *Ogum Edevi*. Na oitava hora o pacote foi reconduzido, coberto de *Mariwôs*, folhas de palma, e acompanhado de galinhas presas pelas patas. Toda a assembléia, ante ele, continha o Axé, a força reconstituída de *Ogum Edevi*. Foi colocado sobre a cabeça de Arosheku (o portador do crânio), que após um momento caiu em transe e vacilante sob a carga, marchou a passos quase hesitantes, depois mais enérgicos, como se levado por uma força sobrenatural. Foi saudar diversos lugares sagrados e se dirigiu com passos decididos, seguidos de uma loucura exitada para a cidade de Were. Foi saudar o Rei depois bater três vezes, no muro da casa do homem que *Ogum* escolhera para ser o seu novo Alaxé. Para os Fons, *Ogum* é chamado *Gu;* tem as mesmas características que para os Yorubanos, dos quais foi emprestado.

OXÓSSI

Oxóssi é o Orixá da caça. Deve sua importância entre os Yorubanos a diversas razões. A primeira é de origem material, pois é *Oxóssi*, que torna as caças frutuosas e garante a alimentação abundante. A segunda é de ordem médica, porque os caçadores estando muitas vezes na floresta, entram em contato com *Ossanyin*, divindade das folhas medicinais e litúrgicas. Em Keto existe um *Olossanyin*, perito em folhas e em talismãs, que é o guardião de Oxóssi. A terceira é de origem social, porque é quase sempre um caçador que sob a proteção de *Oxóssi*, nos seus passeios à procura de presa descobre um local favorável a instalação de uma nova fazenda ou de uma futura cidade onde venha a se instalar com sua família, torna-se o primeiro ocupante do lugar e mestre da terra, antes que outros venham a se instalar perto dali. Os caçadores levam bonés de pele de macaco, atributo de sua atividade. O lugar de origem de *Oxossi* é Ikijá, perto de Ijeébu Odé. O suporte de seu Axé é um arco e uma flecha de ferro fundido. No Brasil, um Orixá de nome *Logum Edé* e conhecido por ser filho de *Oxum* ou *Ibulama*. No Brasil, um Orixá de nome *Logum Edé* e conhecido por seu filho de *Oxum* ou *Ibulama*. No Brasil, ainda, no curso de suas danças, seus adeptos imitam a caça, a perseguição da caça e o tiro de arco. A quinta-feira é o dia consagrado. É sincretizado na Bahia como São Jorge. Seus adeptos levam pérolas de cor verde. Quando se manifesta no curso de uma cerimônia, é saudado com o grito de *Okê*. Oxóssi é conhecido no Brasil sob os nomes de *Inlé* ou *Ibualama*, isto é, um caçador que Oxum atraiu para um riacho que ele habita. Seu emblema é um caça moscas de couro de três laneiros que eles batem na hora do transe. Na Nigéria há um templo em Olobu, onde é conhecido sob o nome de *Erinlé* ou *Ibuloama*. Nos terreiros Geges da Bahia, Oxóssi leva o nome de *Aghê*. Este Vodum é conhecido no Dahomey; ele tem o seu templo em Abomey, no de Lissa e de Maou, de que é filho mais velho. É um Vodum que vai voluntariamente à caça e que, dizem, leva o produto a Maou, sua Mãe.

EXU ELEGBÁ

Exu Legbá é o mensageiro dos outros Orixás, é também o guardião dos templos, das pessoas, das casas, das cidades. De um caráter *irascível*, ele é a cólera dos Orixás e dos homens; gosta de provocar discórdias e questões e de provocar acidentes e as calamidades públicas e privadas. Obtém resultados criando com astúcia mal-entendidos. Aqui vão algumas lendas a este respeito: uma muito conhecida, da qual existem numerosas variantes, conta de dois amigos que trabalhavam em campos vizinhos. Exu Elegbá pôs um boné vermelho de um lado e um branco do outro e passou sobre uma cerca que separava os dois campos. Após alguns instantes, um dos amigos fez alusão ao homem de boné branco; o outro fez a mesma alusão crítica ao que estava de boné vermelho; o primeiro insistiu, mantendo sua afirmação, o segundo sua ratificação. Como estivessem ambos de boa fé, continuaram indefinidamente sustentando seus pontos de vista, cada vez com mais calor e mais cólera. Acabaram chegando às vias de fato e se mataram. Uma outra lenda mostra Exu mais maquiavélico. Ele, encontrando uma rainha cujo marido, o rei estava ausente, disse-lhe: "traga-me alguns pêlos de barba do rei, cortado com esta faca aqui; eu te farei um amuleto que te renderá tanto quanto for o teu desvelo em cumprir minhas ordens." Em seguida foi ter a casa do filho da rainha; que era o príncipe herdeiro; e vivia num palácio situado fora das muralhas do reino. Era hábito isto, a fim de prevenir toda tentativa de assassinato de um rei pelo príncipe muito impaciente de herdar o trono. "O rei foi em guerra, disse ele e te pede para ir esta noite ao palácio acompanhado de teus guerreiros". Depois disse foi falar com o Rei. "A Rainha aborrecida com tua frieza para com ela, quer te matar para se vingar; presta atenção esta noite". Vem a noite, o Rei se

deita, finge dormir e vê bem sua mulher aproximar uma faca de sua garganta; ela queria cortar um pouco de sua barba, ele acreditou que ela queria assassiná-lo. O Rei a desarma e brigam com grande ruído. O príncipe que chegava ao Palácio com seus guerreiros, ouvindo os gritos, corre. Vendo o Rei com a faca na mão, o filho pensa que ele quer matar sua Mãe. O Rei, vendo entrar, em plena noite, seu filho armado e seguido de seus partidários, pensa que querem sua vida. Ele pede socorro, seus guardas acorrem e no meio da confusão há um massacre geral.

Uma história mais simples mostra a atividade de Exu, na vida de todos os dias: uma mulher foi ao mercado vender sua mercadoria; ele pôs fogo na sua casa; ela se precipita para lá, abandonando seus trabalhos na praça. Chega porém muito tarde. A casa está queimada. Durante esse tempo um ladrão carregou suas mercadorias. Nada disso indica paz; os amigos não disputarão mais, o Rei e o príncipe não seriam massacrados; e a vendedora não se arruinaria se todos tivessem feito ofertas a Exu. E a ele em 1º lugar que devem ser feitos os louvores e ofertas antes de toda e qualquer cerimônia. No Brasil se chama desobrigar Exu, o que tem um duplo fim, de mandá-lo como mensageiro para chamar e convidar os Orixás para a cerimônia e, ainda, de afastá-lo, a fim de que não venha perturbar a boa ordem da festa com seus gracejos de mau gosto. Também se tem cuidado, antes de sua ida, de oferecer a ele alimentos e bebida e de lhe mostrar que o querem bem longe e que não deve voltar.

No Brasil, os colares dos seus protegidos são vermelhos e negros; sexta-feira é o dia que lhe é consagrado e é sincretizado como o diabo. No entanto não inspira grande terror. Sabe-se que convenientemente tratado, exu trabalha para o bem, isto é, só faz o mal aos maus. Chamam-no familiarmente de compadre ou o homem que cruza os caminhos; é lá que são colocadas as oferendas para ele (encruzilhadas). Em razão deste sincretismo, é mesmo considerado um bom diabo, poucas Yalorixás são oficialmente consagradas, sendo a tendência, quando ele se manifesta, de lhe acalmar pelos sacrifícios e de fazer a iniciação para Ogum, do qual é parente próximo e com pontos comuns. Exu é representando por um monte de terra, tendo vagamente a forma de um homem de cócoras; é o suporte do Axé.

É instalado numa pequena cabana especial fora de casa. Outros Exus são colocados fora de casa. Quando Exu Elegbá se manifesta entre os Yorubás e os nagôs, leva na mão de um bastão ou pendente, que se encontra no Brasil. Este bastão teria a virtude preciosa para um mensageiro de transportar a qualquer local a centenas de quilômetros e de atrair, rapidamente, por um poder magnético os objetos colocados à distância. Tem capacidade importante nas adivinhações, porque é dele, segundo certas lendas, que o Ifá recebeu este dom. Na Nigéria, na região de Ijebu, dizem que foi mandado ao mundo, na Ilha Ifé, pelo Olojá, proprietário do mercado. Teria sido o primeiro Rei do Keto (Alaketo) e seria o ancestral do primeiro Rei dos Egbás. Na Dahomey, dizem ainda, que ele foi um homem que se tornou Vodum, em Ijelo, no País de Oyó, quando passou dias na Ilha Ifé (Nigéria). É de lá que seu culto se expandiu até o Dahomey. Para os fons se chama Legbá e faz a mesma função que Exu Elegbá dos Yorubanos. Dai vir um caráter mais fálico; os montes de

terra que o representam são sempre rodeados de volumosas touceiras de árvores. Isto não faz dele, como muitos viajantes afirmam, nem o Deus da fecundidade, nem o da copulação; é a marca de seu caráter truculento, violento e sem vergonha e de seu desejo de chocar os bons costumes. As estátuas dos Legbás dos Zamgbeto, são particularmente levadas aos exibicionismos e aos eróticos.

AYIZAN

Ayizan, um Vodum muito antigo de Allada, foi, dizem alguns, trazido por Adjahuto, vindo de Tado. Outros, porém, afirmam, que Ayizan já exista no País antes de sua chegada e que ele representa "a nata da terra", a crosta terrestre. Ayizan é figurado por um montículo de terra sobremontado de uma jarra com pequenos buracos e cercado de franjas de palmeira (Azan). Encontra-se nos mercados das grandes cidades como Abomey e Oidah. São os guardas deles, ou melhor, os mestres. São ainda protetores e é seu sustento, que lhes dirige e pune as faltas das crianças. Uma espécie de antepassado: "a terra". A ereção de um Ayizan não pode se fazer sem sacrifício humano e sem a reunião de terras e de areias de diversas províncias, de certas folhas, de óleo, de talimãs e de objetos raros, difíceis de se encontrar.

NANÃ BURUKU

Nanã Buruku é uma divindade cujo caráter é difícil de definir, porque varia segundo os lugares e templos que lhe são consagrados. Não é fácil pois determinar a sua origem. Vindo da Ilha de Ifé chegou até a região de Adelê, no Togo Britânico, no curso de migrações muito antigas, no oeste de Ifé. Seria ela ao contrário originária desta região e encontrada pelos fiéis no Leste? A questão fica ainda sem resposta. Seu nome varia segundo o lugar. Em Adelê, *Nanã Buruku* é considerada como a divindade suprema da criação; de três em três anos, as peregrinações que só os adeptos podem seguir, têm lugar ali. Vão em grande número, conduzidos por Oli Bouku, padre de Nanã Bouku de Atakpamé, ponto de concentração de fiéis vindos de regiões desconhecidas. Devem vir três vezes em seguida ao lugar desta peregrinação, se quiserem respeitar escrupulosamente suas obrigações para com a divindade. Mais ao leste, na região de Dumê, Nanã Buruku teria criado o par, Lissa Maú, e em Tcheti ela seria como que uma nova Deusa suprema, única rival de Maú. Em Dessa Zoumé a mesma dúvida persiste; divindade suprema ou *partenaire* de Oixá; ela aí está, para outros em contato com as divindades Sakpatas e das populações Mahi. Nos países Nagô-Yorubas, em Keto e Abéokuta, Nanã Buruku é Shapanam, divindade da varíola. No Brasil, como em Keto, ela é Mãe de Omulu-Obaluaiê. É considerada a mais velha divindade das águas; ela é sincretizada como Santa Ana; as contas levadas por seus adeptos são brancas e azuis, e o dia que lhe é consagrado é o sábado. Ela dança com dignidade; suas manifestações são saudadas com gritos de *Saluba*. Seu altar, vizinho sempre de Omulu

e Oxumaré, porque na Bahia, estes três Orixás são conhecidos por serem de Nação Gege Nahi.

OXUM

Oxum é a divindade dos rios de mesmo nome que ocorrem na Nigéria. Ela era, quando vivia, dizem, mulher de Xangô. Uma versão de sua metamorfose em Orixá já se tem dado. Eis aqui uma outra muito conhecida no país Yorubano e entre os descendentes dos Africanos no Brasil. Xangô tinha numerosas mulheres junto as quais passava seus dias e noites; mas amava particularmente a Oxum, que sabia lhe agradar por sua amabilidade e por seu temperamento voluptuoso. Ela usava de todas as armas que dispunha. Mulher bonita e coquete, conseguiu reter Xangô. Isto não deixava de excitar a inveja de suas companheiras e uma dentre elas, menos favorecida, viera um dia indagar do segredo que lhe assegurava tantos favores de Xangô. Oxum lhe explicara que era preciso prender os homens pelo ventre e que seu segredo consiste em lhe servir seus pratos favoritos. Acrescentou, não sem malícia, que como boa esposa, ela lhe mostraria como preparar uma certa sopa que faria maravilhas em Xangô, e convidara-a para vir a certa hora mais tarde. *Obá* voltou no momento indicado. Oxum tinha colocado ao redor de sua cabeça um lenço de seda que lhe cobria as orelhas e fazia cozer uma sopa, na qual nadavam cogumelos. Oxum os mostrou a Obá, dizendo-lhe que eram suas orelhas as queis havia cortado e posto na panela; dissera ainda que Xangô ficaria encantado com esta delicada atenção. Ele quando chegou achou excelente e se retirou depois para o quarto de Oxum. Alguns dias mais tarde vindo a ocasião em que Obá devia tomar conta de Xangô, ela pôs em prática os conselhos de Oxum. Cortou uma orelha e a cozinhou na sopa para Xangô. Este não mostrou prazer em ver Obá desfigurada, coberta de sangue e achou repugnante o prato que ela serviu-lhe. Oxum apareceu neste instante, tendo retirado o lenço; mostrara as orelhas intactas e se pôs a zombar de Obá, que furiosa, se precipitou sobre a rival e seguiu-se uma batalha em regra. Xangô ficou colérico, lançou fogo pela boca contra suas amantes que fugiram apavoradas e se transformaram nessas duas lagoas que hoje têm seus nomes. Não se deve jamais pronunciar o nome de Obá quando se atravessa o rio Oxum, senão ela, furiosa, se revolta imediatamente. Reciprocamente, não se pode falar de Oxum durante a passagem pelo Rio Obá; estes dois rios se lançam um contra o outro, e em sua confluência, as águas são extremamente agitadas e se entrechocam furiosamente, em lembrança da aventura passada. No Brasil, quando Oxum e Obá se manifestam juntas num terreiro, querem sempre se bater e é preciso separá-las. Obá dissimula uma de suas orelhas para lembrar a lenda. Quando Oxum dança, ela imita uma mulher coquete e vaidosa que se vai banhar no rio; se enche de colares, agita os braços para fazer tinir seus braceletes, se requebra gracio: er 'e e se olha com satisfação num espelho. O ritmo é de tempo Ijexá, lugar onde, na Nigéria, corre o rio Oxum. Ela é sincretizada como a Virgem da Candelária. Seus adeptos levam colares de vidrilhos de cor amarelo-ouro; o dia que lhe é



Surgindo das águas do mar e empunhando o **paxorô**, *Yemanjá pisa as areias para receber de Oxalá a transmissão dos encargos da governança.*



Feliz e cônscio das determinações recebidas, o Orixá retorna ao seu reino, já mandatário dos destinos do seu governo.



Saindo de seu reino e acolitada por outras Iabás, Yemanjá prepara-se para a cerimônia da transmissão da regência do ano.



Envolta pelas ondas, retorna ao seu habitat.

consagrado é o sábado. É simbolizado pelos barcos do rio sobre os quais estão dipostos braceletes, colares e leques de cobre. Na Nigéria, em Oxogbó, a festa anual das ofertas à Oxum é uma ritualização do pacto que liga o primeiro Rei atual que após longas tribulações à procura de um lugar favorável para se instalar com sua gente, chegou ao rio Oxum cuja água corria em permanencia. Alguns dias mais tarde, dizem, uma de suas filhas desapareceu sob as águas em que se banhava no rio. Pouco depois ela reapareceu, soberbamente vestida e declarou a seus pais que tinha sido admiravelmente recebida e tratada pela divindade que ali reside. Laro veio fazer ofertas de gratidão no rio. Muitos peixes, mensageiros da divindade vieram comer, em sinal de aceitação, ao que era lançado n'água. Um grande peixe veio nadar nas proximidades e cuspia água. Laro recolheu esta água numa cuia e a bebeu fazendo um pacto de aliança com o rio. Estendeu as duas mãos e o grande peixe saltou fora. Teve o título, contração da frase Yorubana *A Tewo Gba Ejá,* o que, estende a mão aos peixes e o prende, e ele declarou *Oxum Gbó,* isto é, Oxum em estado de maturidade, suas águas serão sempre abundantes, donde veio o nome da cidade Oxogbó. No dia da festa, Ataojá atual vem em grande pompa através do rio, enfeitado por uma coroa monumental feita de pequenas contas reunidas. É coberta de vestimentas ricas de veludo e marcha com calma, cercada de mulheres e de seus dignatários. As primícias das colheitas e de outros presentes são oferecidas ao rio no lugar exato onde Laro esteve outrora. Esta festa é completada por ofertas ao rio, no mesmo ponto, todos os quatro dias. Os tesouros de Oxum são guardados no Palácio de Ataojá. O templo do Orixá é situado de lado; contém uma extraordinária série de estátuas de madeira esculpida representando diversos Orixás. Da direita para a esquerda é possível se ver: Oxum Oxogbó que tem grandes orelhas para bem ouvir as preces, grandes olhos para ver tudo e uma espada para defender seu povo. Alegé, uma heroína que salvou Oxogbó, quando os Faoulanis tentaram conquistar a cidade de surpresa. Oxalá e Leiemoxo, Aniyan que protege os tamboreiros. Orixá Oko, divindade da agricultura, Ossanyin, e, Tefandê, representados com potes de talismãs nas mãos. Oyá. Todas estas estátuas são ornadas de pontos brancos, os mesmos que aparecem sobre o corpo dos padres de Oxalá que são, sem dúvida, os símbolos deste Orixá da criação. Os mesmos pontos brancos decoram certas estátuas no Brasil: os corpos dos noviços no curso dos sete primeiros dias de sua saída, depois da Sondagem.

YEMANJÁ

Yemanjá é a divindade das águas do mar e das águas doces. Mora em Abeokutá, na Nigéria, no rio Ogun. É a mãe de todos os outros Orixás. Nada pode existir sem água. Ela tem à mesma função que *Iêiê Maiô* e *Olukum* da Ilha Ifé, mas ela não necessita de um Orixá macho complementário. Ela estaria na posição de Nanã Buruku, no Adelê.

Reza uma lenda que nos tempos antigos, quando faltava água e que Yemanjá estava deitada e dormia, as fontes jorravam quando ela se voltava da esquerda para a direita.

Ela simboliza a maternidade; as estátuas a representam grávida, as mãos de lado do ventre com os seios volumosos, aos quais fazem alusão os cantos: "Nossa Mãe de mamas chorosas", seios dos quais algumas lendas dizem jorrar água.

No Brasil, Yemanjá é igualmente a divindade das águas salgadas e doces e é a mãe dos outros Orixás. Ela é sincretizada com a Virgem da Imaculada Conceição; o dia que lhe é consagrado é o sábado. Seus adeptos levam contas transparentes como o cristal e braceletes de metal prateado. É simbolizado por seixos marinhos e coquinhos. Quando se manifesta ela traz um leque na mão e seus Yaôs imitam o movimento das ondas descendo e levantando o corpo. Ela é recebida com gritos de *Odayoá* (a mãe água).

É uma divindade extremamente popular. Grandes festas lhe são dedicadas na Bahia, em 2 de Fevereiro e 8 de Dezembro, às margens do Rio Vermelho.

Parece que em virtude do sincretismo afro-católico que assemelha Yemanjá à Virgem da Conceição festejada a 8 de Dezembro e Oxum à Virgem da Candelária, festajada a 2 de Fevereiro. As duas divindades são associadas no mesmo culto das águas doces e salgadas. Pessoas vêm participar, em romarias, da oferenda à Mãe D'Água, a mãe das águas. Ela é representada sob uma forma um pouco latinizada, por estatuetas de cera, de longos cabelos ondulados. Os Dons são trazidos num lençol imenso: sabão, perfume, flores naturais ou artificiais, lenços de seda, pentes, veludos estofados, revista da moda, colares, braceletes, dinheiro, tudo acompanhado de orações de súplicas dos fiéis que têm uma graça a pedir. No fim das oferendas, o lençol, transformado em um majestoso canteiro de flores variadas é levado em procissão até o local, em meio aos aplausos, de cantos e louvores à mãe das águas. A oferta é embarcada à bordo de um veleiro que singra ao largo, seguido de uma flotilha de "Saveiros", barcos locais, onde os fiéis entusiastas cantam e batem em tambores. Ela é lançada ao mar, para que seja aceita por Iemanjá, é preciso que mergulhe no mar; se sobrenada é sinal de recusa e de descontentamento. É preciso fazer novos sacrifícios e novas ofertas para atrair a sua proteção.

DAN-OXUMARÉ

Dan é um Vodum originário do Paiz Mahi. É representado sob a forma de serpente, arco-íris; suas funções não são fáceis de definir, porque elas são múltiplas. *Dan é o símbolo da continuidade.* É representada se mordendo na cauda formando assim um círculo fechado; simboliza também a força vital, o movimento, tudo que é prolongado; é às vezes macho e fêmeas; quando aparece como arco-íris, o macho é a parte vermelha e a fêmea a parte azul. Sustenta a terra e a impede de se desintegrar. É a riqueza e a fortuna; certas contas azuis chamadas Nanã, ou pedras de Airgry deixadas por ele em sua passagem pelo solo e que valem, dizem, seus pesos em ouro, são chamados *Dan Mi* (excrementos de Dan). Dan senta-se fora das casas e dos templos; é representada por dois potes, um, o macho com pequenos chifres e o outro, a fêmea. Dan reside igualmente em certas árvores ao pé das quais são postos seus símbolos. É sobretudo conhecido sob o nome de *Dan Aidô* e *Dambala Wedó*. Serve de protetor e de auxiliar aos outros Voduns em particular a Hevioso, que ele ajuda a subir ao céu quando ele desce à terra. Dan representa também os antepassados cujos nomes foram olvidados.

Para os Yorubanos é chamado *Oxumaré* (arco-íris). Suas Ialorixás levam colares de cocos, semelhantes aos Vodínsios de Dan; a parte em que os coquinhos são enfiados mostra as escamas da serpente. Leva na mão uma vara semelhante àquelas de Omulu e de Nanã Buruku, em que Oxumaré se assemelha, para os Yorubanos, às origens Mahi. No Brasil, Oxumaré tem as mesmas características que entre os Yorubanos. É sincretizado como São Bartolomeu; seus adeptos levam contas amarelas e verdes, seu dia é terça-feira. Quando dança, mostra alternadamente seus índices erguidos, o céu e a terra. Seus fiéis o acolhem quando se manifesta de *Ao Boboi.*

OSSANYIN (OSSANHE)

Ossanyin é a entidade das folhas medicinais e litúrgicas, sendo sua importância primordial. Nenhuma cerimônia pode se fazer sem o seu concurso. É detentora do Axé (força, poder, vitalidade), que nem os Deuses podem dispensar. Este Axé reside em certas ervas. O nome destas folhas e seu emprego é a parte secretada do ritual do culto dos Orixás e Voduns. O símbolo de ferro sobremontado por sete pontas dirigidas para o alto como as varetas de um guarda-chuva virado de borco. A do centro leva a imagem de um pássaro. A flecha é plantada no solo ao lado de Oxum, e do Babalaô. Pela presença de Ossanyin verifica-se a influência das folhas nas operações de adivinhação. As folhas formam uma grande força na farmacopéia Africana. O conhecimento que os negros têm das virtudes benéficas e nocivas das plantas é muito conhecido para que insistamos sobre este ponto. Cada divindade tem suas folhas particulares. O emprego de uma folha contra-indicada poderá ter efeitos nefastos. Também a colheita é feita com cuidado extremo, sempre em um lugar selvagem, bosque ou floresta, onde as plantas possam livremente existir; as que são cultivadas nos jardins devem ser protegidas, porque Ossanyin vive na floresta. É representada por *Aroni*, um homem bem pequeno que só tem uma perna e que se diz, no Brasil, fuma sempre um cachimbo feito de um coquinho do caracol colocado sobre um canudo cavado e aspergido por suas folhas preferidas. Os que são encarregados de recolher as folhas, devem fazê-lo em estado de pureza, se abster de relações sexuais, pelo menos na noite precedente, ir na floresta pela manhã; não falar com ninguém e ter o cuidado de deixar uma oferta de dinheiro no solo, antes. Os caçadores e seu deus Oxóssi estão em ligação freqüente com Ossanyin, pelo fato de sua constante presença na floresta. Em Keto existe um Olossanyin (um sacerdote de Ossanyin), que é o guardião de Oxóssi. Cada folha é dotada de uma certa virtude: há as folhas da fortuna, as da felicidade, da glória, da fecundidade, da alegria, da oportunidade, da fraqueza, da paz, da longevidade, da coragem, das vestimentas, do corpo, dos pés, etc. Mas há também as de miséria, da conversação indiscreta e ou-

tras menos aceitáveis ainda. As folhas entram em forma de decoração nos banhos de purificação, ou mais exatamente, naqueles que são destinados a estabelecer um elo mágico entre a divindade, certos objetos a ela consagrados e os fiéis. Esta ligação será confirmada, em certos casos, pelas ligações de sangue de uma mesma vítima. No curso das cerimônias de consagração de um noviço e uma divindade, o emprego das folhas é fundamental, porque elas mesmas servirão na elaboração do Axé da divindade. Ele recebe nelas um acréscimo de força, que criou um primeiro elo de interdependência entre o futuro Iaô e seu Orixá. A trituração das folhas destinadas a estes banhos é feita com tanto cuidado quanto foram colhidas. Os cânticos celebrando as virtudes e os poderes de cada uma delas são entoados pelos oficiantes, que em sinal de respeito, se apresentam com o dorso desnudo e descalços, como se estivessem na presença de um Rei.

SAKPATA-SHAPANAN

A origem de *Sakpata* é do Dahomey, em Kpeub Vedji de Dassa-Zoumé, no país Mahi. Sakpata é geralmente qualificado de Vodum da varíola e das doenças contagiosas, mas será mais certo chamá-la de divindade da terra.

A varíola e as doenças contagiosas não são mais que a punição que ela determina aos malfeitores, aos que lhe faltaram com o respeito. Este nome Sakpata (o mesmo que *Xapanan* para os Iorubanos) poderá significar um velho Nagô que golpeia e mata, alusão à sua ação justiceira e vingativa. Este nome é dúbio e perigoso de se pronunciar. De fato, há pessoas que o chamam à reverência de *Ayinon,* proprietário da terra. Este forma uma família de Voduns cuja composição varia conforme as regiões. Em Abomey ela é composta de sua mulher *Niobé Ananu,* seu filho *Da Zodji,* que dá a desinteria e os vômitos que levam à morte. *Da Langan, Da Sindje, Gbossou Zoubou,* seu irmão gêmeo. *Aglossouto* que dá as pragas incuráveis e *Ahossu Ganwha* que dá as inchações que causam a morte. *Avimadgé,* em ligação com *Tohossu, Alokpé,* um *Tohossu, Noudjémoumé. Hpa,* uma terceira geração de que fazem parte os filhos de Da Zodji, cujo antepassado é *Adan Tagni,* que dá a lepra e corta os pés e as mãos. De outra parte os filhos de Da Langan, chamados *Gbazu, Da Magbékan, Souviningin.* Os corpos e os bens das vítimas da varíola pertencem de direito aos padres de Sakpata, estes, como representantes do Rei da Terra, foram a causa de diversas dificuldades com os Reis do Dahomey, e muitos deles foram mortos pela varíola. O acesso à capital Abomey lhe foi muitas vezes impedido e o Rei Adandozan caçou-os pelo Reino. O soberano não queria outros Reis. Atualmente as cerimônias feitas em honra de Sakpata, particularmente aqueles em que têm lugar as ressureições dos noviços, atraem sempre muita gente. Os Sakpatanos (dedicadas à Sakpata), sempre vestidos com belíssimas tangas, são ornados de peças de prata e levam jóias em sinal de dignidade. No curso das cerimônias entoam canções ardentes e satíricas, que fazem a alegria dos assistentes. Em outros cânticos mais sérios dão conselhos morais, ameaçam as pessoas que têm má conduta e as convidam à reformar seu modo

de vida, sob pena de atrair a cólera de Sakpata. Eles dançam com pose para mostrar sua força de poder, e provar que são invulneráveis aos ataques de seus inimigos ciumentos e invejosos. Entre os Yorubanos, Sakpata tem o nome de Shapanan, mas, pelas mesmas razões que entre os Mahi, é mais comumente chamado *Obaluaiê* (Rei do Mundo) ou Omulu. É sob estes dois nomes que ele é conhecido no Brasil, onde aparece coberto de palha, a cabeça coberta para disfarçar sua vista atingida pela lepra. Leva à mão um Xaxará, vara de nervuras de palmas enfeitada de coquinhos. Dança curvado em dois, como presa de dores, e imita os sofrimentos, as convulsões, os vômitos e os tremores de febre. A orquestra bate para ele um ritmo especial chamado Opanijé, que significa em Yorubano: ele mata qualquer um e come. Seus adeptos, na Bahia, levam colares preto e branco ou vermelho e negro. O dia que lhe é consagrado é a quinta-feira e é sincretizado como São Roque e São Lázaro, e as vezes São Sebastião. É recebido por seus devotos quando se manifesta com os gritos *Atotô*.

LOKO

O Loko, Iroko dos Yorubas, não é uma árvore sagrada em si mesma. Não é sagrada senão quando serve de suporte a sua divindade. Seu nome no Dahomey é sempre ligado com o do Vodum que lhe deu este caráter. *Agbo Loko,* que tem sua cadeira no Templo de Lissa, no quarteirão Dfema em Abomey. A futura Vodunsi faz sua aparição fora do convento depois de sua "ressurreição", traz o dorso nu e uma tanga branca molhada de óleo de palma em torno dos rins; tem cabelos cortados mas não ainda raspados e sobre a cabeça e as faces, manchas vermelhas. Ela anda estrebuchando, curvada em dois, conduzida por uma mulher que vai recuando, prendendo-lhe as mãos e guiando seus passos. Levam ainda duas galinhas para ofertar a *Agbo Loko.* Elas vão a frente dos tambores a executar uma dança trepidante, o corpo pendido para frente e os cotovelos erguidos para trás. A noviça vai em seguida se sentar sobre os joelhos de uma mulher, porque ela deve se comportar como a menor criança do templo onde ela faz sua entrada. Todos vão limpar o suor que cobre sua face. A família da noviça presente à cerimônia procede as distribuições de prata aos diversos dignatários do templo. Um arauto tem o cuidado de proclamar as somas da oferta. Depois, seguem-se novas danças seguidas do retorno da noviça ao convento.

Uma das sacerdotisas do templo indica em seguida à família o que é preciso reunir para fazer as sondagens. Para cada objeto ou grupo de objetos anunciados, ela lança uma pedra, como ajuda-memória, à família. As coisas a fornecer são numerosas, são determinadas por advinhação. A seguir são enumeradas: Seis bois, seis garrafas de bebidas, três cabritos, trinta e três esteiras, dez litros de óleo de palma, feijão, uma saca de sal, de farinha de milho, quatro cabeças de milho e feijão misturados, uma peça de veludo, uma tanga, uma navalha, mil cauris, papagaio, a tintura vermelha, duas pedras de fuzil, uma tanga para a Vodum, um peixe, uma pena de galinha e um galo, para o tambo-

reiro. Uma garrafa de bebida, uma esteira, uma garrafa de óleo de palma, farinha de milho, uma enchada para Gou, etc. (Isto na África.)

OBATALÁ – LISSA

Obatalá, chamado também de *Orixalá* (O Grande Orixá) ou *Oxalá* é o Deus da criação para os Yorubanos. Foi quem ajudou a Olodumaré *(O Senhor) a* criar o homem e a mulher. Olodumaré fez os esboços grosseiros em argila, e Obatalá formou a boca, o nariz, os olhos, as orelhas, o crânio e fixou os membros. Olodumaré lhes insuflou a vida. Obatalá no seu templo, na Ilha de Ifé, lugar de origem de todas as coisas, seguindo a tradição Yorubana é figurado, apresentado, tendo a seu lado sua mulher *Ye Movô.* Formam juntos o par criador, simbolizando a dualidade *céu* e *água.* As tradições conhecidas sobre o mito da criação são aquelas de um Deus Criador *Olorum* ou *Olodumaré* para os Yorubanos, e *Maú, Segbé Lissa* ou *Dada Segbo,* para os Fons e Evés. Deus Supremo, único, todo poderoso, mas longíquo, indiferente, nem bom nem mau, inacessível às preces dos homens. *Só os Orixás ou os Voduns podem ser atendidos.* Na Ilha de Ifé, há um par Criador (*Odudua* e uma mulher *Olokum*), onde aparece a oposição, terra e água. Esta Cidade é um ponto de convergência de diversas migrações de povos com mitos religiosos diferentes que são influenciados reciprocamente. Os pontos contraditórios e os comuns não são por conseqüência esforços de harmonização das tradições históricas com as tradições religiosas. Esta tendência é que faz se substituir a lenda dos ancestrais divinizados no mito dos Deuses. Com efeito, *Odoua* é também considerado como antepassado dos sete Reis Yorubanos e aliados. Será o Príncipe e filho herdeiro de Iamourudu, Rei de Meca. *Odudua* teria renunciado ao islamismo. Seu pai teria sido morto e cassado, teria chegado no fim de noventa dias à Ilha de Ifé e teria reencontrado *Orumilá Agbamilegum,* o fundador da advinhação. Além de outras fontes, os Yorubanos teriam vindo de uma região bem ao Leste do Sudão ou do Alto Egito, ponto de partida de migrações para o Norte e Oeste. *Obatalá* e *Odudua* são associados de diversos modos nos mitos. Seguindo alguns dentes eles, ambos foram enviados junto a terra (ou para criar a terra), por *Olodumaré,* no caminho eles beberam vinho de palma. Obatalá se embriagou e dormiu. Odudua se apoderou do saco da existência e continuou seu caminho para o lugar que hoje se chama Ilha de Ifé, e Obatalá, uma vez, acordado, não encontrando mais o saco da existência, subiu ao céu, depois de Olodumaré. E citam, em memória dessa fraqueza de Obatalá, que seus adeptos não podem mais beber vinho de palma. O que resultou das aventuras destes Orixás é uma oposição entre o céu e a terra.

Nos outros mitos, Odudua estando transformado em Orixá feminino. Obatalá e Odudua são representados por duas metades de cabaças presa uma a outra. Obatalá é simbolizado pela metade superior representando a abóboda celeste que toca pelas bordas a terra representada pela metade inferior, que simboliza Odudua. O céu fecunda a terra de onde saem os outros Orixás, os homens e todas as coisas. Em Porto Novo, no Dahomey, tem-se visto os dois Orixás confundido em um só *Oduwa,* que alguns julgam um deus andrógino. Para os descendentes Yorubanos estabelecidos há muito tempo nas margens do Mono, em Doume, as parceiras do criador tomam o nome de *Lissa* e *Maú.* Lissa, o príncipe masculino representa o ocidente, o sol. É figurado pelo camaleão que toma diversas colorações. *Mawu,* o príncipe feminino representa o oriente e a lua. O culto de Lissa e Maú foi importado de Abomey, antiga Capital de Dahomey, por Na Wangele, mãe do Rei Tegbessou. (1728-1775), as orações, louvores aos deuses deste templo são feitas pelos velhos Nagôs, da região de Deume. *Oxalá* (outro nome de *Obatalá*) é no Brasil, igualmente o Orixá da criação. Seus adeptos portam colares de cor branca e são vestidos de branco, cor deste Orixá. Na Bahia, é sincretizado como Cristo do Bonfim. O dia que lhe é consagrado é a sexta-feira, e quando se manifesta é saudado por gritos de *epa-babá,* é representado sobre duas formas: a de *Oxalufan,* um velho curvo e enformo, vestido de branco, sustentando seus passos indecisos pelo longo bastão de estanho, (Paxorô), seja como *Oxaguian,* chamado também *Adjagounan,* jovem e guerreiro, vestido de branco, armado de uma bala de morteiro e de uma espada de metal prateado. Todos estes nomes são conhecidos pelo Yorubanos, de Nigéria, e no país Nagô, do Dahomey; *Oxalufan* em Ifon, *Oxaguian* em Egjibó e *Ogomosho, Adjagounan* em Keto e Havé.

Uma lenda contada na Bahia e conhecida igualmente na Nigéria diz que outrora Oxalufan, pai de Oxaguian, Rei de Egjibó, projetou deixar o reino de seu filho para ir visitar o seu amigo Xangô, Rei de Oyó, país vizinho. Antes de partir, ele foi ver um Babalaô que consultou o Ifá, que declarou que não devia empreender tal viajem. Oxalufan insistiu e perguntou se algumas ofertas e sacrifícios não poderiam tornar a viajem mais favorável. O Babalaô lhe confirmou que a viagem seria desastrosa de qualquer jeito. Ele seria vítima de numerosos desastres, e de aventuras, mas o esperavam, e, que se ele não desejasse morrer, deveria fazer tudo que lhe fosse mandado, sem jamais recusar um serviço e não lamentar o que lhe acontecesse. Deveria ainda levar três vestimentas de reserva, sabão indígena e manteiga de Karité. Oxalufan partiu. Como já estivesse velho, caminhava lentamente se apoiando no paxorô. Encontrou Exu assentado sobre a borda da estrada, tendo uma grande barrica de óleo de palma pousada a seu lado. Ele pediu para que o ajudasse a carregar o seu fardo sobre a cabeça, assim o fez. Exu voltando o conteúdo sobre ele se pôs a rir e a zombar de Oxalufan, que não se aborreceu, mas continou em direção ao riacho vizinho e tomou um banho, passando a manteiga de Karité sobre o corpo. Vestiu, em seguida, uma vestimenta própria e deixou a antiga como oferenda. Meteu-se em caminho francamente e por duas outras vezes encontrou Exu, que tomando o mesmo caminho carregava uma carga de carvão e uma de óleo de amêndoa de palma. Oxalufan fez como da primeira vez e continuou o seu caminho. Pouco depois ele entra no reino de Xangô.

Passando perto de um campo de milho vê um cavalo de Xangô, que foge, ele colhe algumas espigas e as dá para o cavalo comer. Os servidores de Xangô, lançados em perseguição ao animal chegam a prender Oxalufan como ladrão de cavalo. Caem sobre ele com golpes de bastão, prendem seus braços e per-

nas, e o lançam na prisão, levando o cavalo e seu mestre. Sete anos de desgraça passam pelo reino de Xangô. A seca compromete as colheitas, as mulheres tornam-se estéreis, etc. Xangô faz consultar ao Ifá, que revela que todo este mal provém de um velho homem que foi injustamente posto na prisão. Buscas e investigações foram feitas. Finalmente, Oxalufan é trazido diante de Xangô. Este reconhece imediatamente seu amigo. Desesperado e envergonhado do que aconteceu, dá ordens a seus servos, todos vestidos de branco e no maior silêncio em sinal de respeito, que procurassem água para lavar Oxalufan, que afinal retornou para junto de Oxaguian, sem notícia de seu velho pai por todo tempo, malgrado todas as buscas empreendidas. Celebraram-se, então, grandes festas e se fez distribuição de alimento a todas as pessoas.

Esta lenda é comemorada todos os anos na Bahia, nos numerosos terreiros e, particularmente, nos de origem Keto. Os axés de Oxalá são retirados do Peji e ficam sete dias em uma outra cabana, em lembrança dos sete anos de prisão. As pessoas pertencentes ao terreiro vão, como na lenda, procurar água nas fontes sagradas, todas de branco e guardando o maior silêncio. A água serve para lavar os axés de Oxalá. Uma procissão simboliza, mais tarde, o retorno de Oxalufan. A semana seguinte dedica-se a uma festa, durante a qual, todos os assistentes recebem a comida de Oxaguian, comemorando o festim da volta de seu pai. A lenda garante que, como Oxalufan tinha se tornado impotente depois dos golpes de bastão, Xangô lhe deu um servidor de nome Airá, para guardá-lo e levá-lo. Airá incitava sempre Oxalufan a reclamar e a pedir vingança contra as pessoas que o tinham posto naquele estado. Mas, se muitas dessas recomendações do Babalaô, eram recusadas, se ele não queria morrer, devia aceitar sem lágrimas as conseqüências de sua viagem, e ele voltou por ter superado a dificuldade. Fez construir na floresta, uma casa que continha um talismã.

Seus antigos agressores se tinham arrependido e andavam pelos bosques, tristes, desanimados, estropiados ou com a boca rasgada. Oxalá cantava um cântico em intenção as pessoas que ali vão e que não tem mais que uma perna, um olho, uma orelha, ou são aleijadas.

As danças imitam a marcha lenta e tropéga dos estropiados, quando Oxalufan se manifesta nos terreiros da Bahia, é que um transe de Airá se produz, aquele se aproxima e vem para sustentar e levar.

Esta lenda mostra que na África, os albinos, os aleijados e estropiados são consagrados a Oxalá. Observamos uma proibição a respeito desta lenda: em Iexá, os adeptos deste Orixá não podem nem se servir de um cavalo, nem comer carne. A aventura do tonel de óleo, que está na lenda, faz alusão à proibição de fazer para Oxalá, ofertas de alimentos contendo óleo. Uma lenda de um Odum de Ifá nos diz igualmente o que segue: quando Obatalá vem ao mundo ele procura consultar Ifá para conhecer sua sorte. O Babalaô diz: tu deves fazer uma oferta de muito sal numa cúia e uma tanga de dormir. Porque devo eu fazer esta oferta? Para não encontrar a vergonha na terra. Obatalá recusa quase sempre fazê-lo. Ele vai se assentar em uma cabana e todos o vem ver. A noite cai, todo mundo dorme, menos Exu, que passeia pela casa, apanha a cúia que Obatalá recusou a oferecer e a prende nas costas do dorminhoco que ele cobre com uma tanga branca. Quando ele acorda está corcunda, todos lhe perguntam como adquiriu aquela deformidade, mas todos o sabem. Exu lhe diz: — Tu recusaste fazer a oferta de uma cúia, tu serás sempre corcunda. Tu recusaste oferecer sal, nunca mais comerás. Eis o motivo que é interdito oferecer a Oxalá alimentos contendo sal. O marfim, em razão de sua brancura é um dos seus símbolos na Ilha Ifé, os padres de Oxalá quando saem na cidade, no curso de certas cerimônias cobrem a face e o corpo de pontos brancos. Este uso se encontra no Brasil. Nós o temos visto nas cerimônias de iniciação dos noviços.

AKPALÔ

Quem entrar em contato com um *Akaló* — (*Akpaló*, em Yorubano) — há de reconhecer nele uma enciclopédia viva; descreve a história de seu povo e relata sempre com as mesmas palavras, os mesmos gestos a mesma voz, a mesma música e os mesmos passos, o que foi transmitido por seus maiores e por outros akalós. Nos candomblés encontram-se desses homens de prodigiosa memória, alguns outrora, hoje, quase todos brasileiros, desde pequenos, criados como se houvessem nascido na África, falando a língua paterna, conhecendo os mistérios do fetichismo, iniciados pela Ogboni, que parece haver pedido muito do que foi, até havidos como Equijis Orixás ou grandes veneráveis do culto Gege-Yorubano. Mais raros, agora, os akalós, antes de chegarem ao supremo governo de sua religião, passam por diversos estágios ou graus de iniciação como *Equijis* ou sacerdotes dos deuses Nagôs: Obatalá, da pureza e da fecundidade; Xangô, do trovão, da abundância; Ifá, de amor em todas as suas faces; do passado, do presente e do futuro; Ochamin, Ajé-Chaluga Ajá, da medicina, Odudua, da fecundidade, da terra-mater; Yemanjá, das águas. Antes, a iniciação se faz nos mistérios dos deuses menores: — Ogum, dos minerais e da guerra; Dasa, dos vegetais; Okô, da agricultura; Oxóssi dos caçadores; Okô, das montanhas; Olokum, do mar; Oloxá, dos lagos; Orungã, do ar; Aganju, da terra firme. Desnessário seria advertir o afro-brasileiro alheio a essa primeira e indispensável etapa de conhecimento do Akaló (do que tão bem se soberam valer Nina Rodrigues e Arthur Ramos), que nao tem procurado determinar a feição afro-brasileira por nenhuma regra ou outra dedução mais viva se não a presença de alguns termos Bantos ou Sudanêses, isolados ou misturados, compreensíveis ou não, que não autorizam a descobrir origem, fonte ou influência africana. O campo da África Negra é mais rico entre as nações sudanesas do que entre os Bantos — isso porque, sendo comum e de séculos idos o uso da escrita e da língua Árabe, no Sudão — onde muito se espalhou a civilização Oriental — os Sudaneses, menos ingênuos de que os Bantos, enriqueceram muito e sempre mais procuram enriquecer o seu noveleiro e seu rimário com um número considerável de mimeses, de inversões e de extenções, todas difíceis de precisarmos, ora ligando-as a Totens e Tabus. Eram indiferentes a essas ligações, em virtude de crenças e dimensões religiosas, de que resultaram a abundância e a variedade de suas peças afro-brasileiras. Entre as nações ban-

tas, a novelistica é mais ligada à natureza, à vida, aos hábitos e aos costumes afro-brasileiros, mais intensamente fecunda de heróis que se exibem alegres no jocoso, nas chulas brejeiras, no libido, que se vencem uns aos outros, se registrando, assim, épocas de história de seus povos, sem que isso os anule, mas insistem na invenção, imaginação e adaptação muito próprias a todas as raças. Nos contos sudaneses, exceto os Haussás, os "heróis" santos, são geralmente mortos a lança ou a cacete, surrados, posto em fuga, precipitados pela covardia, pela estupidez e por tudo que deprime a moral humana. É assim na Bahia, o reflexo da rivalidade que se estabeleceu entre os sudaneses, sempre previlegiados pelo senhorio dos lares e dos engenhos contra os Bantos, tidos como os piores cozinheiros e trabalhadores.

A influência Sudanesa, maior no recôncavo baiano, por terem sido os misteres do culto e dos serviços domésticos entregues a filhos do Sudão, retratou, no Quibundo, o negro de Angola e lhe deu todos os atributos de pusilanimidade, de infelicidade e de instintos baixos, servindo-se de dois termos: Ambundo – Quibundo, o lobo alusivo ao ciclôpico, o que tem a boca nas costas, e Quibundo, cloaca, sentina, urinol, bispote, latrina, alusivo ao que carregava, de ruas inteiras, o "balde" de despejo para o mar, indivíduo que, pelo menos, pelos brasileiros, era chamado Cabungo, nome também dado ao balde. Assim, os sudaneses entraram para ridicularizar os bantos, especialmente os angoleses, sufocando os seus mitos com outros sudaneses, ou transfundindo-os nos Ameríndios, pervertendo uns e outros, mas alguns conservaram-se fora da transformação. A raça negra que se multiplicava nos engenhos foi expandindo os termos santos na maioria integrados na língua geral africana, do que não se lembraram os nossos africanistas, e, com eles, os contos, de modo que estes bem ou mal, perdurassem ao lado dos sudaneses, conservando feições primitivas mais ou menos adulteradas, provavelmente influindo na novelística ameríndia por mimeses de personagem com ou sem sainetes que, em alguns casos, apresentam ao mesmo tempo vocábulos ameríndios, afro-brasileiros e portugueses. Não estamos de acordo com os que sustentam, não fosse considerável em relação a dos sudaneses, especialmente da Nigéria, a corrente dos escravos Bantos entrada na Bahia, bastaria que se consultasse as "relações" do tráfico negro nos séculos XVII e XVIII, existentes nos arquivos da Marinha e Ultramar, de Lisboa, se, para esta razão conosco, não bastasse os termos em uso corrente no Recôncavo Baiano, muitos deles, em Ambundo e Quimbundo primitivos, e, em muito maior, cópia do que os Sudaneses.

GUNOCÔ
(Alma de Ogun, ou Arigofe)

Gunocô é um Orixá cuja cabeça anda escondida num cone em cima de uma saia de roda e cujas pernas, dos joelhos para baixo, são pretas, como preta é a máscara pintada na parte inferior da superfície dequele chapéu cônico. Esse orixá é o Yorubano *Du-Du*, mas também um *Mandu* Sudanês, isto é, o mesmo em muitas línguas e nações sudanesas, diferente do mandó de Angola que usa

peneira no alto da cabeça e não só as cobre como se veste de kaíque, pano branco com que se envolve, deixando só os pés descobertos e uma fresta para ver o caminho. Mandu parece nos ter vindo do Quicongo: – *muntu*, pessoa e dudu, fantasma negro. *Mundu* diziam os africanos de origem e muitos de seus descendentes ainda assim pronunciam, embora os brasileiros, dizendo mandu, como aqueles entendem que os deve dizer mundu, não se distinguam do mandu de Ameríndio. *Gunocô* é alegre. Vem, ri-se agora de suas falsificações urdidas pelos indianistas nos atributos de Curupira, como Deus das florestas, e de Caipora, como Deus da caça. Gunocô não para às solapas. Assoviando ou andando, bolindo sempre com as pernas, a sambar toda a vida, está dia e noite a divertir-se, mesmo só. É poeta convencido: – tudo que falava é em verso. Tudo que diz é cantado. Um tipo autêntico de africano alegre, mesmo nas ocasiões em que sua ira parece verdadeira.

Ameaça, mas é inofensivo. Gunocô é honesto. Cumpre a risca seu destino onde a mitologia Afro-Negra, ou melhor, a mitologia Yorubana, o atirou. Não se vende: – Fumo, cachaça, bieta, o que seja, não o compra. Não é como Caipora que consente se matem os animais em troca de qualquer ninharia, nem como Curipira, que se deita dentro das palmeiras e deixa que o tapuia decepe o seu leito e o carregue. O mundo para Gonocô é bem diferente. Vive só, sem casa, sem mulher, sem consumições, sem necessidades. Compará-los à Caipora é o mesmo que dizer que vinho é água de barrela, pois o mito de Caipora, de tanto transfundir-se, encaiporou-se mesmo. Confundi-lo com o Curupira é inconsciência. O mar que os separou é bem largo. Gunocô, negrinho retinto, nunca apertou as mãos de Curupira, caboclinho bronzeado. As vidas de um e de outro são bem diferentes – só havendo de comum o serem ambos encegueirados pelos matos. Os nossos afro-aboriginistas devem atentar nessas coisas e recompor os mitos para não estarem a dizer, em provas reais que todo nosso fabulário foi devassado pelos afros-negros que o pintaram de personagem e episódios. Também em que se baseiam é o pior possível, o ouvido da boca das "contadeiras de histórias", que tudo misturam para matar o tempo dos nenês grandes e ajudar o sono das crianças pequenas. O Afro-Negro nada inveja o Ameríndio para, como se tem dito, ser um parasita neste. Ainda se pode muito bem separar e distingüir grande parte de ambos e fazer o confronto, mesmo que o Ameríndio se dê sem surpresa para a civilização, a simbolização em muitos solares como os ideou o General Couto de Magalhães. Por felicidade temos um retrato do dudu feito por uma creoula chibante, pele de azeitona, que lhe guardou os "quindins", fingindo ser ele quando caia no samba, nas festas de Ogum.

OMÁ

Omá é um costume seguido pelos padres animistas quando um Vodum é sacrificado por um sacrilégio em virtude de uma profanação, ou quando as ofensas intencionais foram feitas, ao guarda ou aos padres do Vodum, sob forma de violação voluntária de proibições ou de atitudes injuriosas, frente à

frente com a divindade ou de seus representantes. Diz a lenda, que o padre ofendido por esses atos de malquerência recorre a Omá e fica enraivecido. Põe-se a correr na rua, gritando: *Omá. . . Omá,* para pedir justiça à autoridade religiosa superior. Todos os Vodunsios encontrados no caminho são contagiados, e seguem-se gritando Omá, e correm freneticamente.

Chegando em frente ao grande sacerdote da região, Akplogam, no caso observado em Porto Novo, o padre ultrajado faz sua queixa; esta é julgada por um conselho que se mete na questão para resolver com o culpado e decide se há possibilidade ou não de fazer o Omá. Na afirmativa, todos os adeptos dos Voduns são convidados a prendê-lo durante nove dias. O sentido desta manifestação é de provar que se um tal sacrilégio foi cometido, tudo é possível, nenhuma regra pode ser desrespeitada, e para mostrar às pessoas que o fazem, Omá desabafa sua raiva e seu desarrazoado diante da falta cometida. Eles passeiam em bandos pelas ruas, vestidos invariavelmente com folhas e ramos, a cara pintada de preto ou de branco, a cabeça coberta de velhos chapéus esburacados, cuias furadas, marmitas, gaiolas contendo sapatos velhos, levam colares feitos de frutos velhos, alternados com coquinhos em caracol, e velhos carretéis. Brandem bastões e cantam coplas ameaçando ou satirizando o culpado. É necessário que aquele que vem reconhecer sua falta, mostra seu arrependimento e pague uma forte multa para ser lavado de sua má ação. Uma vez o Omá lavado, ninguém pode mais fazer alusão aos cantos e as injúrias que forem proferidas sob pena de cometer, por sua vez, uma falta possível de um *Omá*.

Uma Sacerdotisa de um Vodum, engravidada no curso de um período de reclusão, num convento, onde nenhuma relação sexual é permitida, provoca o *Omá*. Os participantes de Omá simulam uma cena de dormitório, que eles acompanham com canções cheias de alusões zombeteiras ao estado em que se encontra a culpada.

ADJAUTO

Adjauto é o fundador das dinastias Reais de Aladá, Abomey e Porto Novo. As diversas lendas que lhe dizem respeito concordam, quase todas, com a origem de Adjauto, em Tado, às margens do rio Mono; quase todas igualmente lhe dão um parentesco com uma pantera chamada Agassu. Em algumas delas é uma pantera macho que teria tido relações amorosas com a mulher do Rei de Tado; em outras, é o Rei de Tado, que teria desposado uma fêmea de pantera metamorfoseada em mulher. Nos dois casos, o fruto desta união teria sido o futuro Adjauto. Tomou este nome, que significa matador de Adjá, por ter causado a morte de um de seus irmãos, no curso de uma briga a propósito da sucessão ao trono de Tado. Obrigado a fugir, ele veio a se fixar em Aladá com os seus partidários. Algumas gerações mais tarde, no século XVII, já que uma cisão se produziu entre os descendentes dele, e um deles, Dako Danu, foi fundar o reino de Abomey; um outro, Té Agbanlin, o de Porto Novo, e o terceiro ficou em Aladá. As cerimônias são feitas todos os anos pelos descendentes do Rei de Aladá; o Rei de Porto Novo, e a família dos antigos Reis de Abomey enviam representantes para honrar a memória do antepassado comum.

O túmulo de Adjauto está numa floresta bastante próxima de Tagondo, onde se encontra o Palácio dos antigos Reis de Alada; este túmulo é coberto por uma cabana de palha. É cônico, e o teto cai quase até o solo. Os Assens de Adjauto, fundador da dinastia, são pintados defronte seu túmulo. Um para-sol de franjas decoradas de motivos, em veludo, recortado e decorado, protege o chefe, descendente dos Reis de Aladá. Uma grande multidão vem participar desta cerimônia. As sacerdotisas de Adjauto vão procurar água no pântano sagrado, Sodjii. As cerimônias se desenrolam da mesma maneira que as dos Hohossus, mas com mais sobriedade. O ritual é instituído para a adoração e as oferendas a Adjauto, que serviu de modelo ao ritual, seguindo para as cerimônias dos Reis e dos membros das famílias reais, devidas ao filho da pantera vindo de Tado.

ZAMGBETO

Zamgbeto, cujo nome significa Caçador da Noite, era, no reino de Porto Novo, uma espécie de policial, guarda noturno. Mas o seu grande *hoby* era caçar ladrões que levava para corrigir, pretendendo torná-los em homens honestos, separando-os dos desonestos. Estes excessos de zelo, fizeram-no tolhido, pela administração, de suas rondas noturnas, pelas ruas de Porto Novo.

Zamgbeto se apresenta sob a forma de uma pedra com palha, um pouco maior que um homem. Fala com voz fanhosa e dança rodando em sua volta. Era o guarda de Te Agbanlin que fundou Hogbonu (Porto Novo), em sua chegada a Aladá. Mostra ser bastante próximo parente de So Bragadá Abomy. Os Zamgbetos são numerosos ao longo do vale do rio Uemê; são protegidos pelos Legbás, na terra onde sua truculência depende muito do espírito alegre que reina nas reuniões dos homens agrupados ao redor dos guardas noturnos.

TUTU MORINGA

Estamos diante de mais um papão Angolês, isto é, de mais um tutu afro-negro que se despe dos farrapos que os africanistas lhe deram e vem rir-se da confusão que estabeleceu na mítica brasileira. Esse tem história, ou antes, faz do Brasil o teatro de sua história de Angola. Anda à procura dos filhos que os portugueses roubaram e trouxeram para cá. Não tendo pouso certo, mora nos matos, daí o ser Bicho do Mato. É velho e tem o corpo de moringa. Parece um bêbado quando caminha. E, por sua fala semelhante ao ruído que faz a água cair pelo gargalo dessa bilha, se diz rouca. Supondo ser os filhos que procura, furta as crianças e foge para o mato sem que o alcancem. Vendo-se logrado, vinga-se: estraçalha as crianças com as unhas que não corta e come-as sem deixar os ossos.

O ronco do *Tutu-Moringa* bastou para que o Vale Cabral, sem o citar, fizesse os tutus da Bahia corporificados no caitetu – grossa e deslavada mentira – como se roncar fosse de aplicação muito lata em nossa linguagem: roncar o mar, o trovão, a cachoeira, o que dorme, o atacado do coração, enfim, roncar é ressonar, rugir, bravatear e tantas coisas mais até mentir com autoridade. *Tutu-Moringa* é um grito de angústia de uma raça escravizada, uma página que se desgarra de seu subciclo dos tutus para o ciclo de Pai João, pois tanto pode ser considerado em Angola como no Brasil. Ninguém sabe onde Tutu-Moringa nasceu nem de que terra veio, mas o bisavô de seu avô dizia que ele mora lá nos matos e que sempre andou à procura dos filhinhos que foram roubados e trazidos para aqui. Também o tetravô de sua avó, que era uma sabichona e até fazia versos, contava que todas as noites Tutu, com o corpo de moringa, andava de casa em casa roubando os meninos que não dormiam, pois as falas das crianças se parecem todas com as dos filhinhos dele. E assim Tutu-Moringa comeu gente que não foi brinquedo e meteu medo que não foi graça. Os antigos sabiam da história e se recolhiam cedo para não serem comidos também, pois, pelo tempo, os filhos Tutu-Moringa já deviam estar velhos e barbados, mas ele, na aflição de achar os filhos, pensava que ainda fossem pequeninhos como no dia em que foram roubados. De uma feita – e esta foi a primeira dele – ia passando por uma rua quando viu. Não é bem lembrado se o menino estava chorando ou se falando, mas o caso é que ele descobriu que havia menino acordado aquela hora. Entrou de supetão, roncando e andando pra lá e pra cá, jogando com o corpo, parecendo bêbado. E, quando menos se esperou, ele. . . zape! Carregou o menino e deu nos pés num carreirão doi ladeira abaixo e ladeira acima que ninguém viu mais fumaça de Tutu-Moringa. O menino berrou a noite inteira, no escuro, dentro do mato, com medo do malvado que só estava o alisando e pensando que era um dos filhinhos roubados. Quando o dia clareou e Tutu viu que tinha se enganado. . . Hum! Meteu os unhões, estraçalhou o menino todo e o comeu sem deixar nem os ossos. Desse dia em diante, é achar menino acordado de noite, já sabe: pega e leva pra comer. Deus me livre que ele chegue aqui em casa. . . Vamos dormir, filhinho, pra Tutu-Moringa não lhe pegar.

Vá embora, Tutu-Moringa
A toda pressa,
Pela restinga.
Corra ligeiro, vá ligeiro.
Tutu-Moringa,
A toda pressa
Seus filhinhos vão agora
Embarcados num veleiro
Vá embora.

Talvez Tutu-Moringa não tenha mais razão de ser. Seu mito se enquadra bem no Ciclo do Pai João, nos trezentos e que anos de dispersão de pais, filhos, parentes, amigos, mundo em fora de seus lares e de suas selvas, rumo do desconhecido, pelo Atlântico, até as terras e as florestas ainda virgens da América Portuguesa.

GONGA

Na terra de meus avós havia um homem a quem Olorum e Exu ensinaram todos os segredos do mundo para que pudesse fazer o bem e mal que entendesse. Quando o homem soube fazer Ibá, Efifá, Malamba e tudo, os cambindo se reuniram e lhe disseram: de hoje em diante você se chama *Gonga*. O homem curvou-se agradecido diante do Peji, mas ouviu Obatalá, Xangô e Ifá dizerem que devia, por isso, fazer agrados, mas sem comidas frias, nem cruas. Como nenhum homem soubesse fazer fogo para cozinhar as comidas, mais ligeiro e melhor do que o sol, foi à encruzilhada esperar Exu para saber dele o segredo. Ficou um dia e uma noite, a cabeça dentro das mãos, até que por fim ouviu as macais "estalando" e uns psius chamando por ele. Gonga ficou maluquinho procurando ver de onde vinham os chamados, mas, quem disse? Parecia até artes de Gunocô. Mais um dia e uma noite perdidos nesse vexame. No terceiro dia, achou. Eram as árvores que se sacudiam e rangiam os galhos, bolindo com ele e caçoando dele, porque não sabia fazer fogo. Mas elas mesmas iam se queimando aos bocadinhos. Gonga, mais que depressa, chamou por Xangô, pedindo lhe valesse. E logo uma chuva de raios decepou algumas árvores. Isso mesmo que o homem quis. Juntou os pedaços uns em cima dos outros, tendo antes botado em baixo deles umas brasas que tirara das árvores que estavam se queimando, e cobriu tudo de terra para os queimar abafados. Dias depois, foi ver o matombe. Umas pedras que estavam perto soltaram umas gargalhadas de deboche. Gonga aí zangou-se de verdade. Juntou três que estavam se rindo dele e riu delas, gritando de alegria: Macuco! Macuco! Depois desmontou a terra e ficou ainda contente. Em vez dos paus, achou um moleque todo feito de taquinhos pretos e lhe deu logo nome: *Macala*. Macuco, que eram as três pedras, não se arredou mais do lugar e perdeu a fala e o movimento. Gonga, vendo que o moleque se largava aos pedaços, pegou alguns deles e botou dentro de Macuco. Soprou o caquico que restava do matombo e acendeu os taquinhos de Macala. E assim aprendeu comose fazia fogo para cozinhar os quitutes para a festa que devia dar por ordem dos Orixás.

NIRONGA

Havia lá em Angola, uma moça muito bonita que era feliz. Todas as tardes entrava pela porta de sua cubata uma borboleta azul que a encantava. Ela virava borboleta e iam passeando, vendo tudo. Ele se chamava Quibanda e ela *Nironga*. Aconteceu que houve uma grande guerra entre as nações e a dela perdeu. Então o povo todo começou a juntar-se para quando chegassem os vencedores se entregar como escravo, pois esse era o costume daqueles tempos.

Vinha gente de todas as partes, resignada com o destino, mas só Nironga não aparecia nem ninguém se lembrava dela, nem de Quibamba. Quando os vencedores apontaram no alto da montanha, os vencidos estremeceram e perderam os sentidos. E, num instante, todos viraram borboletas a levantarem vôo, numa nuvem grande, escura, que desapareceu daquelas paragens. Os vencedores não acharam ninguém. Voltaram para suas terras fazendo uma grande caminhada, tristes da vida, por tanto sacrifício perdido, pois nem um escravo tinham para vender aos pombeiros. A nuvem de borboletas acabou com as plantações dos inimigos, de modo que, ao chegarem às suas terras não acharam nem o que comer para satisfazerem a barriga, pois tudo era em rações pequenas. A nuvem de borboletas abriu-se, cercou a cidade em que eles se lastimavam de tanta penúria depois de uma guerra tão sem fruto. De um instante para outro todas as borboletas viraram soldados sob o comando de Nironga. Os inimigos não puderam resistir e entregaram-se. Isso mesmo que os pombeiros quiseram: carregaram com eles para os Potugas mandarem para os banguês.

Essa lenda é naturalmente um episódio guerreiro de tribos Africanas. Duas nações, uma das quais tem a borboleta por totem, na ameaça de ser vencida, recorre ao estratagema. Parte de sua gente penetra no outro País, destrói as plantações, impossibilitando as colheitas. A outra falange, cujo totem não se conhece, vence sem glória e sem vitória: não encontra viva alma, não recebe tributos e nem faz escravos. Volta ao seu país, já assolado pela fome e, fraca, extenuada de surpresa, entrega-se, sendo vendida como escrava. Interpretemos, ou antes, busquemos os conceitos dessa lenda: Quibanda é simplesmente "o guerreiro e não o combatente". Metamorfoseando os vencidos em borboletas, cria uma força inconsciente a serviço de uma causa que só ele sabe, Nironga (do quimbundo, nironga, segredo) é apenas o símbolo dessa força. Os vencedores são assim vencidos pela desilusão: nem troféus, nem tesouros, nem tributos, nem escravos. É o prêmio merecido pelas ações coletivas dos instintos. Longe, as pragas destróem o trabalho e amortecem o espírito guerreiro. A fome sucede a todos os sacrifícios, a todas as alegrias. O vencedor estarrece diante dessa realidade que o faz vencido pelo destino. Dá-se a metamorfose do bando de borboletas num exército sitiante. É Nironga. O segredo da força inconsciente já tornada consciente, e combatente. Sua vitória é a das faculdades contra os instintos, do sábio, do mago, do mestre, contra a ignorância, a malvadez, o interesse pelas causas que degradam a humanidade. É também o castigo sobre o que viveu de ser verdugo: sofrer a mesma pena que impôs aos outros. Quibamba, o cíclope, aparece realizando uma das muitas lendas de Angola quase perdida numa tradição do Recôncavo Baiano.

O CAVALO DE JANAÍNA

Janaína saiu passeando pelo mar a dentro, onde não há dia nem noite, vendo as belezas que estão espalhadas no fundo d'água e os moradores de seus reinos que a gente não vê, mas só os vassalos. Todos os peixes sairam das areias, das lamas e das tocas e foram acompanhando a moça mais formosa que já nasceu no mundo, metade mulher com os cabelos de ouro e metade peixe com as escamas de prata. Mesmo no fundão do alto mar, Janaína fingiu que tinha cansado para ver os peixes seus amigos. Todos se ofereceram para trazer a Mãe-D'Água no lombo até a casa dela. A baleia, o tubarão, o boto... E ela foi recusando, com muita tristeza deles. Por fim, ela cantou quando viu o último:

Cavalinho, meu cavalinho,
Senhor das areias do mar
Prepare o cangotinho
Para Janaína voltar

O Cavalo-Marinho enfreiou-se todo e ela montou nele que partiu num carreirão desempedido, rompendo as ondas, sem que os peixes pudessem acompanhar. Desse dia em diante, o Cavalinho do Mar passou a ser encantado. Quando aparece aos homens é deste tamaínho para se saber que os pequenos são, muitas vezes, grandes para os encantados. Agora a Mãe-D'Água vai ser *Iemanjá*, do culto Gege-Yorubano, e o cavalo, a tartarua, *Logosé*, que também se diz Langosoé, Lanzoé, além de Quilanzoé, da língua geral africana.

CASSARANGONGO

Nos tempos em que os *Gongas* apreciam nos matos com outros Gongas, houve um, a quem os "santos" não atendiam. Então, ele pensou, pensou e, por fim, foi ter à casa de uma moça, que tinha a fama de realizar todo o que quisesse.

Ela o recebeu muito bem, ouviu a sua história e descobriu a vida do Gonga, aduzindo: sua vida está um buraco, mas nas suas mãos. E recomendou-lhe: plante massa e dê massa a quantos lhe procurarem, cariapemba é sempre que lhe atrapalha. Massa em cima dele. E antes do Gonga retirar-se, deu-lhe um pó para jogar às costas de todas as pessoas que o procurassem. Se ela disse, melhor ele o faz. Com os tempos, Iaiá Calunga-Ibá, a moça, começou a "dar para trás", que nem olhado ou morfina. Na água, só via o Gonga. Foi à procura dele.

Encontrou-o ralando massa e ajudou-o. Tomou conta da panela e, quando o caldo estava grosso, estenderam as folhas de bananeira e começaram a fazer acaçás. O último era muito pequeno em relação aos demais. O Gonga deu-o a ela, dizendo: este *Cassarangongo* é seu, Iaiá Calunga-Ibá. Ela guardou o acaçazinho nos seios e a noite, já em casa, meteu-o no papo. Bastou para não ter mais sossego, perdida de amor pelo Gonga. Parecia que uma sina a chamava e ela foi ser feliz nos braços do seu *Cassarangongo*.

Neste conto há dois pontos interessantes: acaçariangongo, acaçá de sino, o que desperta o amor a quem come, é o acaçá de feiticeiro, preparado para fortificar o amor. O nome Cassarangongo, dado ao feiticeiro, é proveniente da

preparação dos acaçás. Já Iaiá Calunga-Ibá, depois simplesmente chamada de *Calungambá*, é a moça que, além da beleza feiticeira, sabia todos os meios de enfeitiçar e que acabou por ser enfeitiçada, tendo por prêmio, um amor feliz.



OMULU – O SENHOR DO CEMITÉRIO

Para os umbandistas tradicionais e que só trabalham para o bem, *Omulu* é um dos maiores e mais poderosos Orixás. Entretanto, outros consideram-no como um espírito perigoso, traiçoeiro e mau. E ainda há quem o considere um Exu, o que é prova de total desconhecimento. Senhor das Calungas pequenas (cemitério Calunga; Grande ou Maior é o Oceano, o Mar), assessorado por dois servos temidos e respeitados, Exu Caveira e Exu Meia-Noite, considerado como Médico dos Pobres e Protetor dos Lazarentos, o grande Omulu, também chamado Xapanã ou (Obaluaiê em certas regiões), tem uma imensa legião de seguidores. A sua história é realmente fascinante. Omulu da linha das Almas, filho de Nanã Buruquê (Nanã Buruku ou Anamburuku), a mais velha das sereias (Mãe D'Água), sincretizado na religião católica aos milagrosos São Lázaro, São Roque e São Brás, todos, como ele, atacados e mortos pela lepra (morféia ou mal de Hansen).

A mitologia umbandista diz que *Omulu* nasceu em uma viagem que Nanã Buruquê fez no Norte da África, mais precisamente, a Dacar e Axabá, grande filho caçula de uma prole, ele veio ao mundo com o corpinho coberto de terríveis chagas. Por isso Nanã, sua mãe, o abandonou. Iemanjá, irmã de ventre do Orixá, apanhou-o no meio do caminho, coberto de pó e roído pelas feridas, e o criou. E Omulu cresceu doente, triste e tímido. Tempos mais tarde, já quase adolescente, inteirado da gravidade de sua moléstia, inconformado e revoltado, Omulu passou a se esconder no mato, fugindo das pessoas, com medo de ser hostilizado. Isso acarretou sérios trabalhos e dissabores à sua irmã Iemanjá, principalmente quando ela saía a procurá-lo nas brenhas. Cansada de andar de um lado para o outro à procura do irmão assustado e sempre necessitado de cuidados especiais, Iemanjá teve a idéia de pregar guizos nas roupas do menino rebelde. Assim, toda vez que Omulu se metia no mato ou se escondia entre as rochas, o barulho dos guizos ajudava Iemanjá a encontrá-lo. Por isso, desde então e para todo e sempre, nas sessões de Umbanda, quando baixam os Santos-Meninos (Cosme, Damião e Do Um) e as crianças barulhentas e levadas (Ibeijes), o adejá (sineta parecida com a usada na Santa Missa) fica imobilizado. É que se algum incauto e faz tilintar em meio a uma alvoroçada baixada de crianças, também Omulu poderá arriar estirado e grunhindo, pois ele não fala nem canta. A Omulu, Obaluaiê ou mais ponposamente Omulu-Rei são destinados os espíritos desencarnados , cujos corpos vão para as tumbas das Calungas Pequenas, seu reino e seu habitat. Também na Quimbanda o grande Orixá chefia a Linha das Almas, mais precisamente, a Linha dos Cemitérios. Apesar de sincretizar São Roque e São Brás, o tímido Omulu é o único Orixá que não aparece nos Paepelês (altares de Orixás). Explicam os autores Umbandistas que isso acontece porque o santo, por ter sido morfético em vida, não se senta à mesa de Umbanda ao lado dos outros Orixás. A sua loca (casa) jamais é situado no interior dos gongás (onde se realizam as sessões). Ele fica sempre do lado de fora, como as locas dos Eguns (lamas). Só que a loca de Omulu é coberta de sapê e nela só é permitida a colocação das imangens que sincretizam Nanã Buruquê, sua mãe, e Oxum Marã, sua irmã predileta. Iemanjá

já, que assumiu encargo de criá-lo com todo carinho e desvêlo, não tem acesso à loca de seu filho de criação.

Para alguns há diferença entre Omulu, Obaluaiê ou Xapanã. Muitos acham que Omulu é o Médico dos Pobres, enquanto que Obaluaiê, Obaluaiê ou Xapanã, três pessoas distintas numa só pessoa, representam os Orixás das pestes ou varíola. Omulu como Orixá chefe de linha, senhor das Calungas Pequenas e Médico dos Pobres, tem a seu serviço muitos exus. Os seus lugares-tenentes são os temidos e poderosos Exu Caveira e Exu Meia-Noite. Só a eles Omulu se dirige e eles se encarregam de transmitir as ordens ao "escalão" inferior. São eles os seguintes: Tata Caveira, Brasa, Pomba, Mará, Carangola, Arranca Toco e Pagão. Ainda sob o comando do Exu Caveira está o Cheiroso, ou Exu do Cheiro, cabalisticamente também chamado de Anglasia, por seu turno, Exu da Meia-Noite, além dos sete do segundo turno já citados, ainda dá ordens aos seguintes Exus intermediários Mirim, Pimenta, Malê, Sete Montanhas, Kaminaloá, Quiramba e Conga, e mais o Exu Curador, também citado como Meramael.

Não é difícil agradar Omulu. Ele adora cerveja branca. Naquela porta lateral dos cemitérios, por onde são retiradas as coroas murchas, a gente despeja um pouco de cerveja em cruz. A seguir, pede-se licença ao Orixá para se trabalhar dentro da Calunga Pequena. Em agradecimento, é bom se deixar um presente qualquer para ele. Feito isso, lá dentro, no Grande Cruzeiro, onde se acende velas para as almas (Eguns), coloca-se no pedestal uma vela de cera acesa. Não usar nunca vela de sebo. Depois de uma breve prece, toma-se a vela, sempre acesa, e coloca-se sobre a sepultura de pedra preta mais próxima, de preferência à esquerda do Cruzeiro. Essa sepultura, é bom que se saiba, é morada permanente do Exu Caveira, a quem se deve também pedir licença para homenagear seu Chefe Omulu. Cumpridas essas preliminares, com sete velas de cera brancas, bem no pedestal do Cruzeiro, arma-se uma Cruz. Coloca-se um copo branco, liso, ainda não usado, cheio d'água e arma-se uma cruz com sete flores brancas, se possível, dálias, e pede-se ao santo a dádiva que se almeja. Quando se sabe, é bom cantar baixinho, no mínimo três vezes, o ponto tradicional: "Se ele corre os Quatro Cantos, Quatro cantos sem parar, Se ele corre os quatro cantos, É prá seus filhos ajudar!". O dia de Omulu é 2 de novembro, Dia de Finados, quando se rendem homenagem às almas nos cemitérios. No zodíaco, os nascidos sob a proteção de Omulu, são do signo de Aquário (20 de janeiro a 18 de fevereiro). Os filhos de Omulu, geralmente, são de pouca saúde. Gostam de solidão e estão sempre prontos a ajudar os fracos e doentes. Os fortes não temem a morte, chegando a gostar de desafiá-la. E adoram a noite. Sonham muito com coisas desagradáveis e quase nunca vacilam antes de tomar uma decisão séria. As cores de Omulu, no ritual nagô, são o preto e o branco. No ritual Gege, são preto e o vermelho. O fetiche é uma vassourinha enfeitada de fitas e guisos e o seu petrecho é o *xaxará* (maça de palha da costa, amarrado com simetria e segurança e enfeitado de guisos). A Dança de Omulu é no ritmo bem cadenciado (Opanigé). Segue um cântico de louvar a Omulu, na Umbanda.

Ele não era mais não, mais não era a pintasilgo.
Ele mora na pedra furada, mas não era a pintasilgo.

CAPÍTULO IV

PRECEITOS

MINISTROS

OS MINISTROS do culto fetichista são essencialmente os chamados feiticeiros, os advinhos e os curandeiros. O feiticeiro, ou comedor de almas tem, em Angola, nomes diversos, consoantes os povos. No Noroeste, é chamado *ndok;* no Nordeste e centro *nganga;* Sudeste, *enganga;* no Sudeste, *Omwodí;* o adivinho na Luanda, é designado por *tahi;* entre os Luanas, por *tchimbanda;* no Congo e Cambinda, por *nganga;* na região de Luanda, *cuanza* e Sul, *quimbanda;* em Benguela, *tchimbanda;* na Huila *vinbanda*. A designação de *quimbanda* e expressões da mesma raiz servem também para o curandeiro. Talvez, mais propriamente para este Conduto, nem o adivinhador, com tal, nem o curandeiro, sozinhos com as suas artes de tratar doenças, conseguem, cada qual, restringir-se as funções que o seu nome exprime. É que aos doente não interessa mais a causa das doenças que a sua cura. Por isso, as funções de adivinhar e curar andam quase sempre juntas no mesmo indivíduo. Daí a designação de quimbanda para o curandeiro e para o adivinho. Entre os feiticeiros há que se distingüir os bons e os maus. Os primeiros dedicam-se à magia branca, e os segundos são os temíveis especialistas da magia negra. Numa sociedade primitiva, é raro encontrar-se as funções de feiticeiro, de adivinho ou de curandeiro, absolutamente separadas. O adivinho tende, naturalmente, para práticas do curandeirismo, já que, como acabamos de descrever, aos consulentes não interessa mais o conhecimento das causas da doença, que o seu remédio. Entre os Gombes, as funções de curandeiro, de advinho e de feiticeiro são exercidas pela mesma pessoa. Os processos de adivinhação na África são tantos quanto a imaginação é capaz de conceder: gomânticos, hidromânticos, aeromânticos, astralomânticos, zoomânticos, astragalomânticos. O xinguilador, na região de Luanda, adivinha espiritualmente de cabeça, ou por meio daqueles que se partiram desta vida, e, materialmente, por intermédio de copo, chocalho, cabaça, leque e efervescência.

MATANÇA

Quando ocorre a matança para qualquer Orixá, Exu também é contemplado com o animal que lhe é indicado pelo ritual. Ao ter início a uma festa, é antes de mais nada oferecida a *menga* (sangue) a Exu, costume que hoje se generalizou com certa constância e incompetência, na maioria das vezes, realizados por pessoas despreparadas. A menga de Exu pode ser obtida com os sacrifícios de um galo preto, matança essa efetuada junto à casa de Exu, ou próximo ao seu assentamento. Deve ser obedecido todo o ritual indicado, com to-

ques pelos alabês, estando todos os participantes vestidos com trajes do ritual de Exu, ou seja, vermelho e preto. O sacrifício para que nada se perca, deve ser executado bem em cima do fetiche, para que sobre o mesmo caia o sangue ofertado a Exu, estando junto ao executor do sacrifício um alguidar de barro, no qual se coloca todo o restante da ave: penas, miúdos, a fim de ser despachado. Convém assinalar que o ritual da matança deverá sempre ser executado por um mão de faca (axogum), pois qualquer pessoa despreparada pode cometer erros que venham a prejudicar a cerimônia e seus objetivos. Exu pode não aceitar, daí, para que tudo corra em perfeita calma e harmonia, servir-se a Exu em primeiro lugar, o que muitos umbandistas descordam, achando tal cerimônial errado, pois para eles deve-se primeiro louvar Oxalá, querendo, desta forma, dar uma demonstração de alta bondade ou sinceridade religiosa, que em muitos casos não existe.

Atacam o Candomblé sem conhecê-lo, procurando confundi-lo com certas macumbas. No Candomblé, ninguém é possuído de intuitos malévolos, mas tão somente preservam a religião dos seus ancestrais – os negros Africanos – a quem todos devemos a sua prática verdadeira. Depois de sacrificado o animal, é ele entregue a Yabasé para preparar e em seguida servido ao Babalorixá, Ialorixá, Iakekerê e Pejigã. Isto feito, é dado início ao toque, com o *xirê* dos Orixás, obedecida a seguinte ordem: Exu, Odé, Obaluaiê, Nanã, Obá-Siou, Ewá, Ibeji, Oxum-Marê, Oxum, Iemanjá, Xangô, Yansã, Orixalá (Oxalá). Mas a ordem pode sofrer alterações, segundo o Orixá da Casa.

DEVERES

Os filhos-de-santo têm sérias e diferentes obrigações para com os Orixás "encantados". Têm deveres a cumprir, quer para com o seu terreiro, quer para com o seu Babalorixá ou Ialorixá, com quem fez a sua obrigação-de-cabeça. São preceitos que deverão ser cumpridos, dentro da lei, com a máxima seriedade e respeito, não admitindo o filho-de-santo, que terminado o período de noviçado – depois da competente feitura – estará livre de certas e determinadas responsabilidades. Deverá eternamente obediência ao seu pai-de-santo ou mãe-de-santo, a quem deve tudo o que aprendeu, já que delas recebeu seus preceitos, assentos e conhecimentos. Muito embora venha a ter o seu próprio terreiro, que é natural e lógico, estará sempre submisso a deveres indispensáveis para com os que o iniciaram. Assim, poderemos destacar, como principais as regras abaixo. 1º) Comparecer ao terreiro nos dias de Oxóssi e seus Orixás; 2º) Comparecer ao terreiro nos dias de Obrigações e quando ali for realizados toques, especialmente nas sextas-feiras; 3º) Curvar-se em *dobalé* aos pés do Babalorixá ou Ialorixá, bem como, dispensar *baxuxu* aos irmãos mais velhos, na chegada, na saída ou quando tirá-los para dançar com o seu Orixá; 4º) Ajudar a mãe-pequena ou pai-pequeno em tudo que se fizer necessário, durante as ocasiões especiais cumprida rigorosamente as ordens recebidas; 5º) Ajudar a cantar e dançar para os Orixás conforme aprenderam, bem como cantar para os mesmos, contribuindo para a alegria e esplendor do toque; 6º) Comprar e

usar roupas do ritual, de acordo com as cores do seu Orixá, a fim de uma apresentação correta; 7º) Concorrer, na medida de suas posses, com o que se fizer necessário para o perfeito funcionamento do terreiro, fornecendo velas, arroz, animais, etc., para as cerimônias que se realizem, quer para o seu próprio Orixá, quer para o que faltar para seus irmãos em situação difícil; 8º) Manter atitude digna e correta dentro e fora do terreiro, não fumando dentro do barracão ou Peji, evitando bebidas alcoólicas ou palavras e gestos desrespeitosos para com seus irmãos, assistentes ou Orixás presentes; 9º) Trajar obrigatoriamente a cor branca nas sextas-feiras e demais dias que forem de preceito; 10º) Não comer carne nas sextas-feiras nem adulterar de quinta para sexta-feira, bem como nos dias de obrigações; 11º) Respeitar e fazer respeitar as "salvações" dos Orixás em geral, como as de Yansã, Obaluaiê, Oxalá, etc., e os de seu Babalorixá ou Ialorixá além do seu próprio; 12º) Ter fé e confiança nos seus Orixás, gosto e satisfação em cumprir os preceitos e obrigações da Lei, alegria no progresso da religião. 13º) Não compartilhar de outros terreiros quer em obrigações ou festejos, sem prévia autorização do seu Babalorixá ou Ialorixá. 14º) Dentro do seu próprio terreiro deverá cumprir os preceitos recebidos dos seus iniciadores, sem incorrer em falhas, recebendo festivamente a visita dos mesmos, homenageando-os e prestigiando-os dentro do ritual, bem como destinando-lhes, sempre o lugar de relevo a que tem direito, como seus superiores, 15º) Ter paciência com todos, manter a calma, estimular a união com seus irmãos, respeitar e auxiliar o próximo no que se ligar às suas necessidades materiais e espirituais. 16º) Tratar com cordialidade, amabilidade e gentileza aos visitantes, evitando com habilidade e calma, qualquer abuso dos mesmos dentro do terreiro. Assim vemos que o filho-de-fé quando sincero e cumpridor dos seus deveres, embora já "feito" e habilitado ao exercício do sacerdócio, deverá manter para com seu Babalorixá ou Ialorixás, bem como para com o terreiro onde foi iniciado, certas obrigações severas e deveres que deverá cumprir escrupulosamente. Isso não importa em que o seu próprio terreiro seja descuidado, pois ele deverá saber hamonizar essas obrigações e deveres, sabendo que quem ingressa na Lei de Orixá, deve estar preparado para uma vida de luta e sacrifícios. Deve o filho-de-santo saber que faz parte de um todo, é um elo de uma grande corrente, que se tornará cada vez maior por seu intermédio quando – por sua vez – fizer outros filhos-de-santo. O que lhe compete fazer para com os seus superiores, seus próprios filhos farão em relação a ele também. Assim, deverá respeitar, engrandecer, apoiar e prestigiar o seu Babalorixá ou Ialorixá. Assim, darão exemplo do que esperam receber dos seus filhos, mais tarde.

QUIMBANDEIRO

Muita gente se engana com as palavras macumbeiro, mandingueiro e quimbandeiro. Na Umbanda, como em todas as demais religiões, existem duas partes: a do ensino secreto, reservado aos iniciados, e a do culto externo, público. Não há Umbanda negra nem Umbanda branca. Umbanda quer dizer linha de

chão e compreende hoje as nações Nagô, Gege, Omolocô, Angola, Malê, Congo, Cabinda, Benguela, Cassange, Costa d'África. Ao iniciado ensina-se os dois caminhos; o do Bem e do Mal. Aos que, por qualquer motivo desejam seguir a linha do mal, dá-se-lhes o nome de quimbandeiros ou feiticeiros, pertençam a qualquer nação. Há ainda o curador, que nada entende dos segredos do culto, porém, conhece as virtudes das ervas; o rezador, que conhece o ritual e também os segredos das ervas. Cada qual segue a sua vocação, a tendência que norteia suas atividades mais importantes. A vocação é fortalecida pelos conhecimentos que o indivíduo vai adquirindo na prática da profissão.

Travamos relações, há anos, com um curador afamado, de nome Gino, residente em Barra do Piraí. Um dia fomos a sua casa, movido pela curiosidade. Chegamos à conclusão de que se tratava de um rezador e curandeiro. Convidaram-nos a assistir a um trabalho na mata. Dirigimo-nos a um grande cruzeiro onde havia caveiras e velas acesas. Quando abriram os trabalhos, os médiuns sairam correndo, acompanhados de uma pessoa que conduzia, a frente do grupo, uma vela acesa. Na volta, vinham com a boca sangrando, cheia de raízes e folhas, e mastigavam as raízes em um alguidar ao pé do cruzeiro, gritando alucinados. Perguntamos que culto era aquele. Responderam-nos que era "linha das almas". Desconheciam completamente os cultos Africanos e seus Orixás, dizendo que trabalhavam com os espíritos das selvas. Terminando o serviço, deram as raízes aos consulentes, muitos dos quais, diga-se a verdade, ficaram curados. Assim também, com a defumação das ervas, paralíticos andavam, as mazelas saravam. Pessoas iam do Rio comprar raízes e remédios em Barra do Piraí, atraídos pela fama de Gino.

PRETO-VELHO

São admiráveis os guias preto-velhos. Fosse permitido aos encarnados vê-los, ao menos em sonho, em apreciá-los como doutrinam com carinho e humildade os espíritos atrasados, conduzindo-os ao rebanho de Jesus. E quando se sentem abandonados nos seus conselhos, usam, então, de toda a força fluídica: enviam o espírito para os rincões Africanos, e, lá adormecidos, despertam-no depois, com o corpo fluídico de preto. Nem todos os preto-velhos que trabalham nos terreiros tiveram a sua última encarnação como negros. Muitos são espíritos de muita luz, a exemplo de Pai João, que foi branco e médico. Pouco depois de desencarnado tomou a forma de preto-velho para ajudar aos irmãos necessitados. Outros, porém, esquecem-se da própria personalidade anterior e sentem-se como se fosse, de fato, negros e passam a trabalhar com humildade até conquistarem a força da luz. Os espíritos de luz, que tomam a forma de *preto-velho* nada deixam escapar. Salvo quando estão muito acostumados com os filhos, já que foram por estes conhecidos na última passagem pelo mundo. Pai Mané de Angola foi branco na última encarnação, altivo e orgulhoso, teve horror da raça negra. Foi um dos senhores que mais martirizaram os escravos. Desencarnado, era natural que não chegasse aos pés de Oxalá. Não aceitou doutrinação. Ficou nas trevas e no sofrimento, até que, envolvido

pelo fluido dos negros, foi conduzido ao solo agreste da África. Lá sentiu-se como se fora um autêntico negro escravo, e assim permaneceu em espírito, até que, ingressando na falange dos preto-velhos, surgiu nos terreiros como um verdadeiro preto-velho. Para ele, seu desencarne deu-se na África, e assim permanecerá até que seja resgatada a sua dívida com o Pai amantíssimo. Esse espírito transgrediu as Leis de Zâmbi. Nesta falange permanece com corpos fluídicos muitos espíritos endurecidos, porque já não estão sendo permitidas mais encarnações de espíritos atrasados na Terra, devido a fase de transformação e evolução que se aproxima.

SUPERSTIÇÃO

O tabu religioso, orientado cada vez mais para as bases da moral, nunca, ou dificilmente, abandonará a humanidade. Através de mutações contínuas, as religiões severas se moldam às leis fatais da evolução, e a própria irreligiosidade futura, se houver, não se livrará de uns tantos postulados admitidos, a priori, pois, por maior extensão que atinja a sabedoria humana, sempre se lhe defrontará o horizonte obscuro do que falta saber. Tais postulados são como dogmas científicos nos quais é forçado crer, para compreender o resto. São mitos, sem nome de Deuses, mas são tabus ainda assim. Embora dando-lhes outros nomes, nunca o homem abandonará o seu Deus. Mas em torno das religiões, o temor, "que fez os primeiros Deuses", continua a criar constelações espúrias — filhas diretas do tabu, reminiscências dos Tótens: são as superstições e são os amuletos que as envolve. Sabe-se, pelos estudos da escola de Freud, quão ligados estão uns e outros, direta ou indiretamente, ao impulso sexual, que, não podendo ter satisfação no objeto almejado se desvia para os aspectos mais diversos. Raro é o amuleto que não represente um simbólico fálico, como rara a superstição que não tenha um fundo, ainda que longíquo, nas representações sexuais. Despir as religiões desses apêndices que, na maior parte são desatualizados pelos vários credos — já é inútil querer abolir os próprios credos — é matéria de educação moral. Rezar a Santa Clara para que cesse a chuva, queimar palha benta para afastar os temporais, fazer promessas aos Santos para pretenções as mais contraditórias e por vezes infensas a ética, são costumes, ao lado da religião, que tem acompanhado desde séculos as várias crenças. mas que fogem à base moral — única justificativa aceitável. Na sua obra mais recente, prevê Freud um futuro estado de civilização, de completa irreligiosidade, fundado na educação infantil isenta de tabus.

SONO DA ALMA

Muitos umbandistas e adeptos de outros cultos Afro-Brasileiros não tinham a menor idéia sobre a reencarnação. Mas o próprio fenômeno da mediunidade já é indicativo de que há algo oculto aos homens que não gostam de meditar. Qual a razão de baixarem os "velhos e caboclos" nos terreiros, não somente

para a prestação da caridade como também no interesse da própria evolução espiritual?

É lógico supor-se que a reencarnação é uma doutrina universal. É a base de quase todos os cultos religiosos, mesmo daqueles que oficialmente não a reconhecem. O que, porém, entendemos pela expressão *o longo sono da alma?* Na hora da morte física, o espírito humano, conforme o grau de sua evolução, ou fica pairado um pouco em torno do corpo ou sobe logo para o lugar que merece. O espírito retorna, decorridos alguns séculos. Eis o problema: de uma reencarnação para outra, qual o tempo de intervalo? Ninguém sabe. Há hipóteses, presunções. Entre os Indus, por exemplo, muitos acreditam que, entre uma e outra reencarnação, há um intervalo de 1.500 anos. A sociedade dos Rosa-Cruzes admite o máximo de sete reencarnações, que a pessoa pode identificar. O primeiro autor desse trabalho, sem recorrer ao método Rosa-Cruz, conseguiu pela intuição profunda e outros processos, identificar cinco reencarnações, abrangendo modos de vida muito diversos, porém quase todos com uma característica – a condição de sacerdote, exceto em dois casos: militar (entre os Judeus) e nobre (na França). Todas essas vidas somam um total de 5.000 anos, o que, mais ou menos, corresponde a tese Indu: de 1.500 anos de intervalo entre uma e outra reencarnação. Compreende agora o leitor o sentido profundo, esotérico, da expressão "o longo sono da alma"? O espírito humano fica como hibernando todos esses séculos, até que um dia desperte, desce de outros planos do universo e vem reencarnar no recém-nascido.



CAPÍTULO V

VESTES, APETRECHOS E FETICHES

CORES CORRESPONDENTES A CADA ORIXÁ NAS CIDADES BRASILEIRAS

Exu – Preto e branco, no Recife
Exu – Preto e vermelho, no Rio e Bahia
Ogum – Vermelho, no Recife
Ogum – Azul marinho, na Bahia
Ogum – Vermelho, verde e branco, no Recife
Odé – Verde, no Recife
Oxóssi – Várias cores (diversos)
Oxóssi – Verde e branco, no Rio
Obaluayê – Vermelho e preto, no Recife
Obaluayê – Vermelho, preto e branco (diversos terreiros)
Obaluayê – Preto e amarelo (diversos terreiros)
Omulu – Preto e branco, na Bahia
Omulu – Branco, palha da costa, no Recife
Nanã-Buruku – Roxo, no Recife e várias outras
Oxum – Amarelo ouro, no Recife e várias outras
Yemanjá – Azul, no Recife e Rio
Yemanjá – Branco, na Bahia
Yansã – Rosa, coral, no Recife e Rio
Yansã – Vermelho, rosa, variado, na Bahia
Xangô – Vermelho e branco, na Bahia, Recife e Rio
Ibejê – Verde e vermelho (diversos terreiros)
Ibejê – Cores variadas, no Rio
Oxalá ou Orixalá – Branco, em todos os Estados.

Há vestes especiais para cada Orixá:
Ogum usa uma tanga de palha da costa, chamada *maruô*
Oxóssi – pena e saiote de penas
Obaluayê – palha da costa.
Oxalá – pálio branco.
Yansã – vermelho, rosa ou coral.
Oxum – Amarelo ouro.

KELÊ DOS ORIXÁS, LINHA NAGÔ

O *kelê* é a guia usada pelos Filhos de Santo, e que é confeccionada nas cores dos Orixás. Para o seu preparo há ritual próprio sendo que variam as cores e o número de contas, para cada grupo de cores.

Exu – Missangas brancas leitosas e pretas.
Ogum – Corrente de bronze ou cobre; latão.
Odé – Corrente de ferro (metal)
Oxóssi – Missangas verdes.
Obaluayê – Missangas vermelhas e pretas, ou vermelhas, pretas e brancas.
Omulu – Leguidibá (contas feitas de chifre preto, de boi, importadas da África).
Nanã-Buruku – Missangas de cor roxa.
Oxum – Missangas amarelo ouro
Yemanjá – Missangas azul claro ou escuro, ou cristal pingo d'água.
Xangô – Missangas vermelho e brancas, leitosas.
Yansã – Vermelho, rosa ou coral.
Ibejê – Missangas verde e vermelha.
Oxalá ou Orixalá – Missangas brancas leitosas ou pingo d'água.

FIRMA DOS ORIXÁS

As "firmas" são usadas na guia, caracterizando a força do Orixá a que pertence.

APETRECHOS E FETICHES DOS ORIXÁS

Exu – Um garfo, tridente.
Ogum – Espada, lança, foice, faca, enxada, pá, alicate, etc. Tudo em miniatura. Chamàda a ferramenta de Ogum.
Odé – Arco e flecha unidades.
Oxóssi – Espingarda em miniatura.
Obaluayê – 3 setas e 1 tronco de laranjeira.
Omulu – 1 molho de palha da costa, envolto em bronze.
Nanã-Buruku – 1 leque em forma de peixe, 1 vassoura forrada de roxo e enfeitada de búzios.
Oxum – 1 boneca, 1 leque ponteagudo, com espelho no centro; 1 espada e 1 facão.
Yemanjá – 1 leque, 1 peixe, 1 meia-lua com 1 estrela em uma das pontas.
Xangô – 1 machadinha com asas, 1 corisco, 1 xerê ou maracá.
Yansã – 1 espada ou corisco
Ibejê – Vários brinquedos
Oxalá ou Orixalá – 1 cajado (êmbulo).

Quase todos os Orixás levam o seu otá (que quer dizer, a Pedra do Santo, desde o metéorito, as Pedras dos Rios, Cachoeiras e Mar).

CAPÍTULO VI

NASCIMENTO DOS ORIXÁS*

QUERO ABORDAR aqui um dos pontos mais sérios do culto Africano.* Talvez, nem todos tiveram a facilidade de saber como nasceram os Orixás. Assim sendo, passaremos a mostrar, na realidade, sem entremeios ou sofismas, como nasceram os Orixás. Atentem os estudiosos, mesmo os leigos, para a dissertação do nascimento que estamos infocando. Do consórcio de Obatalá "Ceu" e Odudua "Terra", nasceram os Deuses Orixás: Aganju considerado como rocha, e Iemanjá representando as águas. Do conúbio "casamento" de Iemanjá e Aganju originou-se o Orixá Orugã, intermediário entre o Céu e a Terra. Na ausência de Aganju, Orugã rapta e viola Iemanjá. Esta aflita e entregue ao desespero foge a perseguição do filho e, na alucinação da fuga, tomba morta, nascendo de seus seios duas enormes correntes d'água que, reunidas mais adiante, formaram um grande lago. De seu ventre surgiram os seguintes Orixás: Dadá (Deusa ou Orixá dos Vegetais); Xangô (Deus do Trovão); Ogum (Deus do Ferro e da Guerra); Olokum (Deus do Mar); Oloxá (Deus dos Lagos); Oyá (Deusa do rio Nigé); Oxum (Deusa do mesmo rio); Obá (Deus do rio Obá); Okô (Deus da Agricultura); Oxóssi (Deus dos Caçadores); Okê (Deus das Montanhas); Ajé-Chalunga e Ochobin (Deuses da Saúde); Xapanã (Deus da Varíola); Orum (o Sol); e Oxu (a Lua). Há de crer, que esta lenda tenha sido pouco divulgada entre os Nagôs, assim como, entre dirigentes de candomblés de outras Nações, ainda as lendas Africanas, de que Xangô, um dos mais louvados Orixás dos Iorubás, desposou três irmãs: Oyá, Oxum e Obá. Em vez de nascer de Iemanjá como no mito procedente, Xangô, seria de Obatalá, começando o seu reinado em Oiô, a Capital de Iorubá.

RESSURREIÇÃO

Esta cerimônia marca a ruptura do *Noviço* com seu passado, pela sua morte simbólica e seu nascimento para uma nova vida, consagrada a divindade. As cerimônias de ressurreição dos futuros sacerdotes de *Sakpata* – Divindade da Terra – que castiga os malfeitores dando-lhes a varíola, são particularmente impressionantes.

Uma semana antes, no curso de uma reunião de danças e cânticos em honra de Sakpata, os noviços caem ao solo, o corpo rígido como em estado cataléptico, "mortos" pelo Vodum.

Tais cerimônias desenrolam-se diante do templo de Sakpata. Um público numeroso se reúne em uma grande praça, cujo centro é ocupado por uma

(*) Mitologia Africana.

grossa árvore frondosa, que abriga os tocadores de tambor. Tal critério de execução é observado na África.

Pelas quatro horas da tarde, o grande sacerdote *Sakpatanom*, e três dignatários que o seguem vem desenhar sobre o solo um grande retângulo mágico, tendo primeiro um alguidar com farinha de milho misturado com óleo (vevé), segundo, uma porção de farinha de milho e, terceiro, uma porção de fumo mascado. Uma esteira de palha, coberta de manchas negras, brancas e vermelhas, é ainda trazida e disposta a frente dos chefes ajoelhados no centro do retângulo. Estes, então, fazem, na terra, uma oferenda de galinhas, que não são vistas. Uma vez, terminada a cerimônia, com um pouco de sangue e de penas, os corpos dos "sacrificados", são em princípio, enterrados. Estes são os "sacrifícios" da substituição. As vidas são ofertadas em troca das dos "noviços".

ADIVINHAÇÃO

Ifá para os Iorubanos, não é propriamente falar a um Orixá. É a intermediação entre Orumilá e os outros Deuses. Orumilá é muitas vezes chamado, também, Alafim, que é um dos nomes de Obatalá ou Orixalá, divindade da criação. *Ifá* é consultado em caso de dúvida, pelas pessoas que têm decisões a tomar, que querem ser fixados na oportunidade de fazer uma viajem, de contratar casamento, de concluir uma venda ou negócio importante, ou mesmo para aqueles que procuram determinar as causas de uma doença, ou ainda, saber como se processam sacrifícios ou ofertas a uma divindade. O Babalaô (Pai de Segredo), recebe as indicações necessárias para responder pelos sinais do Ifá. Cada Odu é formado por uma reunião constituída por duas colunas verticais e paralelas de quatro índices cada uma. Cada índice se compõe de dois traços verticais paralelos que o Babalaô traça no pó (Yerosun), colocado sobre o taboleiro de madeira esculpida (Opon-Ifá). O Babalaô encontra esses odus pela manipulação da *noz do Ifá* ou o jogo de semente do Ifá, seguindo regras estabelecidas. Há duzentos e cinqüenta e seis odus diferentes. A cada um deles, correspondem legendas mais ou menos numerosas, e uma dentre elas, indica a resposta a dar, por analogia, ao caso em questão. O enunciado dessas legendas comporta sacrifícios e oferendas a fazer. O consulente liga sua sorte à do odu, pela execução dos sacrifícios prescritos. Ifá é um guia e um conselheiro, e também destinado à personalidade das pessoas. O homem desejoso em conhecer sua identidade profunda e de saber como se comportar na vida, deve adquirir seu Ifá pessoal, que consiste em duas mãos de dezessete nozes de palma descortiçadas e consagradas a Orumilá, no curso de uma cerimônia feita na floresta de Ifá (Igbodu).

TRANSE

Segundo a tradição, os Babalôs são neste caso, em estado latente, as divindades que não atendem para se manifestar senão em certas condições favoráveis. O ritual das cerimônias de evocação dos Orixás, no Brasil, reúne precisamente todas as condições e seu fim principal é de provocar a vinda dos Deuses. Os sacrifícios lhes são ofertados. Os Iaôs tomam o cuidado de purificar seus corpos com banhos de decocção de ervas. A assistência aguarda com fervor a chegada dos Deuses. A orquestra chama os Orixás com insistência. As Ialorixás cantam e dançam em círculo, em redor da sala. Tudo concorre para determinar o transe, a fazer identificar os Iaôs com os Deuses, a provocar neles o mesmo estado de torpor sagrado e de inconsciência como aquele no qual eles estavam preparados no momento de sua iniciação. O transe segue por hesitação, falsos passos, gemidos e movimentos desordenados dos filhos. No curso das cerimônias, não há sempre da parte dos Iaôs, uma vontade consciente de encarnar um Orixá naquele dia, mas os hábitos adquiridos no curso da iniciação os dominam, contra sua vontade. Os batedores, à vista dos primeiros sintomas do transe, e para mostrarem seu poder sobre os Orixás, têm grande prazer de bater os ritmos com mais energia e tornar suas chamadas aos Deuses mais imperativas, a fim de prolongar sua vinda apesar da luta interior dos Iaôs. O efeito deixa raramente de se produzir e as Filhas-de-Santo não demoram a cair desfalecidas nos braços das Ekédis, encarregadas de cuidar delas. Os Deuses manifestados são vestidos de suas vestes simbólicas e se põe a dançar diante da assistência. As vezes, no decurso das cerimônias, alguma pessoa da assistência, não iniciada, é presa de tremores que podem ir até o transe. Tais incidentes são considerados como manifestações do Orixá à iniciação das pessoas assim ligadas. Uma semana mais tarde, em princípio, terá lugar a ressurreição do noviço.

TROCA DE CABEÇA

Quando nasce a criatura humana, esse fato não sucede por acaso. Resulta de uma cadeia de acontecimentos no tempo e no espaço. O dia de seu nascimento é governado pela influência da Natureza. Cada dia da semana é consagrado a um ou mais Orixás, na seguinte ordem: domingo: Nanã-Ibeji; 2ª feira: Omulu Almas-Exu; 3ª feira: Ogum-Ossãe; 4ª feira: Xangô-Obá-Bessém; 5ª feira: Oxóssi-Iroco-Odé-Iansã; 6ª feira: Oxalá; Sábado: Iemanjá-Oxum. Ora, se o indivíduo veio ao mundo num dia de quarta-feira governado por Xangô, é claro que não poderá jamais, mudar de Orixá. Entretanto e para espanto nosso, encontramos em um recente livro sobre a Umbanda, a afirmação de que, a mudança de Orixá é perfeitamente aplicável. O autor, não satisfeito com tal afirmativa, ainda acrescenta: "Procure falar com um preto-velho dos bons tempos do batuque e pergunte-lhe o que é troca-de-cabeça". Esse autor, positivamente, não sabe o que é "troca-de-cabeça". Confunde-a com "troca de Orixá", nunca, jamais existia. Melhor esclarecendo, mostro-lhes: "Troca-de-Cabeça" é a cerimônia efetuada para se transferir a doença de um filho-de-santo para algum animal de quatro pés, desde que o Orixá assim o consinta, e sempre determinada através do jogo de búzios. O enfermo recupera a saúde, enquanto o animal está sendo sacrificado. A impressionante cerimônia de

"troca-de-cabeça" realiza-se do seguinte modo: no quarto do filho doente acham-se o Babalorixá e seus auxiliares, com trajes próprios do ritual. O animal é coberto com um pano preto, passando-lhe antes, azeite de dendê (epó). Risca-se o ponto de Omulu, cumprindo-se os preceitos necessários. Tira-se a roupa do doente e canta-se os pontos do vumbi. Depois da muginga de pipoca, passa-se o azeite de dendê pelo corpo do doente. Abre-se uma Fenda em determinada árvore, nela colocando-se a roupa e os cabelos do enfermo. Enquanto a árvore tiver vida o doente estará seguro. Agora perguntamos: o que tem a "troca de cabeça" com mudança de Orixá? Ninguém pode mudar de anjo de guarda.

LAVAGEM DAS GUIAS DOS ORIXÁS

As guias indicam a hierarquia nos cultos. Suas cores variam conforme a "nação". No Omolocô, porém, essas cores são as seguintes: Oxalá, branco leitoso; Xangô, encarnado e branco; Ogum, verde e encarnado; Oxóssi, verde e branco; Nanã, roxo claro e branco; Oxum-Marê, azul e branco; Oyá, encarnado e coral; Ossãe, verde fino; Irocô, verde grosso; Ibeji, azul e rosa; Exu e Pomba-Gira, preto fino com uma conta encarnada. Cerimônia importante é a lavagem das guias dos Orixás, assim como, na fabricação de pembas, feita em Lagos, na Nigéria. Assim também tomam parte na lavagem das guias, sete moças virgens. Observa-se grande preceito quanto às guias. Não podem ser tocadas por quem esteja de "corpo sujo", oriundo de relações sexuais ou menstruadas. São usadas nas grandes cerimônias do ritual. Anualmente, procede-se à lavagem das guias, com o seguinte ritual: no dia apropriado o *Pejigã*, ou o Ogã (Kalofé) vai à mata colher as ervas para o *amaci*, marcando-se, então, a data da cerimônia. Nesse dia, reúnem-se os filhos e filhas do terreiro, com suas vestes em cor branca. No Peji, coloca-se uma bacia ou alguidar virgem, sob um *alá* de Oxalá, iluminado por velas de cera. Nenhum estranho ao terreiro é admitido no recinto. Todos se postam em redor do alguidar, e as setes moças virgens começam a *quinar* (triturar) as ervas, ao som de palmas e de pontos cantados. Depois, cada filho do terreiro entrega a sua guia para ser lavada dentro do alguidar. Após o *amaci*, são retiradas do alguidar e guardados no Peji, em local reservado. O resíduo do amaci é despachado em água corrente ou no mar, quando a maré estiver vazante, levando o que as guias atraíram. No dia marcado, realiza-se a entrega das guias, em ato procedido pelo Babalorixá ou Ialorixá, depois de defumadas com o defumador de cada Orixá, dono de cada guia.

FECHAMENTO DO TERREIRO OU LOROGUN

O *Lorogun* é uma das grandes cerimônias do Candonblé e significa o fechamento do terreiro, por todo período da quaresma. É uma obrigação que mostra que nem tudo está perdido, em razão da ação inescrupulosa de mistificadores, que ilude a boa fé dos fiéis. Mais para salvaguardar, felizmente ainda existem Babalorixá e Ialorixá honestos, competentes e responsáveis, mantendo as velhas tradições da seita, e que estão sempre vigilantes contra os que procuram deturpar. A cerimônia do *Lorogun* começa geralmente, ao anoitecer, cabendo aos filhos-de-santo do terreiro, durante o dia a preparação das comidas determinadas pelo Babalorixá ou Ialorixá. Estas são obrigatoriamente secas, já que nessa obrigação não há "matança". Depois de pronto o *ajeum* (comida) cabe ao Babalorixá ou Ialorixá, depositá-la aos pés (assentamento) dos respectivos Orixás, visto que são sempre os primeiros a serem servidos. Isto feito, guarda-se a comida no Peji (quarto-de-santo), para ser distribuída na hora do Lorogun, servindo-se primeiro aos Babalorixás e Ialorixás, aos Ogãs, aos filhos-do-santo e por último aos assistentes. A noite ou melhor, ao início da cerimônia, o Pai-de-santo reúne todos os filhos no centro do terreiro. O Ogã Kolofé inicia o ritual, cantando para que se despache o *padê* de Exu (Legba), para que o mesmo carregue para fora todos os maus fluídos e a sessão decorra sem nenhum aborrecimento. Como é público e notório dentro da Lei do santo não se pode começar nenhuma obrigação, sem que primeiro se despache Exu. Terminando o despacho do padê de Exu, tem início o *Xirê* (cânticos) dos Orixás. É uma das mais importantes cerimônias do Candomblé, merecendo todo cuidado e atenção do Babalorixá ou Ialorixá, dado a complexidade na sua execução.

JOGO DE BÚZIOS OU DELOGUN

O jogo de búzio é uma arma do *Babalaô*, constituindo-se um instrumento do seu poder.

Quando o iniciado encontra-se pronto, conhece bem as *mirongas* do *delogun*. Recebe a *mão-de-búzio*.

O aprendiz começa com 4, 8, 16 ou 24 búzios, devendo ter muita paciência, já que o período de aprendizado é lento e demorado. Após longo treinamento, poderá jogar até mesmo com os olhos vendados, decifrando as respostas dos Orixás, conforme a posição da caída dos búzios. Os búzios recebem o *amaci*, sendo feita a "obrigação" da lavagem completa. Somente assim, eles são consagrados e guardados cuidadosamente dentro do Peji. Quem estiver de "corpo sujo" não poderá tocá-los, para não afastar as influências benéficas. Somente as pessoas que recebem o *oxé* do Orixá, isto é, aquelas que se iniciaram na seita, poderão chamar os Orixás e interpretar o resultado do *delogun*.

A função essencial do sacerdote de Ifá é a da adivinhação. Há mesmo quem afirme que, se o chefe-de-terreiro conhece dessa arte, ele é um *babalaô*. Caso contrário, é apenas um *babalorixá*. Existem dois métodos principais de adivinhação: o primeiro é o do *Opelé-Ifá*, que significa: rosário ou colar de Ifá. É uma cadeia de metal. Cada conta do rosário é a metade de uma noz de manga. O sacerdote joga o colar no chão do Peji, e pela posição das nozes, prevê o futuro e revela o passado. O segundo método de adivinhação consiste em encher as mãos com os frutos de dendezeiro, sacudi-los, misturá-los bem e depois jo-

gá-los na mesa ou no colo, indo aos poucos, o adivinho, tirando suas conclusões. Entre os Zulus, porém, a arte de adivinhar é exercida pelos espíritos dos antepassados do sacerdote ou amatongos.

Ifá é um Orixá poderoso. Faz parte da Trindade da Umbanda e corresponde na teologia cristã, ao Espírito Santo.

COMIDA DE SANTO

A comida típica da Bahia é uma das mais requintadas do mundo pelo fato da sua origem Africana, pois quase todos os pretos baianos foram trazidos pelos nossos antepassados de além-mar. Achando que seria útil escrever algumas coisas sobre as comidas de santo achei por bem elaborar o presente tópico sobre a cozinha Africana, para melhor orientar todos os chefes de terreiro, que labutam diariamente com os Orixás, sobre o que eles mais apreciam. Quero antecipar aos leitores, que qualquer comida de santo é preparada em panela de barro e cozida em fogo de lenha ou carvão, nunca em panela de alumínio e em fogão a gás ou querozene.

Os quitutes da cozinha Africana pertence a duas categorias: uns são destinados as cerimônias do culto e outro ao público assistente. No preparo da comida de santo, deve ser observado vários preceitos inclusive a não permanência das mulheres menstruadas nas cozinhas. Essas comidas são preparadas pela labá da casa (labasé) com suas vestes ritualísticas e a conta do seu anjo-da-guarda. Como disse acima, as panelas devem ser de barro e a colher para temperar é, geralmente, de pau. Até mesmo o modo de abanar e mexer a panela é diferente do usual: não se abana para direita e esquerda, mais sempre para a direita, como para mexer. Nunca se faz para frente e para trás, mais sempre para frente. Às vezes depois de pronta a comida, joga-se os búzios ou a lobaça (cebola) para se saber se de fato a comida foi aceita pelo Orixá. Em caso contrário a comida será distribuída para os presentes filhos da casa e logo a seguir é feita nova comida para o Orixá.



CAPITULO VII

HIERARQUIA SACERDOTAL

ANTIGAMENTE, na sua maioria, os Sacerdotes do Culto Afro-Brasileiros eram de origem Africana. Vindos diretamente de lá, como escravos, aqui assumiam a direção do culto religioso. Posteriormente, já libertos, continuaram a manter sua posição. E assim vieram sendo eles, filhos, netos, bisnetos de Africanos, os mantenedores da pureza do culto religioso ancestral. Ultimamente, entretanto, já pardos, crioulos e até branco, dirigem com eficiência alguns, com incapacidade outros, os Terreiros de Cultos Afro-Brasileiros. Há regras que devem ser observadas pelos Babalorixás na sua vida religiosa do Terreiro sob sua direção. Todos os Babalorixás ou Ialorixás têm seus herdeiros. Por sua morte esses assumem automaticamente a chefia do culto, para que não seja o mesmo interrompido. Há um chamado "Testamento", que contém uma extensa lista de filhos classificados para a sucessão. Esses filhos, na rigorosa ordem de classificação do seu nome nessa lista, serão chamados a ocupar o cargo de Babalorixá ou Ialorixá do Terreiro, uma vez morto o que estiver imediatamente acima. É digno de nota o fato de que, nem sempre os parentes, mesmo os mais próximos, são contemplados nesse "Testamento". Nunca pois, serão chamados a exercer cargo de chefia no Terreiro. Isso prova a isenção de ânimo com que são escolhidos os "herdeiros", levando-se em conta, apenas, seus dotes e qualidades dentro da Lei. De um modo geral, a hierarquia sacerdotal, em um Terreiro bem organizado, é a que se segue:

BABALORIXÁ – É o "Pai-de-Santo". Compete-lhe exercer todas as funções características do seu cargo, como sejam: presidir sacrifícios; preparar e iniciar "filho-de-santo", dentro do ritual próprio; preparar os Orixás e os "assentos" respectivos; resolver – pelo jogo de Búzios – qualquer questão surgida dentro do Terreiro ou de pessoa que a ele recorra; fazer sortilégios; observar e corrigir a execução de todos os preceitos do ritual de *Ilus* (tambores); ensinar, educar e corrigir os "filhos-de-santo", pô-los na prática e execução dos preceitos. Alguns há que preticam o curandeirismo, dada a carência de médicos nos locais em que habitam, o que leva seus filhos doentes a recorrerem aos seus conhecimentos do emprego de ervas e plantas da preciosa flora brasileira.

IALORIXÁ – É a "Mãe-de-Santo". Sacerdotisa dos Terreiros, com função, atribuição e direitos exatamente idênticos aos dos Babalorixás, exceto no que se refere ao jogo do Ifá, com o qual não pode ter interferência. Isso por ser do sexo feminino.

OGÃ KALOFÉ – "Padrinho" escolhido pelos Orixás "confirmado" e entronizado. Não tem "obrigação" de cabeça, mas tem deveres para com o Terreiro. Recebe as mesmas homenagens e o mesmo respeito que o Babalorixá ou Ialorixá.

OGÃ NILU – Ogã batedor de atabaque.
OGÃ ALABE – Ogã chefe dos tocadores de atabaque.
AXOGUN – Sacrificador de animais.
EBOMYN – Filha-de-santo com mais de sete anos.
EKÉDI – Encarregada de organizar a festa.
YAÔ – Noviça, "Filha-de-Santo" recém-feita.
IYALAXÉ – Zeladora dos "Axês".
IYABASSÉ – Cozinha dos Orixás.
PEJI-GÃ – Organizador da ordem geral dos preceitos.
ÊXI-DE-ORIXÁ – Filho-de-Santo em Geral.

TERREIRO

O Terreiro, propriamente dito, é o lugar onde se realizam todas as cerimônias e festas para os Orixás, dentro do culto Afro-Brasileiro. Na casa onde reside o Babalorixá ou Ialorixá, há sempre uma sala grande, bem espaçosa geralmente a principal, onde se instala o Terreiro. Essa sala, via de regra tem aproximadamente 20 m. É de chão de terra batida, embora alguns sejam de cimento. O Terreiro é mantido enfeitado com pequenas bandeirolas de papel de seda de várias cores, que cubram integralmente o teto. Ali são realizados as danças sagradas, para os Orixás. Nos dias de festa, organiza-se o local adequado, para os tocadores de atabaque, as cadeiras de honra para o Babalorixá ou Ialorixá visitante, o recinto especial destinado aos assistentes em geral.

No centro deve sempre haver bastante espaço livre para os filhos-de-santo dançarem. Principalmente para quando chegar algum Orixá, pois não deverá ficar em contato direto com o pessoal da assistência.

O Terreiro deverá ser sempre mantido cuidado e adornado pelas filhas-de-santo da casa, que disso deverão se encarregar com muito carinho e zelo.

PEJI

O Peji é o santuário sagrado da seita. Geralmente está localizado ao fundo do Terreiro, dando acesso a esse por uma porta ampla.

Aí, num altar baixo, de três ordens, estão os possantes Orixás africanos, como Xangô, Ogun, Odé, Obaluayê, Yemanjá, Yansã, Oxum, Nanã Buruku, (Orixalá), "assentados" nos seus respectivos "otás".

Cercando o "assento" desses Orixás, vê-se louça da Bahia, quartinhas de barro cheias d'água e com os respectivos emblemas riscados com pemba branca, pratos cobertos por outros pratos, contendo alimento sagrado, frutas, etc. de cada um dos Orixás e distribuídos pelos três degraus do Altar. Cada qual próximo do "assento" respectivos.

Dentro do Peji são encontrados também os atributos dos Orixás, como sejam: abebês de Oxum e Yemanjá; machado de Xangô; espada de Ogum; Xaxará de Obaluayê; padrão (xaxará) de Odé; leque de Nanã Buruku; a espada de Ossaẽ; leques ou bambã de Ibeje; o cajado de Oxalá.

Encontra-se também pendurado na parede o Ewenu do babalorixá, espécie de espanador feito de cauda de vaca, símbolo do seu poder e emblema do seu cargo sacerdotal.

Dispostos pelo chão, são encontrados crânios de animais sacrificados. Obés, oberós, vários instrumentos utilizados no culto, são ali guardados, livres de contato de pessoas que não estejam em condições físicas adequadas.

Tendo em vista o secular sincretismo afro-católico, são encontradas, dentro dos Pejis, imagens e estampas dos santos católicos, ligados aos Orixás africanos.

Sendo o Peji um recinto sagrado, são observados severeos preceitos de limpeza para o ingresso no mesmo. A ninguém é permitido entrar com "corpo sujo", isto é, quando em período menstrual ou após relações sexuais. Deverá sempre, antes de ingressar em tal lugar, purificar-se com banhos de ervas (amaci), etc.

Dentro do Peji também é que se realiza o período de resguardo da Yawô, durante a feitura do Orixá. É a "camarinha" indispensável a quem deseja ingressar na vida religiosa africana.

TOQUES

Nos dias de festas é feito um "toque" especial em homenagem ao Orixá festejado. Nessas ocasiões o Terreiro é caprichosamente limpo e enfeitado pelas yabás, encarregadas desse serviço, para embelezar o ambiente.

Ao ter início a festa, é – antes de mais nada – dada a Menga de Exu, sacrificando-se um galo preto atrás da porta do Peji. Deverá ser obedecido todo o ritual adequado ao ato, com cânticos especiais. Depois de sacrificada a ave, cujo sangue deverá cair sobre o fetiche de Exu, dentro de um alguidar de barro vidrado, é "despachado Exu". Tal cerimônia só poderá ser executada por quem tenha "mão de faca" – o axogum – a fim de evitar que um inexperiente cometa erros prejudiciais. Evita-se, assim, que Exu perturbe ou permita que seja perturbado o ambiente, que deverá ser de alegria e calma. Para isso, é ele servido em primeiro lugar, em qualquer cerimônia da seita.

Depois de sacrificado o galo, é ele entregue à yabassé, para ser preparado e servido à Mãe Pequena, Pai Pequeno, Babalorixá ou Yalorixá, dentro do ritual.

É, então, dado início ao "toque" propriamente dito. No terreiro, o Babalorixá ou Yalorixá dá o sinal para início das músicas e das danças. Os atabaques iniciam os toques das toadas de cada Orixá, sempre na devida ordem. O Babalorixá tira os pontos cantados, acompanhados pelo coro de "filhas de santo".

XIRÊ

Para esses cantos, deverá ser observado o "xirê", não se podendo cantar e tocar em confusão, ora para um, ora para outro, sem que se obedeça o "xirê" estabelecido.

De um modo geral, o "xirê" a ser observado é o seguinte:

1) Exu
2) Odé
3) Obaluayê e Omulu
4) Nanã Buruku
5) Obá-Syon
6) Euá
7) Ibeje
8) Oxumaré
9) Oxum
10) Yemanjá
11) Xangô
12) Yansã
13) Orixalá (Oxalá)

OBRIGAÇÕES DOS "FILHOS DE SANTO" DENTRO DO TERREIRO

Os "filhos de santo" têm sérias obrigações para com os Orixás e Encantados. Têm deveres a cumprir, quer para com seu Babalorixá ou Yalorixá, quer para com o seu Terreiro, onde fez a sua "obrigação de cabeça". São preceitos que deverá cumprir, dentro da Lei, com seriedade e respeito, não devendo pensar que, terminado o período de noviciado – depois de "feito" – estará livre de certos e determinados deveres. Deverá obediência e respeito ao seu Babalorixá ou Yalorixá, isto é, seu "Pai de Santo" ou "Mãe de Santo" a quem deve tudo que aprendeu. Deles recebeu seus preceitos, "assentos", seus conhecimentos e a eles deverá sempre amizade e respeito. Embora venha a ter seu próprio Terreiro, o que é natural e lógico – ele próprio já um Babalorixá ou Yalorixá – deverá cumprir certos deveres indispensáveis para com aqueles que o iniciaram, e para com o Terreiro onde foi preparado.

Assim, poderemos assinalar como as principais, as regras abaixo:

1) Comparecer ao Terreiro nos dias de "Ossé", no dia estabelecido para essa cerimônia pelo seu Babalorixá ou Yalorixá.

2) Comparecer ao Terreiro nos dias de "obrigação" e quando ali se realizarem "toques", especialmente nas sextas-feiras.

3) Fazerem "Dobalé" aos pés do Babalorixá ou Yalorixá, e dar "Baxuxu" aos seus irmãos mais velhos quando chegarem, se retirarem, ou ao tirá-los para dançar com o Orixá.

4) Ajudar à "Mãe Pequena" ou "Pai Pequeno" em tudo que se fizer necessário durante as ocasiões especiais, cumprindo rigorosamente as ordens recebidas.

5) Ajudar a cantar e tocar para os Orixás, conforme aprendeu, bem como dançar corretamente para os mesmos, contribuindo para a alegria e esplendor do "toque".

6) Comprar roupas próprias do ritual, de acordo com as cores de cada Orixá, e do seu próprio Anjo da Guarda, a fim de se apresentar vestido corretamente.

7) Concorrer, na medida das suas posses, com o que se fizer necessário para o perfeito funcionamento do Terreiro, fornecendo velas, alimentos, animais, etc., para as cerimônias que se realizem, quer para o seu próprio Orixá, quer para o que faltar para seus irmãos em situação difícil.

8) Manter atitude digna e correta dentro e fora do Terreiro, não fumando dentro do barracão ou Peji, evitando bebidas alcoólicas ou palavras e gestos desrespeitosos para com seus irmãos, assistentes ou Orixás presentes.

9) Trajar obrigatoriamente a cor branca nas sextas-feiras e demais dias que forem de preceito.

10) Não comer carne nas sextas-feiras nem adulterar de quinta para sexta-feira, bem como nos dias de "obrigação".

11) Respeitar e fazer respeitar as "salvações" dos Orixás em geral, como as de Yansã, Obaluayé, Oxalá, etc., e os de seu Babalorixá ou Yalorixá, além do seu próprio.

12) Ter fé e confiança nos seus Orixás, gosto e satisfação em cumprir os preceitos e obrigações da Lei, alegria no progresso da religião.

13) Não compartilhar de outros "Terreiros" quer em obrigações ou festejos, sem prévia autorização do seu Babalorixá ou Yalorixá.

14) Dentro do seu próprio Terreiro deverá cumprir os preceitos recebidos dos seus iniciadores, sem incorrer em falhas, recebendo festivamente a visita dos mesmos, homenagendo-os e prestigiando-os dentro do ritual, bem como destinando-lhes sempre o lugar de relevo a que têm direito, como seus superiores.

15) Ter paciência com todos, manter a calma, estimular a união sincera com seus irmãos, respeitar e auxiliar o próximo no que se ligar às suas necessidades materiais e espirituais.

16) Tratar com cordialidade, amabilidade e gentileza aos visitantes, evitando com habilidade e calma qualquer abuso dos mesmos dentro do Terreiro.

Assim, vemos que o "filho de fé", quando sincero e cumpridor dos seus deveres, embora já "feito" e habilitado ao exercício do Sacerdócio, deverá manter, para com seu Babalorixá ou Yalorixá, bem como para com o Terreiro onde foi iniciado, certas obrigações severas e deveres que deverá cumprir escrupulosamente. Isso não importa em que o seu próprio Terreiro seja descuidado, pois ele deverá saber harmonizar essas obrigações e deveres, sabendo que quem ingressa na Lei de Orixá deve estar preparado para uma vida de lutas e sacrifícios. Deve o "Filho de Santo" saber que faz parte de um todo, é um elo de uma corrente, que se tornará cada vez maior por seu intermédio quando – por sua vez – fizer outros "filhos de santo".

O que lhe compete fazer para com os seus superiores, seus próprios "filhos" farão em relação a ele também. Assim, deverá respeitar, engrandecer, apoiar e prestigiar o seu Babalorixá ou Yalorixá.

Assim, darão exemplo do que esperam receber dos seus "filhos", mais tarde.

INSTRUMENTOS MUSICAIS USADOS NOS TOQUES

São vários os instrumentos musicais usados nos toques, quase sempre os mesmos para todas as Linhas.

RITMO DAS MÚSICAS

Cada Orixá tem um toque característico, cujo ritmo varia:

Alujá (ligeiro) — para Xangô
Opanijé (cadenciado) — para Omulu
Adarrum (rápido) — para todos os Orixás
Olubajé (ligeiro) — para Obaluayê
Agueré (lento) — para Yansã, no Balé

Entre os atabaques (ilu), nota-se alguma diferença no modo de amarrar o couro.

ANGOLA — diretamente sobre a madeira
NAGÔ — com uma cunha

Há também certa diferença no modo de tocar o instrumento em que os nagôs e os angolas batem no couro diretamente com as mãos, sendo que os gêges usam um cipó chamado ôghidavis.

Run — atabaque grande
Rumpi — atabaque médio
Lé — atabaque pequeno
Ilu — atabaque encourado nas duas bocas

Há, ainda, os grandes tambores de guerra, usados antigamente, os Batá-Kotôs.

Há, ainda, para os toques, os instrumentos seguintes:
Adjá — Agôgô — Aguê — Abê — Reco-Reco — Berimbau

DIAS DA SEMANA DEDICADOS AOS ORIXÁS
(Nação Nagô)

Segundo determinadas Linhas, há certas variações com relação aos dias da semana dedicados aos Orixás. Entretanto, dada a experiência longamente adquirida e ensinamentos recebidos, a relação abaixo é a que mais corresponde à verdade:

2a. feira — Exu, Omulu, Obaluayê, Almas Santas do Purgatório
3a. feira — Ogun, Nanã Buruku, Oxumaré, Odé
4a. feira — Xangô, Oxossi
5a. feira — Yansã
6a. feira — Oxalá (Orixalá)
sábado — Yemanjá, Oxum
domingo — Ibeje e demais Orixás que não incorporam

DATAS COMEMORATIVAS DOS ORIXÁS NOS TERREIROS
(Nação Nagô)

Janeiro: 01, 6, 19, 20 — Ano Novo, Reis e São Sebastião
Fevereiro: 2, 11 — Nossa Senhora e São Lázaro
Março: 19 — São José
Abril: 17, 22, 23 — São Jorge
Maio: 7, 12, 26, 28 — Nossa Senhora da Conceição
Junho: 13, 24, 29 — Santo Antonio, São João e São Pedro
Julho: 16, 23 — N. S. do Carmo e S. Sant'Anna
Agosto: 24 — São Bartolomeu
Setembro: 26, 27, 30 — Cosme e Damião; São Jerônimo
Outubro: 12, 15, 31 — Corpo de Cristo
Novembro: 17 — Santa Rita
Dezembro: 4, 8, 24, 25 e 31 — Sta. Bárbara, N. S. da Conceição, Natal, São Silvestre

KÊLÊ

As "Guias", Kêle", usadas pelos "Filhos de Santo" são um emblema do seu Orixá. Elas servem também como segurança. Cada "Guia", de acordo com suas cores e disposições das contas, indica o Orixá ou um cargo religioso, hierárquico. Na própria forma de colocá-las, há uma ordem a ser observada. Assim temos:

Homens (com Orixá masculino) guias usadas a tiracolo
Mulheres (com Orixá feminino) guias usadas em torno do pescoço
Homens (com Orixá feminino) guia do Orixá no pescoço e dos demais a tiracolo
Guia de Babalorixá ou Yalorixá — de Exu e Oxalá
Guia de Mãe Pequena — Idem
Guia de Axogum — seu Orixá e Exu
Guia de Ogan — seu Orixá
Guia de Iyabassé — seu Orixá
Guia de Ekéde — seu Orixá
Guia de Ebomin — seu Orixá

Para os Orixás devemos observar as seguintes combinações:

Oxalá: branco	firma: branca
Xangô: vermelho e branco	firma: vermelha
Yansã: rosa ou vermelho	firma: coral
Ogun: verde corrente de cobre	firma: espada
Oxósse: verde	firma: arco e flecha
Odé: verde	firma: verde
Oxum: amarelo	firma: ouro

Yemanjá: azul	firma: azul e rosa
Obaluayê: vermelho e preto	firma: laguidibá
Nanã Buruku: rosa	firma: rosa escuro
Ossaiyn: amarelo e rosa	firma: amar., rosa
Oxumaré: amarelo, roxo, azul	firma: amar., rosa
Ibeje: vermelho e verde	firma: rosa
Exu: preto e vermelho	firma
Ifá: búzios	firma: búzios
Almas: Ave-Maria	firma: 1 crucifixo ou 1 cruzeiro

As Guias dos Orixás, ao serem preparadas, deverão receber "amaci", sangue de animais, que vão do pombo ao cabrito, de acordo com os Orixás.

BAXUXU

No simples cumprimento de dois "filhos de santo" observa-se seu posto no Terreiro. Além disso, há que notar que um "filho de santo", com posto dentro da "lei" não "bate cabeça" em outro Terreiro além do seu.

— Babalorixá ou Yalorixá — mãos cruzadas, dedos entrelaçados ligeiramente torcidos. Por 3 vezes tocar nas mãos do cumprimentado.

ORIXÁ feminino — Adobá
ORIXÁ masculino — Ikú

TOQUES DE ATABAQUES

O "atabaque" é um (instrumento), tambor usado nas festas religiosas dos negros de origem Gêge-Nagô e Bantu. Também nos Candomblés sincretos onde entra o elemento ameríndio, mais conhecido, por "Candomblés de Caboclo", esse instrumento de percussão faz parte do ritual. Apenas os Malés negros arabizados que professavam a religião Muçulmana, não adotavam o atabaque.

Apresenta o atabaque, a forma de um cone bastante comprido, em relação ao diâmetro, medindo cerca de 20 a 25 cm, na parte superior e 10 a 15 cm nas extremidades opostas, que se apóia sobre o chão. E segundo o seu tamanho, recebe em ordem crescente, os nomes de Lé, Rumpi, Contra-Run, e Run. Informam os descendentes de africanos que os atabaques antigamente eram feitos de cerâmica. Depois passaram a fabricá-los com o tronco ocado de coqueiros e palmeiras e mais tarde, utilizando a madeira da gameleira — árvore sagrada que adoravam e adoram sob o nome de Lóco ou Roco Irorô. O couro para percussão, ainda seguindo a informação oral, era preparado com pele dos animais sacrificados nas oferendas aos Orixás excetuando o carneiro. Hoje essa tradição não é mais seguida a rigor. O run é o maior dos atabaques, alcançando às vezes o comprimento de 2 metros, medindo o lé menos de 30 a 40 cm. Os atabaques são percutidos com pequenas varetas de madeiras forte, conhecidas pelo nome de "agdavi", ou simplesmente com batidas dos dedos das mãos e dos punhos. Cada Orixá tem um toque predileto. Assim Xangô é recebido com o alujá; OXOSSI, com o aguerê; OBALUAIÊ com o opaninjé; OXALA com o bravum; Oxum e Iemanjá pedem ou aderem; Iansã com o agerê ou simplesmente o agê, os "agdavis" são empregados no alujá, no bravum e no adarrum, este um toque especial para chamar os Orixás quando demoram a baixar, trata-se de um ritmo apressado, sincopado, hipnotizante. Os toques de atabaques variam também com os cantos. Apenas o alujá não muda o ritmo e com ele se entoam as três primeiras orações, acompanhando-se os outros cantos na mesma festa, com uma variante. Nos Candomblés de predominância Bantu não se toca o alujá, preferindo-se o barravento, que é parecido com o alujá, e se percute sem os "agdavis". Atualmente nos Candomblés da Bahia onde o atabaque é o mais importante instrumento, só se encontram os tipos já citados, sendo que o lé vai desaparecendo, a pouco das festas religiosas de terreiro. Cada tipo de atabaque tem seu tipo de valor ritual específico, embora, situem-se lado a lado no terreiro. Enquanto o Orixá-maior não chega, tocam apenas o contra-run, rumpi e o lé. Assim que ele desce, o lé é retirado do terreiro: o contra-run passa a ser tocado como o rum e o rumpi como o lé goza no terreiro de um privilégio, por ser percutido nos ensaios das filhas de santos, por possuir baixa distância, evitando perseguição policial, o rum é o instrumento nobre dos terreiros Gêge-Nagô, sendo tocado somente quando, seguindo-se a velha tradição, o Orixá-maior chega, está presente na confirmação dos Ogãns e das Iaôs, e nas entregas de Dekas. Artur Ramos registra um tipo de atabaque muito conhecido no Rio de Janeiro pelo nome de surdo, dando um som característico que produz. É usado sem as varetas de madeiras.

Ainda, o etnógrafo Alagoano, estudando os instrumentos musicais dos negros, afirma que, no "Nordeste, o atabaque principal tem o nome de Igoma; é uma corruptela de Ngomba ou Angomba o tambor dos Angolas-Congueses" e mais adiante: "Em outros estados do Norte, o tambor menor tem o nome de Zambê, Congues, Ilús" etc. Manoel Quirino, que ainda alcançou os africanos e seus descendentes diretos no fim do século passado e no princípio deste, cita o "Satacôtô".

FESTA DE CANDOMBLÉ

Como desenrola-se uma festa de candomblé. Uma festa de candomblé, começa na madrugada com a matança, "sacrifício de animais em holocausto aos Orixás", é porém esta cerimônia de caráter privado, não sendo permitida a presença de pessoa estranha que não foi iniciada ainda dentro da seita.

Cabendo as Yabãs (cozinheiras do culto) prepararem toda carne dos animais sacrificados tirando os "Exés" e colocando tudo devidamente pronto, com um preparo todo especial juntamente com as outras comidas secas nos respectivos pés (assentamento) a comida correspondente a cada Orixá.

A tarde antes do crepúsculo, começa a cerimônia pública que desenrolar-se-á no Barracão, que encontra-se todo enfeitado com folhas de coqueiro, galhos verdes de ervas especiais e bandeirolas de papel de seda esticadas em cordéis, encontra-se no centro do terreiro o "Padê de Exu" que é a oferenda que dá-se ao mensageiro dos Orixás do Candomblé propriamente dito, mediador entre os seres mortais (que são a matéria humana) e os Deuses (que são os Orixás). Em qualquer obrigação ou cerimônia, o primeiro a ser tratado é Exu. Agrada-se-lhe em primeiro lugar para que a festa decorra em paz e harmonia e seus desígnios sejam cumpridos e Exu possa tomar conta da porteira e não deixar passar os espíritos maus (Quiumbas) que possam vir a perturbar o bom andamento da festa. Após o "Padê de Exú" faz-se uma ligeira pausa, prosseguindo o ritual com a "Roda" que consiste numa série de danças em círculo, dela participando todas as filhas e filhos de santo (*Médiuns*); a função desta roda dançando e cantando ao ritmo dos atabaques (tambores ou Ilus) é saudar todos os Orixás, e em seguida chamá-los para que venham dançar. Chega o primeiro, monta seu cavalo (que é a matéria humana ou melhor dizendo, o médium) uma das figuras da "roda" (uma filha de santo) que entra em transe e amparada pelo Ekede, saudada pela orquestra (Atabaques) e pela Ialorixá ou Babalorixá. A quem por sua vez ela saúda estirando-se no chão, batendo com a cabeça na terra, à medida que as outras filhas caem no santo, a orquestra as saúda com o toque de seus Orixás, até todas ficaram em transe, as filhas retiram-se então para o camarim acompanhadas de suas respectivas "Ekedes" voltando já agora vestidas com as roupas dos santos, empunhando suas armas ou exibindo seus emblemas, caracterizados pelas contas, insígnias e cores de cada Orixá. A Ialorixá ou Babalorixá levanta-se (todos os demais que se acharem presentes têm a obrigação de levantarem-se quando ela assim procede) porque são os próprios Orixás (e não a matéria humana) que estão entrando, que acham-se no Barracão, e que agora dançam aos grupos ou isolados, dependendo dos toques executados pela orquestra, para que santo está a orquestra tocando. Quando o Orixá vem vestido, depois que sai do quarto de santo, vem então para tomar "rum", e a festa nessa altura atinge seu clímax, só terminando quando todos os Orixás tiverem tomado "Rum" e devidamente homenageados a orquestra entoa então um toque denominado "avaninha" que os santos dançam em roda, saudando a todos, a orquestra e a Ialorixá ou Babalorixá e retiram-se para o Peji, acompanhados de suas respectivas "Ekedes" e vão ao "Ló" voltando as filhas e filhos de santo já em seu estado normal, forma-se nova "roda", entoa-se saudação a Oxalá e terminando a Ialorixá ou Babalorixá retira-se e está encerrada a festa.

OS MINISTROS DE XANGÔ

A África é por excelência, a terra das lendas e dos contos. Talvez tão fértil como o africano, só possamos encontrar os índios, os quais, por s e , apreciam imensamente a exposição de todos os períodos de sua história, suas guerras, a vida de seus deuses e de seus antepassados através de lendas belíssimas.

Os africanos também têm essa tendência. Principalmente sobre os seus Orixás, são inúmeras as lendas encontradas. Entre as mais interessantes, podemos assinalar a que abaixo passo a escrever: — sobre os Ministros de Xangô, tal qual como ela é conhecida na Bahia e outros estados do nordeste brasileiro. "Oyó", capital de Yorubá, antigamente simples acampamento dos Nagôs para a doma de búfalos — era governada por Abiódun, um dos primeiros reis do povo Nagô, amigo do seu povo e o seu país prosperava a olhos vistos. Com sua morte sucedeu-o, Awolé, que, embora concorresse para aumentar o fabrico do azeite de côco, não conseguiu que a vida se tornasse menos difícil, principalmente para a lavoura. O povo Nagô o crivava de indiretas. "Awolé li a di adikalé". Afinal Awólé abdicou em favor de Arógangan, um grande caçador e um grande guerreiro, mas sem jeito para governar. O povo, em contínuas revoltas, demonstrava a sua antipatia pelo governo militar de Arógangan. Foi então que surgiu Béri, depois chamado "Xangô". Ele que era um homem valente, invadiu Oyó com seu povo fazendo proezas de assombrar. O povo Nagô ficou amedrontado e o próprio Rei Arógangan, curvou a cabeça diante do invasor. Ora, isso era um sinal de fraqueza, uma condição de vassalagem, pois os Reis não curvam a cabeça diante de ninguém. Assim o compreendeu o povo que, daí por diante, começou a obedecer à Xangô (Béri) em vez de ao Rei. Engraçado é que o Rei Arógangan era vaidoso ao extremo, tendo feito correr entre o povo do seu reino estas palavras:

"Arógangan fi óke xé óbéra
Ôri kô gbò ké món alò xó
bi ébóra ôyibò ixóbún".

Que quer dizer: "Só as montanhas são comparáveis a Arógangan diante de que todos deveriam baixar a cabeça, reconhecendo nele um grande potentado como os brancos". Apesar de tudo, Xangô tomou conta do governo, sem que, entretanto, destronasse Arógangan. O povo de Yorubá continuou a guerrear com os povos vizinhos, sempre vencedor, devido às façanhas nunca vistas de Xangô. Foi assim, nessa época, que dois grandes guerreiros das cidades vizinhas, sitiadas por Xangô, vieram aprender com ele a tática de guerra. Um deles era Timin, valente guerreiro do qual se dizia que as flechas eram como chamas, de onde o chamaram "Agbalè ólofá inan", que quer dizer o "o guerreiro que desprendia flechas de fogo". O outro era Gbomká, alto, forte, apelidado por isso mesmo Ebiri. Xangô não lhes fez cara feia, antes se prestou a ensinar-lhes a arte da guerra, de boa vontade; porém, Xangô não lhes ensinava tudo pois pensava matá-los, temendo a sua concorrência na chefia do poder. Ainda mais porque os dois jovens guerreiros cada dia se tornavam mais populares entre os povos de Yorubá. Havia, já há algum tempo aliás, que Xangô apenas fazia preparar a guerra.

A frente dos exércitos marchavam os guerreiros Timin (o das flechas luminosas) e Gbonlá (o gigante). Um belo dia Timin desconfiou dos intuitos de

Xangô e, ao voltar de uma empresa arriscadíssima, como sempre vitorioso, coberto de glória, chegou ele a Oyó e acintosamente, em vez de se dirigir ao palácio real mandou chamar Xangô à praça pública, onde o esperava. O grande guerreiro atendeu ao chamado. Então ajudado por Gbonká, diante da assembléia das tribos, Timin exprobou o procedimento de Xangô, dizendo-lhe que se os queria matar a ele e ao gigante mandasse armar uma fogueira para os queimar vivos. Xangô isso fez. A fogueira ardeu sem queimar os dois companheiros intrépidos. Outras provas como a das brazas e a do azeite fervendo foram utilizadas, sem dar o resultado previsto. Então, diante da desmoralização sofrida, Xangô, sem que ninguém conseguisse saber como, desapareceu do meio das tribos estupefatas. Houve um grande clamor na terra e mal se dava pelo desaparecimento de Xangô; uma tempestade de violência nunca vista desabou sobre o mundo com trovoadas, relâmpagos e raios. . . Os homens da nação Nagô tiveram medo e exclamaram: "Xangô se tornou um Orixá. . ." O maior guerreiro de Yorubá, desaparecendo, levara as favoritas entre suas mulheres — Oxum e Oyá — para as nuvens. Os dois guerreiros que haviam provocado o desaparecimento de Xangô voltaram às suas terras de origem. Os Ministros de Xangô, os Magbá, instituíram o culto do Orixá, atribuindo-lhe no céu as mesmas preferências pessoais que demonstrara cá na terra por certos comestíveis, como o carneiro, o quiabo etc. . . Daí a divinização de Xangô. Algum tempo depois formou-se o conselho de ministros, encarregado de manter vivo o seu culto. Esse conselho foi organizado com doze ministros que na terra, o haviam acompanhado, sendo seis do lado direito e seis do lado esquerdo.

Ministros do lado direito:
Abiódún (descendente do Rei Abiondún)
Ohikôyi (príncipe)
Aressá
Onanxokú
Obá Telá
Olugban.

Ministros do lado esquerdo:
Aré-Otún
Otún-Onikôi
Otún-Onanxokún
Nló
Ossi-Onikôyi
Ekô-Kabá.

Esses Ministros, antigos reis, príncipes governantes dos territórios conquistados pela bravura de Xangô não deixaram a lembrança do herói apagar-se na memória das gerações. A festa de entronização dos ministros de Xangô nos terreiros é muito importante. São eles escolhidos entre os Ogãns mais velhos e prestigiosos da casa. Sua condição é de visível superioridade entre os demais já

que têm autoridade quase semelhante à do Babalorixá, pois recebem homenagens especialíssimas, tendo sempre pessoas à sua disposição.

Os escolhidos para ministro de Xangô deverão ser respeitáveis para com os filhos de Xangô, e dignos de toda confiança pois eles representam o Orixá na Terra.

Já têm eles seus substitutos para caso de morte e que assumirão o posto imediatamente, para que seu trono não fique vago. Uma entronização de Ministros de Xangô aqui no Brasil, foi por mim vista no Ôpô do Afonjá, na Bahia.

Aqui lanço um apelo aos filhos de Xangô para não deixarem apagar-se suas grandes festas tradicionais: Vamos intronizar os ministros de Xangô, em todos os Terreiros que pertençam a este Orixá!

CANDOMBLÉ DA CASA BRANCA

O Candomblé do Engenho Velho deu, de uma forma ou de outra, nascimento a todos os demais e foi o primeiro a funcionar regularmente na Bahia.

A data de sua fundação, segundo cálculos realizados, remonta ao ano de 1830, embora haja quem lhe assegure uma existência de 200 anos.

Suas fundadoras foram três negras da Costa, das quais temos conhecimento, apenas, de seus nomes Africanos: *Iyá Deta, Iyá-Kalá* e *Iyá Nassô*.

Há quem diga que a primeira delas foi quem lhe plantou o Axé. Tal afirmativa não parece de muito provável procedência, já que, ainda nos dias atuais, o Engenho Velho chama-se Ilê Iyá Nassô (casa de Mãe Nassô).

Por muito tempo as três mulheres emprestaram grande brilho a casa, não se tendo certeza, entretanto, quanto a se repetir entre si o poder ou se sucederam nele. De qualquer forma, o nome de qualquer de uma delas merece ainda as maiores reverências. Sucedeu-lhe Marcelina, que talvez nunca tivesse imaginado a querela que, após a sua morte, viria dividir as filhas e perdurar por muitos anos, até hoje. Maria Julia Figueiredo, que era, aliás, a substituta legal de Marcelina, como Mãe Pequena (Iyá-Kekerê), assumiu a direção do Engenho Velho.

SUCESSÕES NO OPÔ-AFONJÁ

Os aficcionados dos cultos Africanos sofreram uma grande perda, quando do falecimento de Eugênia Ana dos Santos, a formosa *Mãe Aninha*, a mais popular mãe-de-santo da Bahia.

Aninha, como era conhecida, era filha-de-santo do Candomblé do Engenho Velho, o mais antigo do Brasil. Como filha do Engenho Velho nunca tentou menosprezar a casa onde servia. E, apesar de ser o seu próprio Terreiro o mais rico, o mais concorrido e o mais belo, Aninha, sempre reconheceu no Engenho Velho, a supremacia espiritual dos Candomblés da Bahia, portanto, do Brasil.

Ali na "roça" de São Gonçalo, ainda se observa, na sua maior pureza, o culto nagô aos deuses africanos. A grande figura soberana de Aninha, a frente dos festejos dos Orixás, emprestava-lhes um brilho singular. Uma estranha impressão de confiança se apoderava imediatamente dos que a viam na direção suprema das festas do *Axé*. Era um grande e iluminado espírito.

Aninha era sacerdotisa de Xangô, em cuja honra, se elevava o *Axé de Opô-Afonjá*. Nesse culto diário ao grande Deus do Raio e do Trovão, ela não tinha rivais na Bahia, nem no Brasil. Um ano antes do seu desenlace, realizou ela, no *Axé*, a cerimônia de posse e intronização dos Ministros de Xangô, expressivo ato religioso Iorubano, de há muito esquecido e até mesmo ignorado na Bahia.

A sombra do grande Orixá protegia o seu Terreiro, aberto a todas as dores humanas, acolhedor e amigo. Sucedeu-se-lhe na direção do *Opô-Afonjá*, a Ialorixá Maria Bebiana do Espírito Santo, Mãe Senhora. Também falecida. Agora, os tronos do Axé Opô-Afonjá, no Retiro, acham-se preenchidos, com a decretação de Xangô, indicando a Ialorixá Ondina Valério Pimentel. *Nilê Axé Opo-Afonjá*.

OS XANGÔS DO NORDESTE

Os Xangôs do Nordeste, designação dada ao cerimonial praticado em Maceió, Recife e Paraíba, embora fortemente marcado pelo ritual dos candomblés da Bahia, mantêm sua característica própria.

Assim, enquando o candomblé da Bahia vem se mantendo mais severo em seus preceitos, mais fechado em seu ritual, o Xangô (não Orixá), permanece bem mais liberal, admitindo certas misturas, como observamos nos candomblés de caboclo.

No Xangô e candomblé de caboclo, há concepção de que o mundo celestial não se encontra demasiadamente distante e nem em plano tão superior e afastado da possibilidade e entendimento entre filhos e entidades. Por tal motivo, o assistente pode conservar diretamente com seus Orixás.

É fato comum na prática dos Xangôs do Nordeste, principalmente em Recife, Alagoas e Paraíba, encontrar-se no mesmo terreiro, tanto Orixás Africanos, como mestres do catimbó e caboclos ambos irmanados no desejo de socorrer, de atender, de esclarecer e de salvar os irmãos em hora de aflição e de dor. Isso dá idéia precisa da harmonia reinante entre os diversos cultos professados no Nordeste. Entretanto, é preciso deixar esclarecido, que os preceitos são observados à risca, embora, em alguns casos, haja concessões especiais ao protetor. Nunca porém, tais concessões são verificadas nos Xangôs, no que se refere às leis originárias da África, que se mantêm imutáveis dentro do culto. Quanto à descritiva em lide e calcadas na experiência dos nossos 34 anos de sacerdócio, podemos assegurar que tais práticas não foram e não poderão ser alteradas na sua essência.

EGUNS NA UMBANDA

A linha das Almas ou linha de Eguns, como é conhecida tem grande força espiritual, pois nela baixam todos os Eguns, de todo o ritual, trabalhando, também, em legiões de espíritos da natureza – que são Orixás – mas, quando baixados na mesa das Almas, são de muita utilidade, sendo que esses espíritos só baixam depois das 23 horas. Havendo, entretanto, exceção, quando baixam a qualquer hora para (*sacanga*) desenterrar malefícios.

Foi sincretizado na Umbanda, São Miguel, como protetor das Almas, sendo chamado de São Miguel pelos católicos. Os iniciados nessa linha, chamam-se *Macambas*. Já, os sacerdotes, *Tatas* e as mulheres, denominam-se *Mucambas*. Usam guias de guiné preta. *Estado* é o local onde colocaram-se as imagens dos Santos, tendo como preferidos dentro da cultuação, São Miguel, Santo Antônio, N. S. da Conceição, São Roque, São Campelo, São Benedito, N. S. Aparecida, São João e outros.

Quando se abre uma mesa, com ponto riscado no chão, usa-se como objetos indispensáveis; tijelas brancas, vinho, gronga (bebida do culto), cachimbos, grandes ou pequenos, quimbandu (palmatória), rosários de diversas espécies, cruz de guiné, pemba, cima (cinza), mungo (sal), espelhos de diversos tamanhos, ponteiros (punhais), alguidar contendo raízes para a preparação da bebida (gronga). Antes do início dos trabalhos, são todos cruzados, não sendo permitido a presença de mulheres em estado de menstruação. Baixam naquela mesa espíritos de todas as filhas da Natureza ou evolutivos, que tem a missão a cumprir na terra, como Pai Cambinda, Pai Benguela, Pai Monjolo. Nesse ritual, quando morre um *camba*, queimam-se todos os objetos de uso, lançando-os em águas de rios correntes. Os Eguns são festejados ou louvados sempre no mês de novembro.

CULTO VODUM

No culto dos Voduns, seus filhos, que são reputados como possuidores de grande poder, ocupam-se no trabalho de fazer do torto o direito e, naturalmente, na maioria das vezes, fazem o contrário. Costumam, por exemplo, endireitar a vida do próximo, zelar pela boa ordem social e outras coisas mais. Mas, infeliz daquele que provocar a sua cólera ou desencadear o seu ódio, estará perdido. No Sul da região do Togo, Costa do Ouro, na África, onde o culto dos Voduns é observado, tudo é bem diferente das escolas de iniciação prénupcial, em que se preparam as moças para serem ótimas mães de família e produzirem bastante prole.

O culto dos Voduns é uma escola secreta de magia, e as noviças que dela participam, na maioria das vezes, lutam nessas escolas (terreiros) pagando alto preço pelo curso, duração nunca menor que três anos. Os conhecimentos que recebem são variados, e a disciplina é muito rígida. Dormem no chão, sobre algumas folhas de bananeiras, alimentação trivial, castidade absoluta e regime celular. Passado o período de solidão, que não é curto, aí é permitido a noviça

penetrar no laboratório, onde pessoa competente ensina-lhe um sem número de coisas, inclusive o manejo de apetrechos exóticos usados nos trabalhos da Oficina. No fim do estágio, que só se completa depois de alguns anos deverá a futura "Maga" (Ialorixá) passar pelo rito de sagração. Este é constituído de processos tétricos, incutindo no espírito da nova feiticeira, uma tristeza vitalícia, ou uma lealdade egoísta, inspirada por seu coração empedernido.

À feiticeira do Vodum não é permitido, com efeito, nenhuma ternura mundana, nenhum sentimento humanitário. Ela é a expressão de um domínio brutal sobre a natureza.



O JIWO S'INAM
(O ROUBO DO FOGO)

Antigamente, Kawahiva secava a comida ao sol. Não havia fogo. O chefe dos Kawahiwas, Bahira, foi ao mato, fazer uma experiência.

Cobriu-se de cupim, deitou-se, fingindo que estava morto. Veio a mosca varejeira, viu aquele morto e foi avisar ao urubu. O urubu era o dono do fogo, e o trazia sempre consigo, debaixo das asas, dizem. O urubu desceu do céu, então, acompanhado de outros urubus, da mulher e dos filhos.

O urubu era gente, tinha mãos. Preparou o moquém e pôs debaixo dele o fogo, mandando que os filhos vigiassem. Os filhos viram que o morto estava bolindo. Disseram ao urubu e o urubu não acreditou nos filhos. Disse-lhes que fossem matando as varejeiras com as flechinhas, que haviam trazido. Quando o fogo debaixo do moquem estava aceso, Bahira se levantou de repente, e o roubou, fugindo. O urubu saiu a persegui-lo, com a sua gente, Bahira se escondeu no oco do pau. O urubu e sua gente entraram no oco do pau, atrás de Bahira. Bahira saiu do outro lado e atravessou o tabocal cerrado. A gente dele, os Kawahiwas, estavam na margem do rio largo. A gente dele, os Kawahiwas. E era muita gente, Bahira pensou de como levaria o fogo roubado ao urubu. Chamou a cobra-surradeira. Pôs-lhe o fogo às costas e mandou levá-la para sua gente. Como a surradeira correu muito, logo saiu à toda. No meio do rio, porém, a cobra morreu queimada. Bahira com um cambito, puxou o fogo para si. E o pôs noutras cobras. As cobras iam até o meio do rio, mas não resistiam ao calor do fogo: morriam. Bahira puxou o fogo, pegou o camarão e pôs-lhe o fogo nas costas. O camarão foi até o meio do rio, mas não resitiu ao calor do fogo, morrendo queimado, todo vermelho. Bahira puxou o fogo para si, de novo. Pegou o caranguejo e pôs-lhe o fogo às costas. O caranguejo foi até o meio do rio, mas morreu ficando igual ao camarão, que se queimara. Bahira puxou o fogo e pôs às costas da saracura. A saracura que anda muito, foi até o meio do rio e morreu queimada. Então Bahira pegou o cururu. O sapo foi aos pulos até perto dos Kawahiwas, a espera noutra margem do rio. Como já ia meio morto de cansado, os Kawahiwas o puxaram para a terra com um cambito e uma vara. E levaram o fogo para a maloca. Bahira, do outro lado pensou como deveria atravessar o rio largo. Mas Bahira, do outro lado, era um grande pajé; fez o rio estreitar-se, deu um pulo sobre as águas e foi a procura de sua gente. No final de tudo, o cururu virou pajé.

QUIBAMBA

Vou contar um alô que um cambutu que nasceu no meio dos matos contou a meu avô. Os bichos encantados marcaram um dia em que todos deviam se juntar para combinarem o que deviam fazer, mas, por medo uns dos outros, ficaram pelos caminhos ou nos matos, até mesmo o camundongo que era o menor de todos.

Quibamba ia (pois Quibamba não tem medo de nada e ninguém se mete com a vida dele pois sabe no que está), mas, no caminho, viu umas mutambas vestidas só com umas saias de folhas de bananeiras dançando, como lundus, e meteu-se no meio delas tocando puita com as asas e garganteando uma maconga.

As negrinhas gostaram muito da presença dele, que é desesperado por uma folia, e dançaram para ele ver, uma atrás da outra, as mãos nas cadeiras formando rodas.

Estava no meio do gosto quando apareceu um cafunge, que era açá, todo esbaforido, dizendo que se escondeu numa munganga com medo do hongolô que estava bebendo a água toda do rio, perto do benzo.

Quibanba que estava bem do seu, comendo muzambé, atirou a quenga prá longe e saltou no meio do terreiro cantando e sambando, com cada olhão arregalado pro moleque que até metia medo.

Gunocô, axexê.
Elegbá, gongolô.
Irocô, tatanquê.
Cahumbu caxingó.

As ocaías que estavam apreciando as sungas das mutambas e tocando querequéxé para elas não perderam o gunzo do lundu, repetiram a maconga do quibamba. O açá não gostou, pensando logo em matar o encantado, mas nem se mexeu porque os encantados, (de Olorum e Exu) adivinham tudo.

Não foi nada não. Quibamba bebeu um gole grosso de marafo, disse umas palavras que ninguém ouviu e o cafunge foi se virando em pé magalô e cantando arrependido:

Gunocô, Tatanguê,
Irocó mangaló.

As calumbas dançaram mais contentes pelo castigo que Quibamba deu ao mentiroso.

ARGUMENTO: Marcada uma reunião de encantados, uns com medo dos outros, não compareceram Chibamba ou Quibamba, que não tem medo de nada, é, em caminho surpreendido com uma festa de donzelas vestidas apenas com saias de folhas de bananeiras a dançar lunduns, (festa de Omulu). Não resiste: deixa de ir à reunião e mete-se no meio delas. Mostra seus dons mágicos; faz das asas piútas e garganteia uma canção, as moças de mãos nas cadeiras, alegres de sua presença, dançam para ele ver. Em meio dessa alegria aparece um moleque sarará, todo esbaforido a dizer que se escondera numa abóbora com medo do arco-íris (Oxum-Maré) que bebia água no rio, perto de uma rua torta.

Quibamba, que está fazendo uma refeição, atira longe o casco de coco que lhe serve de prato e salta cantando e dançando em ameaça ao recém-vindo: — "Alma do mato, prece defunto, espírito do mal, centopéia, remédio de feiticeiro coisa pequenina baixa como um toco".

As mulheres que estavam vendo as dançarinas, levantaram as saias de folhas de bananeiras e tocando ganzá para elas não perderem o compasso do lundu, repetiam esses insultos. O sarará pensa em tirar vingança de Quibamba. Este adivinha e o imobiliza. Bebe um gole de vinho de palmeira diz uma palavra mágica e aos poucos transforma o negrinho em pé de feijão. Este arrependido, repete, com tristeza os xingamentos: — Eu sou mesmo alma do mato, remédio de feiticeiro, centopéia, pé de feijão. E as negrinhas dançam mais contentes pelo castigo dado ao mentiroso.

Seria essa por ventura uma das aparições de Omulu pois fala-se em folhas de bananeiras, vestimenta predileta de Omulu ou Obaluayê.

OS TRÊS MANDUS

Vamos apresentar, reconstituídos, mais três tutus Angoleses, o que não importa sejam dedicados aos três grandes Orixás do culto Gêge Yorubano, considerada a fusão das religiões Afro-Negras na Bahia.

Um zambê ou zambetá, a Xangô. Um cambê ou cambaio, a Ifá. E um manê ou manetá a Obatalá. Nas grandes festas que se faziam no terceiro domingo de dezembro em honra a Iemanjá na praia do fortinho, em Tapagipe, apareciam três Mandus tocando, respectivamente, atabaques, berimbau, de boca e recumbo sem ninguém ver os instrumentos.

Quinze dias de festa de santo, comidas Afro-Baiana e procissão marítima para os filhos levarem presentes à mãe d'água que mora num palácio encantado, bem no fundo do mar, entre as praias de Paripé e a ponta das neves da Ilha da Maré.

A excessão dos Malés todos os negros achavam-se ali, as moscas, as cadeirinhas de arruar as cargas, as mulas (carro de quatro rodas) de que usavam as casas comerciais, os guindastes dos cais e dos trapiches e as vendas avulsas de efó, acarajé, e outras iguarias.

Presidia os festejos um preto velho equeji do culto Gege-Yorubano, sumo sacerdote da Ognobi, a quem todos os equejis-orixás prestavam obediência e de quem todos recebiam ordens e instruções, chamando-o, sempre com as cabeças curvadas, babá, pai.

Morava perto do lugar dos festejos, na rua do Bispo, onde o procuravam grandes e pequenos, ricos e pobres, gente de todas as escalas sociais — o que lhe deu grande prestígio de ser obedecido até pelas maiores autoridads.

Antarés foi o novo nome que lhe dera o Ogboni ao iniciá-lo nos grandes mistérios, — nome que tornou público ao integrar-lhe os destinos do alto culto Gege-Yorubano, na Bahia, senão mesmo de todo Brasil, pois, ainda hoje a velha capital é ávida como guarda das tradições religiosas de Ilu-Ayê.

E assim o humilde Tio Zuzê (José) passou a iluminado e veneroso Antarés — estreia refulgente do coração de escorpião, em cujo signo o sol passa entre 22 de outubro e 23 de novembro.

Era esta mudança, a influência Árabe que ainda persistia e dominava nos antigos rituais de Ogboni, influência que desapareceu, pois os nascidos de novo no Brasil são na maioria, iniciados pelos Babalorixás feito que guarda a tradição dos ancestrais vindos da Nigéria. Hoje, as práticas mudaram, pouco são os que seguem a tradição dos novos antepassados, os pais-de-santo atuais procuram seguir mais ou menos imitando assim as devoções católicas e abolindo o uso do primeiro domingo dedicado a Xangô, o segundo a Ifá e o terceiro a Obatalá. Assim, contou-me Tio Zuzê (José) a história dos três mandus: Um homem zaré se casou com uma mulher concurda e, não sei porque, era milonga pra lá e milonga pra cá todos os dias. De uma feita, o marido se aborreceu e soltou etê (praga).

Xangô faça que teu filho saia zambê. Quando o menino nasceu era zambê. Os dois ficaram muito triste mais a vida ruim deles dois, não mudou. Numa ocasião brigaram muito

e o marido soltou de novo até nova praga. Ifá há de fazer com que teu filho saia de cambê.

Dito e feito. Quando o menino nasceu era cambê. Os dois se arrependeram muito e juraram que nunca mais haviam de brigar, mais isso não durou muito. Um dia quase se mataram e o marido xingando a mulher soprou no orobô um novo atê: Obatalá há de fazer que teu filho saia manê. Quando chegou o tempo, o menino nasceu manê. Vendo o castigo dos Orixás, o casal, desse dia em diante, começou a viver bem. Os Muanas (meninos) foram crescendo, mais todos foram ficando carecas como o pai. O mais velho, o que era de Zambê aprendeu a tocar ilu (atabaque). O do meio, o que era cambê, tocava berimbau. E o mais moço, o que era manê tocava rucumb. A família morava nuns quissaçás, longe das vistas do povo, e, por isso, ninguém conhecia os Muanas. Havia, porém uma festa grande para Iemanjá e nela havia de tomar parte todos os que não fossem Malês, grandes e pequenos, velhos e moços, machos e fêmeas, aleijados e sãos. Os pais ficaram muito tristes e arrependidos de tanto tempo que perderam em milongas e etês, mas tinham que levar os filhos senão Iemanjá se zangava. A coisa estava nesse pé, quando, no dia da festa, de manhãzinha, um moleque apareceu procurando a dona da casa. Ela veio e ele entregou três sacos de pano branco, cada um tendo um quibando e um pauzinho e também um cacete, por dentro de cada saco, pregado em cada quibando.

— Quem mandou?

— Obá-Xan-Ifá.

A família pulou de alegria, porque os Orixás queriam que os Muanas fossem a festa de Yemanjá, ninguém podendo descobrir os defeitos deles. E cada um dos filhos se vestiu logo com seu saco. Os quibandos assentaram nas cabeças e os pauzinhos ficaram como braços duros atrás das costas. Cada um amarrou os cordões na cintura prendendo o saco e, como o cacete, abaixava e suspendia o quibando. Ninguém podia conhecer eles, nem descobrir que eram defeituosos, pois os sacos encobriam todo o corpo e não se podia ver nem as pernas e nem os braços. Quando a festa estava mesmo na quentura, os três apareceram. Aí é que foi gente a correr de medo: — E vem tutus do mato! Os tocadores, pensando que isso fosse prá se acabar com a função, abriram toda carreira: E vêm os três Mandus! Até hoje correm com medo, e o povo atrás deles, correndo também, grita assombrado: — E vem os três mandus! ARGUMENTO. Um marido zargo e uma mulher corcunda vivem em continua desavensa. De uma feita, o marido zanga-se e pragueja pedindo a Xangô que cas-

tigue a mulher fazendo com que o filho nasça zambeta. A praga pega, mais o casal não se emenda. Nova praga, agora a Ifá para que o segundo filho nasça cambaio. O desejo é satisfeito. Arrependidos juram-se harmonizar. Não resistem e quase se matam. O marido sopra no Orobô invocando os poderes de Obatalá para que o terceiro filho seja maneta. O castigo realiza-se, mas os esposos reconciliam-se para sempre.

Os filhos crescem e são carecas tal como o pai. O zambeta aprende a tocar atabaque, o cambaio, berimbau; e o maneta, rocumbo. A família mora numas terras que outrora foram cemitério, longe das vistas do povo.

Ninguém conhecia os três filhos do casal! Aproximava-se a festa de Yemanjá e todos os negros, exceto os Malés, tinham que lhe render graças, não importa sexo nem idade. Os pais entristecem: haviam perdido tanto tempo em restingas e pragas para agora todo mundo se descobrir na festa de Yemanjá. No dia, pela manhã, um moleque apareceu à procura da dona da casa. Entregou-lhe três sacos de pano branco, cada um com um quinbando e um pauzinho, além de um cacete por dentro de cada saco, pregado em cada quibando — quem mandou? — perguntou a corcunda — Obá-Xan-Ifá, — foi a resposta. A família alegra-se com o presente dos Orixás que encobre os defeitos dos rapazes na festa de Iemanjá. A festa vei em meio quando eles aparecem ocultos nessas fantasias. O povo dispersa-se gritando: — Os tutus do mato! — os tocadores, também: — os três mandus.

E até agora todos correm assombrados, com os três mandus. Esses três tutus angoleses que registro acima são Mandus, fantasmas em Quibundo. Nada justifica sua familiarização com o ótimo zumbi, espectro, fantasma, duende, na língua, pelo fato de haver o tutu zambê. Mesmo que o termo zambê não fosse brasileiro, zumbi é fantasma permanente em zambe, um fantasma simulado ou ocidental.

A MÃE DO OURO

Nos princípios do mundo havia uma velha, muito velha, que até parece haver a morte se esquecido dela. Quase não enxergava, nem podia andar, tremia ao menor movimento e muito mal se ouvia as suas palavras. De perto ninguém a vira e jamais nem houve quem se animasse a ir ao seu encontro ou ao seu pouso, nem ao barraco no meio das montanhas.

Havia, entretanto, um casal que não acreditava na voz do povo e sempre dizia a filha:

— Menina, a velha que ninguém sabe quem é, há de ser uma fada.

Um dia chegou a morte e carregou com os pais da moça. Vendo-se desamparada e sem pão, tomou o caminho para as montanhas.

A velha foi buscá-la no meio da ladeira e levou-a para casa. A gente do lugar achou graça, tanta beleza e tanta mocidade sepultadas com aquela mulher, que vira nascer o primeiro Deus e se tornara a mais feia e velha do mundo. A moça, porém, tinha-se por feliz. No buraco da montanha tudo era de prata: — paredes, teto, chão, pilares tudo como de musgo ou de filigrana, ou antes, como árvores sem folhas.

A abundância e a paz reinava ali. À noitinha, quando a moça adormecia, a velha como vagalume, descia a montanha e ia até a beira de uma lagoa, que os homens diziam, assombrada. Suspirava três vezes. As águas borbulhavam e sorriam, as flores fechavam-se e tornavam-se em donzelas formosas e rapaizinhos alegres, à música das ondas e ao cântico das folhas e das plantinhas, que se dobravam como se o vento as agitasse, pares dançavam contentes, e depois que se fartavam naquele prazer a velha suspirava para dentro e tudo voltava ao que era. A moça ignorava tudo isso e até mesmo o nome da criatura que todos chamavam de mãe do mundo e os dias foram se passando assim. Numa noite, a velha falou, trêmula a voz arrastada quando chegasse a lua cheia, as duas iriam tomar banho na lagoa. E quase no mesmo instante, a lua apareceu toda cheia, iluminando a terra como se fosse o sol. A moça obedeceu supondo a velha sem forças para a jornada, amparando-a pelo caminho, lembrando-se do que lhe disseram seus pais. Aos poucos, a realidade ia se fazendo. Mãe do mundo ia se rejuvenescendo, suas carnes endureciam. De seus olhos saiam longos fachos que descobriam os caminhos que as copas das árvores sombreavam, as ramas dobravam-se, cantando hinos, tudo era perfume e alegria. As duas despiram-se à beira da lagoa, o corpo da velha era um espelho de prata em que as estrelas brilhavam e a lua refletia em todo seu esplendor. A moça não mostrou assombro, aquela mulher lhe merecia tudo, devia ser feita do que de melhor houvesse no mundo. Mãe do mundo compreendeu o pensamento dela, e logo, das águas surgiu um palácio maravilhoso de cristal e pedrarias. As duas entraram no banho. As águas amarelaram os cabelos da moça a terra abriu-se e as recebeu. Mãe do mundo desapareceu e com ela, o lago e o palácio, a moça tornou-se encantada e invisível aos olhos dos que, às vezes, encontram um ou outro fio de

seu cabelo. Saiu pelo mundo a banhar-se nos lagos deixando a terra engolir os cachos, as penugens e os pedaços de seus cabelos que não cessavam de nascer e de crescer de repente.

Um dia, um caçador viu um corpo de mulher revolver-se na corrente de um rio fundo.

Seu corpo e seus cabelos eram de ouro a terra de vez em quando se abria e se fechava. Se isso espantou o homem, também lhe deu coragem a atirar-se na água quando um braço forte o deteve.

Era uma velha horrível, esmulambada, fedorenta. Sua voz, como se viesse de dentro de um buraco, ecuou: fecharam-se as entranhas da terra, paralisou a corrente do rio, o vento não soprou.

— É a Mãe do ouro! O caçador, os cabelos de pé, viu o rio secar-se e a moça transformar-se numa serpente e correu com medo dela, mundo afora, encontrando por toda parte dos loiros da moça que a Mãe do mundo transformou em serpente e deu o poder de morar até acima das nuvens.

(Oxum-Maré, o Arco-Íris). Depois que a mãe do ouro transformou-se na serpente sagrada caíram chuvas de ouro em todo o continente Africano.

O ouro que o solo guardou não cresceu mais, é esse ouro que o homem acha em filões, em bolas, pó, com muito trabalho. São os cabelos da mulher que Mãe do mundo acolheu em sua gruta de filigranas de prata e levou-a a banhar-se no lago, em que mais tarde, a mesma transformou-se em arco-íris. É a nossa Dan, Oxum-Maré.





O Orixá-Regente — Consultando os búzios, a amostragem, na configuração da caída do Orixá-regente do período.



Verificação do Orixá-Regente – Momento exato em que o Autor, Rei do Candomblé, efetuava a caída dos búzios para determinar o Oxirá-Regente, do ano

BIOGRAFIA DO AUTOR

O Prof. *José Ribeiro de Souza, Rei do Candomblé* no Brasil e Cardeal-Primaz da Igreja Espiritualista do Brasil, nasceu na cidade de Salvador, no Estado da Bahia, no dia 22 de abril de 1930.

Aos 13 anos ingressava na *Lei-do-Santo*, entregue à prestação da caridade aos necessitados, sendo procurado por uma infinidade de filhos-de-fé procedente dos mais distantes pontos do Recife, pois para lá havia se transferido, atendendo aos interesses da família.

Fruto do próprio esforço e nutrido por uma vontade férrea de aprimorar-se em conhecimentos exigidos para o sacrifício do culto galgou os escalões do respeito, da sabedoria e do prestígio – atributos adquiridos de maneira a mais espinhosa –. Venceu sem um mínimo de condições indispensavelmente favoráveis. Não se intimidou ao deparo das adversidades e caminhando célere, atingiu seu mais nobre e honesto propósito: o de ser útil aos seus semelhantes.

Viu-se cercado pelas benesses da Força Superior, ao instante em que recebeu, como prêmio, uma viagem de estágio para estudos na famosa Universidade de Coimbra. Assim o fazendo, dali embrenhou-se em temporadas tópicas e sucessivas pela África Portuguesa, enriquecendo o seu campo de conhecimentos etnológicos. Da ação empreendida foi-lhe proporcionado o alcance da cátedra que hoje possui.

Professor de Línguas Sudanesas do Instituto de Estudos Afro-Brasileiros, membro do Supremo Conselho Sacerdotal da União Nacional dos Cultos Afro-Brasileiros, sacerdote do culto nagô desde 1944, jornalista profissional mantendo colunas assinadas em vários jornais do Brasil, membro-fundador do Círculo de Escritores de Umbanda, compositor e intérprete de músicas folclóricas e afro-brasileiras, tendo gravado três LPs: *No Reino de Angola* – gravação Todamérica, *Canto e Encanto dos Orixás* – gravação Guarani e *Louvação aos Orixás* – gravação RCA, membro da Academia de Letras do Vale da Paraíba, conferencista internacional, tendo realizado conferências em Buenos Aires, Caracas, Assunção, Paris, New York, Califórnia, todas versadas sobre o folclore afro-brasileiro e a Formação Etnológica do Negro Brasileiro, com Diploma de Honra do Instituto de Parapsicologia e Cosmobiologia do Panamá, professor de folclore formado pelo Centro de Estudos Nize Poggy Obino, de Brasília, agraciado pelo Conselho Estadual de Cultura e pelo Comando do 1º Exército, em razão de sua obra didática intitulada Brasil no Folclore, artista do cinema nacional, tendo participado de dois filmes: Dona Flor e seus Dois Maridos e Cordão de Ouro, além de gravações para a Rede Globo de Televisão. Com o advento da fundação da Igreja Espiritualista do Brasil, foi conduzido à condição de seu Cardeal-Primaz. É o único professor de Línguas Sudanesas no Brasil, reconhecido pela Organização das Nações Unidas (ONU).

No campo da literatura afro-aborígene é autor das seguintes obras: *Dicionário Africano de Umbanda, Candomblé no Brasil, Orixás Africanos, Comidas de Santo e Oferendas, Jogo dos Búzios, Cerimônias da Umbanda e do Candomblé, Festa dos Eguns, Pontos Cantados nos Candomblés do Brasil e da África, O Poder das Ervas na Umbanda, O Ritual Africano e Seus Mistérios, Amalás, Omulu – O Senhor do Cemitério, Oxalá – O Médium Supremo, Pomba-Gira Mirongueira, Brasil no Folclore, Magia Africana, Culto Malê, Catimbó de Zé Pelintra, No Reino de Angola, Tranca-Ruas das Almas* e agora este.

Reconhecido como sendo a maior autoridade em Candomblé no Brasil, completou em 1968 o seu *Jubileu de Prata*, dentro da *Lei-do-Santo*.

Com o desaparecimento de Joãozinho da Goméia, foi aclamado e coroado por um Conselho formado por Tátas e Babalorixás, presidido pelo saudoso Tancredo da Silva Pinto, o novo *REI DO CANDOMBLÉ*.

É filho do *Orixá IANSÃ*, cuja dijina é *EGUN-NITÁ*.

O seu Orunhó (nome), decorridos 30 anos, foi ouvido como: *Oyaci Ny Afobá Ilá Ti Egun-Nitá.**

*Sua casa de santo, ou seja, o Palácio de Iansã, está localizado na Estrada Santa Efigênia, 152 – Taquara – Jacarepaguá, Rio de Janeiro – Brasil – Telefones: 342-2176 e 342-2603.

ALGUMAS PREVISOES

Previu a renúncia de Jânio Quadros;
Previu a queda de João Goulart e sua morte;
Previu o recente desfalque na União Brasileira de Compositores (UBC);
Previu o atentado ao Papa João Paulo II;
Previu a queda de Izabelita Perón, como também, a sua liberdade;
Previu o envolvimento de um famoso cantor-compositor com a Justiça (Lindomar Castilho);
Previu o envolvimento de um banqueiro de bicho com a Justiça, no caso Anízio;
Previu a derrota da seleção brasileira no mundialito de futebol no Uruguai;
Previu a morte de uma famosa cantora (Ellis Regina) – O Cruzeiro de 15/01/82;
Previu a morte de Amaury Jório, ex-Presidente da Associação das Escolas de Samba do Rio de Janeiro;
Previu a morte de um ilustre político no Rio Grande do Sul (Batista Luzardo);
Previu a classificação de três Escolas-de-Samba em 1º lugar: Portela, Beija-Flor e Imperatriz Leopoldinense.



ÍNDICE

CAPÍTULO I

Origens 15
Costumes e Sacrifícios 18
Magia 21
Menga 22
Exês 22
Otá 23
Ebó 23
Despacho 25
Evocação 25

CAPÍTULO II

Sincretismo Afro-Católico 27
Pajelança 27
Axexê 28
Retorno 28

CAPÍTULO III

Elegbará 31
Exu e Pombagira 31
Padê de Exu 32
Orixás: Ogum 32
Oxóssi, Omulu 33
Nanã Buruku, Oxumarê, Xangô, Yansã, Yemanjá 33
Oxum 34
Oxalá, Obatalá 34
Voduns 34
Xangô 36
Oyá ou Yansã 38
Hevioso 38
Oranian 39
Ogum 42
Oxóssi 46
Exu Elegbá 47
Ayizam 49
Nanã Buruku 49
Oxum 50
Yemanjá 55
Dan-Oxumarê 56
Ossanyin (Ossanhe) 57
Sakpata – Shapanan 58
Loko 59
Obatalá – Lissa 60
Akpalô 63
Gunocô 64
Omá 65
Adjauto 66
Zangbeto 67
Tutu Moringa 67

Gonga 69
Nironga 69
O Cavalo de Janaína 70
Cassarangongo 71
Omulu 73

CAPÍTULO IV
Preceitos 75
Alimentos 75
Matança 75
Deveres 76
Quimbandeiro 77
Preto Velho 78
Superstição 79
Sono da Alma 79

CAPÍTULO V
Vestes, Apetrechos e Fetiches 81
Cores dos Orixás nas Diversas Reg. Brasileiras 81
Kelê dos Orixás 82
Apetrechos e fetiches 82

CAPÍTULO VI
Nascimento dos Orixás 83
Ressurreição 83
Adivinhação 84
Transe 84
Troca de cabeça 85
Lavagem das Guias dos Orixás 86
Fechamento do Terreiro ou LOROGUN 86
Jogo de Búzios ou Delogun 87
Comida de Santo 88

CAPÍTULO VII
Hierarquia Sacerdotal 89
Terreiro 90
Peji 90
Toques 91
Xirê 91
Obrigações 92
Instrumentos musicais nos Toques 94
Ritmo 94
Dias da Semana 94
Datas Comemorativas 95
Kelê 95
Baxuxu 96
Toques de Atabaques 96
Festa do Candomblé 97
Os Ministros de Xangô 98
Candomblé da Casa Branca 101
Sucessões no Opô-Afonjá 101

Os Xangôs do NE 102
Eguns na Umbanda 103
Culto Voduns 103
O JIWO S'INAM – O Roubo do Fogo 105
Quibamba 106
Os Três Mandus 107
A Mãe do Ouro 110

BIOGRAFIA DO AUTOR 113
Algumas Previsões 114

IMPRESSÃO E ACABAMENTO

COLLOSSUS
EDITORA GRÁFICA LTDA.
Rua Sargento Silva Nunes, 154 -
Ramos - Tel. 270-3946 - RJ

"Magia do Candomblé" é compêndio imprescindível em sua biblioteca, além de se constituir em consultor nos esquecimentos.

Manuseando a presente obra, o ledor amigo dá, sem querer, uma revirada no tempo e no espaço e aporta aos primórdios do africanismo, passando, daí, por alguns momentos, a conviver nas senzalas, nos quilombos - como se a ação fosse tópica - deixando-se substanciar pela gama dos conhecimentos postos em pauta, pela pena brilhante do Prof. José Ribeiro.

Não mais que duas específicas razões conduziriam a comunidade afro-brasileira à aquisição de "Magia do Candomblé", diante da segurança oferecida: Prof. José Ribeiro e Editora Pallas, aqui congraçados.

Parabéns
Octacílio Ferreira Duque Estrada
"Babá Alá-Domin"

Cód. 2045

A Magia do Candomblé

José Ribeiro

Em mais este trabalho, o autor, reconhecida autoridade do Candomblé, introduz tópicos os mais importantes, fornecendo ensinamentos indispensáveis às diferentes realizações intrínsecas aos mistérios e fundamentos do culto.

Magia do Candomblé é obra imprescindível para todos que desejam saber mais sobre as origens da religião, o nascimento dos orixás, as obrigações dos filhos-de-santo, a importância dos ebós e sacrifícios e finalmente a hierarquia sacerdotal e os procedimentos no interior dos terreiros.

Os editores

ISBN 85-347-0050-8

PALLAS - Editora e Distribuidora Ltda.
Rua Frederico de Albuquerque, 44 - Higienópolis
CEP 21050-840 - Rio de Janeiro - RJ
Tel.: 270-0186 - Fax: 590-6996

PALLAS